

Pensadores brasileiros

da Ciência da Informação e Biblioteconomia



SOLANGE PUNTEL MOSTAFA
MÁRCIA REGINA DA SILVA
JOSÉ EDUARDO SANTARÉM SEGUNDO
organizadores

EJ Editora
UFPB

**PENSADORES BRASILEIROS
DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
E BIBLIOTECONOMIA**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Reitora MARGARETH DE FÁTIMA FORMIGA MELO DINIZ
Vice-Reitor EDUARDO RAMALHO RABENHORST



EDITORA UFPB

Diretora IZABEL FRANÇA DE LIMA
Supervisão de Editoração ALMIR CORREIA DE VASCONCELLOS JUNIOR
Supervisão de Produção JOSÉ AUGUSTO DOS SANTOS FILHO

Conselho Editorial BERNARDINA M^a JUVENAL FREIRE DE OLIVEIRA (CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS)
ELIANA VASCONCELOS DA SILVA ESVAEL (LINGUÍSTICA E LETRAS)
FABIANA SENA DA SILVA (MULTIDISCIPLINAR)
ILDA ANTONIETA SALATA TOSCANO (CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA)
ÍTALO DE SOUZA AQUINO (CIÊNCIAS AGRÁRIAS)
JOSÉ MARIA BARBOSA FILHO (CIÊNCIAS DA SAÚDE)
MARIA DE LOURDES BARRETO GOMES (ENGENHARIAS)
MARIA PATRÍCIA LOPES GOLDFARD (CIÊNCIAS HUMANAS)
MARIA REGINA DE VASCONCELOS BARBOSA (CIÊNCIAS BIOLÓGICAS)

SOLANGE PUNTEL MOSTAFA
MÁRCIA REGINA DA SILVA
JOSÉ EDUARDO SANTARÉM SEGUNDO
ORGANIZADORES

**PENSADORES BRASILEIROS
DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
E BIBLIOTECONOMIA**

**Editora UFPB
João Pessoa
2015**

Direitos autorais 2015 - Editora UFPB

Efetuada o Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme a Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À EDITORA UFPB

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade dos autores.

Impresso no Brasil. Printed in Brazil.

Projeto Gráfico	EDITORA UFPB
Editoração Eletrônica	MÔNICA CÂMARA
Design de Capa	MÔNICA CÂMARA
Ilustrações da Capa/ Contracapa	"A SOMBRA DO CAJUEIRO" (J. MIGUEL, 2008)

Catálogo na fonte:

Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba

- P418 Pensadores brasileiros da ciência da informação e biblioteconomia / Solange Puntel Mostafa, Márcia Regina da Silva, José Eduardo Santarém Segundo, organizadores.-- João Pessoa: Editora UFPB, 2015.
224 p.
ISBN: 978-85-237-0958-7
1. Ciência da informação - Brasil.
2. Biblioteconomia - Brasil. 3. Profissionais de biblioteconomia. 4. Preservação do livro. 5. Controle bibliográfico. I. Mostafa, Solange Puntel. II. Silva, Márcia Regina da. III. Santarém Segundo, José Eduardo.

CDU: 02(81)

EDITORA UFPB Cidade Universitária, Campus I – s/n
João Pessoa – PB
CEP 58.051-970
editora.ufpb.br
editora@ufpb.edu.br
Fone: (83) 3216.7147

Editora filiada à


Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Sumário

APRESENTAÇÃO	07
1 BRAZILIAN INFORMATION SCIENCE: WHAT IS IT?	11
<i>Solange Puntel Mostafa</i>	
<i>Márcia Regina da Silva</i>	
2 MARIA ROMANO SCHREIBER: PARA UMA HISTÓRIA E PRESERVAÇÃO DO LIVRO	21
<i>Cristina Dotta Ortega</i>	
<i>Maria da Conceição Carvalho</i>	
3 CORDÉLIA ROBALINHO DE OLIVEIRA CAVALCANTI: UMA ERUDITA NA BIBLIOTECONOMIA	49
<i>Márcia Regina da Silva</i>	
<i>Deise Maria Antonio Sabbag</i>	
4 CELIA RIBEIRO ZAHER: PERSONALIDADE DA ÁREA DE INFORMAÇÃO NO BRASIL E NO EXTERIOR	71
<i>Rosali Fernandez de Souza</i>	
5 O CONTROLE BIBLIOGRÁFICO NACIONAL NAS AÇÕES DE JANNICE DE MELLO MONTE-MÓR	95
<i>Mariângela Spotti Lopes Fujita</i>	
6 NICE MENEZES DE FIGUEIREDO	119
<i>Cláudio Marcondes de Castro Filho</i>	
7 NEUSA DIAS DE MACEDO EM TRÊS PERSPECTIVAS: PROFISSIONAL, ACADEMICA E PESSOAL	129
<i>Sueli Mara Soares Pinto Ferreira</i>	

8 BRIQUET DE LEMOS: UM HUMANISTA DO NOSSO TEMPO ... 149

Eliane Serrão Alves Mey

**9 UM OLHAR SOBRE O PERCURSO ACADÊMICO DA
PROF^a HAGAR ESPANHA GOMES..... 169**

Maria Luiza de Almeida Campos

Ludmila dos S. Guimarães

**10 JAIME ROBREDO: UM DESBRAVADOR DA CIÊNCIA
DA INFORMAÇÃO..... 189**

Lena Vania Ribeiro Pinheiro

11 JOHANNA WILHELMINA SMIT 205

José Augusto Chaves Guimarães

SOBRE OS AUTORES..... 221

APRESENTAÇÃO

Ciências da Informação, da Documentação e Biblioteconomia (CIDB&BI) é o nome curso de graduação em que atuam os organizadores deste livro. Fizemos uma primeira aproximação à sigla CID em livro recente de 2011 (CRIPPA; MOSTAFA, 2011) na qual identificamos um percurso de cem anos e enfatizamos, ao lado da Ciência da Informação, a Documentação e as questões epistemológicas dessas duas grandes áreas.

Em vídeo recente, os alunos do curso CIDB de 2010 fizeram uma brincadeira entre eles e nós, seus professores, na qual perguntavam se sabíamos o que era, afinal, a Ciência da Informação e a Documentação. Como as perguntas são enunciadas de “sopetão” no corre-corre de todos nós pelos corredores do curso na USP-Ribeirão, nenhum de nós conseguiu dar uma resposta satisfatória à pergunta. E pareceu-nos que a melhor saída seria explorar o riso e o engraçado:

– Repórter CIDB: Estamos aqui na Universidade de São Paulo para decifrar o seguinte mistério: o que é a ciência da informação e documentação?

Do primeiro entrevistado ouvimos a resposta: “A Ciência da Informação é uma ciência que está in-formação .. in em formação”.

O segundo entrevistado: “não tenho opinião formada”; o terceiro entrevistado: “Ciência da Informação: é uma pergunta difícil..”;

O quarto entrevistado: “... não dá pra responder isso assim de repente; vou dizer o seguinte: é irrelevante perguntar ‘o que é’; a pergunta pelo verbo ser é uma pergunta equivocada .. é muito atributiva e ninguém aguenta responder essa pergunta...”

No geral das respostas, os estudantes foram bastante espirituosos e o visionamento do vídeo renovou momentos de graça e riso coletivos na primavera do campus em 2010.

Curioso é que a literatura de Ciência da Informação apresentou, há quarenta e dois anos, em 1968, um texto enxuto de três páginas assinado por Harold Borko, um renomado psicólogo americano, inaugurando a pergunta: “Information Science: what is it?”. O ano e o nome da revista em que Borko¹ publica a pergunta são bastante esclarecedores: trata-se de um termo que já estava entre os acadêmicos americanos havia algum tempo e era intenção do autor deixar mais claro do que afinal se tratava, se dúvidas houvessem, principalmente se pensarmos que Borko se dirigia aos leitores da revista ‘American Documentation’. Tratava-se, portanto, de introduzir um termo e uma prática informacional novos no interior de uma profissão, a Documentação. O ano de 1968 coincide com a mudança de nome do Instituto de Documentação Americano que passou a chamar-se Sociedade Americana para a Ciência da informação (American Society for Information Science – ASIS).

Trazemos este fato para a apresentação deste livro porque muitas das ideias desenvolvidas por Borko estão presentes na literatura epistemológica da Ciência da Informação dos últimos quarenta anos. Quase nada pudemos dizer a mais sobre a natureza da Ciência da Informação durante nosso passado recente, além do que Borko enuncia em 1968. Suas ideias e sua compreensão do que seja a Ciência da Informação nos acompanha até hoje, as vezes com acréscimos pertinentes, outras nem tanto. No mais das vezes a literatura brasileira de Ciência da Informação sugere uma noção de interdisciplinaridade mais na linha de complementaridade do que de ruptura, dando margens a lamentações sobre falta de consenso e inexistência de metodologias próprias. Nada disso está em Borko. E, tampouco na própria Ciência da Informação. Não devemos nos esquecer, entretanto, que a Ciência da Informação nasce para tratar da Informação Científica, esse “moderníssimo conceito” dos anos sessenta como apresenta Nanci Odonne.

1 BORKO, H. *Information Science: what is it*. American Documentation, v. 19, n. 1, p. 3-5, Jan. 1968.

O alargamento da expressão 'Ciência da Informação' para todas as práticas informacionais, fazendo dela a ciência régia da informação, pode e deve ser explicado pela valorização da ciência frente a outros saberes. Com isso, entramos no século XIX com as ciências já consolidadas e chegamos ao século XX, um século considerado por alguns como breve (Eric Hobsbawn) e por outros como inexistente. Antonio Negri sugere que saímos do século XIX e chegamos em maio de 1968 sem passar pelo século XX.

A data nos chama a atenção não só por ser o maio de 68 um marco na constituição de novas maneiras de pensar o político, a cultura e a filosofia mas também porque a nova compreensão da Ciência da Informação de Harold Borko estará sendo publicada neste mesmo ano e, já nos anos setenta, ela será identificada como ciência pós-moderna por Gernot Wersig e Ulrich Neveling. E como tal, específica, local, estratégica.

Tal qual os intelectuais do pós-68 que serão específicos, cuidarão de problemas localizados no tempo e no espaço sem pretensão de modelar soluções para todos, da Ciência da Informação dir-se-á que ela também cuidará de problemas específicos, sem pretensões abrangentes mas sim funcionais, estratégicas. Argumentação satisfatória a nosso ver. Mas então, qual a dificuldade com esta ciência e quais são as reticências nas respostas discentes de um curso de graduação?

Dando sequencia às nossas investigações sobre o campo iniciadas com o livro *Ciência da Informação e Documentação* (2010) do CID/USP apresentamos à comunidade científica brasileira o livro *Os pensadores e a Ciência da Informação em 2012*. A aceitação do livro foi imediata em vários cursos de pós-graduação, o que nos incentiva a preencher nova lacuna com esses Pensadores brasileiros da Ciência da Informação.

Colocamo-nos na rota de uma historiografia esclarecedora que pouco tem sido desenvolvida no Brasil. O mais comum é vermos análises epistemológicas preenchendo o lugar do contexto histórico no acúmulo de definições ou então tratando o contexto histórico como um acúmulo de fatos, datas e nomes.

Iremos neste livro contar uma outra história ... uma história que não cometa anacronismos, que não olhe o passado com as lentes do presente, que saiba cortar fios para que outros tecidos venham nos vestir. Assim, selecionamos autores que possam contribuir nessa nova maneira de contar a nossa história. Queremos fazer valer o caráter pós-moderno desta ciência tornando-a específica, local, estratégica. Quiçá ajudar os alunos brasileiros de graduação a responder a pergunta de Borko modificada: Brazilian Information Science: what is it?

Os organizadores

BRAZILIAN INFORMATION SCIENCE: WHAT IS IT?

Solange Puntel Mustafa
Márcia Regina da Silva

Ao trazermos a reflexão sobre a Ciência da Informação brasileira inspirados pela pergunta de Harold Borko (Information Science: what is it?), percebemos que tanto nos meios estadunidenses quanto no brasileiro, a Ciência da Informação nasce em movimentos próximos à Documentação. O Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) é o órgão que abriga, nos anos setenta, o primeiro curso brasileiro em Ciência da Informação. A pergunta de Borko é também dirigida a uma comunidade de documentalistas.

O termo pensador carrega o significado “daquele que estuda e faz observações profundas” e, neste livro, o termo é empregado também para aqueles que desbravaram um Campo ainda incipiente no Brasil, seja refletindo sobre suas práticas profissionais, seja participando ativamente na consolidação das políticas e da militância em órgãos de classe.

Ao observar os dez pensadores que estão sendo homenageados neste livro, notamos também que quase todos os homenageados tiveram sua formação na Biblioteconomia, à exceção de Jaime Robredo, o cientista do campo. Três campos de saber já estão aí entrelaçados: a Biblioteconomia, a Documentação e a Ciência da Informação.

As relações entre as três áreas mereceram várias análises recentes em nosso meio: Ortega (2009) destaca em sua análise o surgimento e a consolidação da Documentação relacionando-a a história da Ciência da Informação no Brasil, por acreditar que a Documentação não tinha sido suficientemente discutida em nossa literatura. Dessa forma, destaca o início do século XX com

a participação do Brasil no Instituto Internacional de Bibliografia (IIB); os anos de 1940 até a criação do IBBD em 1954 e, por fim, os estudos do grupo de pesquisa TEMA da Escola de Comunicações e Arte/Universidade de São Paulo nos anos 1980.

Outro trabalho primoroso em sua perspectiva histórica é o de Oddone (2006), ao relacionar a criação do IBBD com a informação científica. O destaque dado pela autora à informação científica é pleno de consequências. Analisando o novo ‘regime de informação’ inaugurado com as atividades do IBBD e munida da concepção foucaultiana de emergência e não de origem, a autora esclarece que a Ciência da Informação não surgiu no Brasil de repente nos anos 1970 e sem nenhuma anterioridade. “Ao contrário, sua emergência ocorreu em um espaço onde outros saberes já estavam constituídos” (idem, p. 47). Cogita vários períodos anteriores à década de 1970 para traçar a historiografia da Ciência da Informação brasileira. Oddone emociona os seus leitores com esta primorosa análise, demonstrando que a associação entre a Biblioteconomia e a Documentação promovida pelo IBBD em seus primeiros dez anos colocam em pauta palavras, ações, instrumentos, padrões, conceitos e discursos todos novos, representantes de uma nova era, doravante um novo mundo informacional.

Ainda importa destacar a análise política de Murguia (2014), quando associa a Ciência da Informação com a Biblioteconomia e a Arquivologia na forma de um ‘poder-saber’ para afirmar o poder hierárquico que a Ciência da Informação exerce sobre a Biblioteconomia e a Arquivologia. Segundo Murguia, não há relações unívocas entre os três saberes. “Todos exercem poder em todos, o poder é exercido... a Ciência da Informação é um saber-poder, da mesma forma que a Biblioteconomia e a Arquivologia também o são” (idem, p. 6). Mas o estatuto de cientificidade da Ciência da Informação fê-la ciência rainha frente aos saberes da Biblioteconomia e Arquivologia.

Não poderíamos deixar de mencionar a conferência pela busca dos temas perdidos em Briquet (2014), em que

esta nossa história é contada em agradável estilo de ensaio tão ausente em nossa literatura. Como veremos nos capítulos subsequentes, cada homenageado teve sua importância no cenário brasileiro.

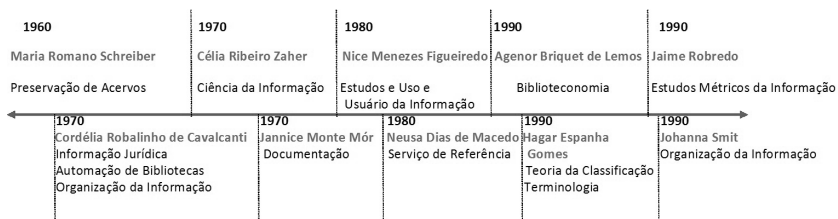
Nossa primeira homenageada, Maria Romano Schreiber, por exemplo, tem como foco de interesse a Preservação de Acervos. Hoje, há uma valorização das teorias e práticas relacionadas a essa temática, uma vez que o aprimoramento das tecnologias de digitalização aumentou a demanda para a preservação e conservação documental. Sendo os bibliotecários responsáveis pela organização e acesso informacional, espera-se que os mesmos também possam contribuir no processo de conservação e preservação dos suportes informacionais. Ao preservar a documentação, estará contribuindo para preservação da memória. A memória é objeto de pesquisa por excelência das ciências envolvidas com informação.

A trajetória dos nossos bibliotecários “pensadores” exemplifica as conexões: Biblioteconomia, Ciência da Informação e Documentação. Suas práticas profissionais estão refletidas em suas publicações.

Vemos o início do interesse pela informação especializada, em um momento que tal linha ainda era incipiente na Ciência da Informação brasileira. Cordélia Robalinho de Cavalcanti, por exemplo, enquanto bibliotecária da Câmara dos Deputados, escreveu muitos papers sobre a informação jurídica. Além disso, ela teve como “bandeira” a inclusão da informática na formação do bibliotecário. Suas contribuições para o campo da Organização da Informação também são originárias de sua prática como bibliotecária. Cordélia demonstrava-se receptiva com os rumos da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Por agora, a Figura 1 permite situar a co-ocorrência da Documentação e Ciência da Informação no Brasil delineada pelas figuras de Célia Zaher e Jannice Monte Mór.

Figura 1 – Linha do tempo dos pesquisadores da CI brasileira, homenageados neste livro



Fonte: Elaboração própria

A Figura 1 destaca a década de maior concentração da produção científica bem como as principais temáticas de estudo de cada pensador. Embora tenha sido realçada a temática principal na trajetória desses autores, muitos deles transitaram em várias frentes de pesquisa e atuação profissional.

Os anos 1980 apontam na mesma linha os estudos de usuário e os serviços de referência, temas mais próximos à Biblioteconomia. No entanto, trata-se já de uma Biblioteconomia modificada ou revolucionada pela Ciência da Informação, pois já estaremos falando em informação científica e tecnológica com bibliotecas universitárias e de pesquisa inteiramente consolidadas no Brasil. Não se tratam mais de bibliotecas de lazer cumprindo seu papel civilizatório ou educativo que marcou o desenvolvimento da Biblioteconomia no século XIX ou início do século XX. Frequentemente, associamos o surgimento da Ciência da Informação com a explosão bibliográfica do pós-guerra para justificar os tratamentos diferenciados que esta informação científica e tecnológica exigiu. Nem sempre conseguimos relacionar as transformações que as bibliotecas sofreram diante da nova Ciência da Informação.

Parece-nos que as preocupações dos anos 1990 representados pelas temáticas das linguagens documentárias nos trabalhos de Hagar Espanha e Joahanna Smit são mais facilmente identificadas ao campo da Ciência da Informação do que o foram

as temáticas dos anos 1980, embora os estudos de linguagem documentária paulistas tenham se iniciado em fins da década de oitenta e nomeados por Ortega como estudos de Documentação, conforme a denominação europeia que lhe dá origem.

Os movimentos destas áreas com suas especificidades se embaralham e acabam por causar fraturas entre as instâncias ou associações de classe, dando margem à separação entre atividades de pesquisa e formação profissional, ou entre cursos de pós-graduação e cursos de graduação, aquele para formar o cientista da informação e este formando o profissional bibliotecário.

Na mesma década de 1990, os Estudos Métricos da Informação assinados por Jaime Robredo compõem como consequência do desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação, com o surgimento do periódico eletrônico e bibliotecas digitais, e como efeito o apagamento da mediação ou intermediação entre as instituições e os seus públicos.

Se em meio às novidades da Ciência da Informação as bibliotecas renovariam suas práticas no trato com o usuário e as coleções, as questões mais amplas de produção e disseminação do conhecimento científico entre países desenvolvidos e em desenvolvimento pareciam centrais para intelectuais como Agenor Briquet nos mesmos anos oitenta. Hoje o tema é alvo de novas problematizações frente aos repositórios digitais e suas curadorias exigindo novas expertises, novos desdobramentos do que coleções impressas e fixas nas estantes institucionais dos anos oitenta.

Os estudos métricos da informação científica e tecnológica foram um ponto chave nas novidades trazidas pela Ciência da Informação brasileira dos anos 1970, passando por um recrudescimento na década de 1980 e ganhando novo fôlego com o surgimento de áreas gerenciais como Gestão de Ciência e Tecnologia, Inteligência Competitiva e Gestão do Conhecimento a partir dos anos 1990. A área hoje está consolidada com notável

desenvolvimento demonstrado pelo grupo de pesquisa da ANCIB “Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia e Informação”.

Note-se também que os estudos de linguagem e organização da informação ocupam lugar de destaque na Ciência da Informação brasileira, abrigados em grupo de trabalho próprio na mesma ANCIB.

Não só a Bibliometria foi retomada, mas surge nos anos 1990 um movimento forte de retorno à Documentação nas releituras de alguns pensadores americanos e canadenses desenvolvido em Crippa e Mostafa (2011), em que é possível perceber também a apreciação de alguns teóricos brasileiros pela noção de documento e da prática correspondente, a Documentação.

A coexistência entre a Documentação, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação nem sempre foi pacífica justamente por representar conservação e ao mesmo tempo transição para práticas novas trazidas em cada movimento de poder-saber. As tensões entre as três áreas como a Biblioteconomia, a Documentação e a Ciência da Informação perpassam os últimos cinquenta anos.

As metrias e o movimento neodocumentalista ganham força no Brasil dos anos noventa, momento de absorção das contribuições americanas e canadenses. A década de noventa abriga esta tensão entre o desenvolvimento de uma Ciência da Informação rigorosamente científica e, ao mesmo tempo, o questionamento de tal cientificidade tanto em autores americanos e canadenses simpáticos à noção de documentos e documentação quanto entre nós.

Se as metrias servem de exemplo para a legitimidade da Ciência da Informação como prática diferenciada da Biblioteconomia e da Documentação, serão os neodocumentalistas ainda nos anos noventa que farão a crítica ao cientificismo da nova ciência ao reinvidicar mais humanismo e mais história na contação de nossa história.

Neste século vinte e um estamos sendo capazes de superar o pêndulo entre os documentos e as informações neles contidas de

várias maneiras, seja na afirmação de um continuum humanista em visão panorâmica de inspiração wittgensteiniana nos trabalhos de Saldanha (2011, 2013), seja com o sorriso dos lábios de Foucault ao cortar os fios da história estacando as continuidades, como nos faz parecer as posições de Murguia (2010, 2014).

Os homenageados desta Ciência da Informação brasileira foram escolhidos com um pouco de história e um pouco do nosso convívio com a segunda geração de autores que escreveram as bibliografias aqui presentes. Mais do que biografias ou reminiscências autobiográficas delineiam-se aqui percursos epistemológicos de nossa história recente das ciências envolvidas com informação. Muitos outros personagens poderão compor próximas coletâneas; por ora, apresentamos o primeiro grupo de homenageados com base em nossos contatos diretos.

Como organizadores deste livro, queremos louvar os homenageados e agradecer aos comentaristas-autores dos capítulos deste livro ao aceitarem a tarefa com a satisfação e a responsabilidade dos que carregam a tocha olímpica, lançando-a sempre mais a frente. A linha do tempo desenhada a partir dos capítulos será sempre mais interessante se pensada como uma linha fora do tempo. Uma linha que reúna o passado e o futuro num tempo paradoxal sempre novo. Só assim ela bifurca e faz rizoma conosco em múltiplas direções consoante um tempo e uma memória que é multiplicidade e invenção do novo por vir.

Prestar homenagem a notáveis da Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil é homenagear toda uma coletividade de bibliotecários, documentalistas e cientistas da informação, pois é a um só tempo que somos singulares e múltiplos, uns e outros, poucos e muitos, legião. A multidão é revolucionária porque nela, sobrevive curiosamente a singularidade¹. O leitor terá oportunidade de identificar os intercessores ou 'companions' na movimentação de cada notá-

1 TIBURI, Márcia. *Filosofia prática: ética, vida cotidiana, vida virtual*. Rio de Janeiro: Record, 2014. 174 p.

vel e de seu comentarista; por baixo dos cargos e das produções teóricas de cada um, há sempre uma produção não profissional rondando a criação, uma pintura, um canto, uma cor, um livro de arte, um gato. Como diz o filósofo das multiplicidades, os intercessores são sempre múltiplos: “a criação são os intercessores. Sem eles não há obra.”

REFERÊNCIAS

BORKO, H. Information Science: what is it? **American Documentation**, v.19, n.1, p. 3-5, jan. 1968.

BRIQUET DE LEMOS, A. A. Em busca dos temas perdidos. InCID: **Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 2, p. 34-50, set. 2014.

CRIPPA, G.; MOSTAFA, S. P. **Ciência da Informação e Documentação**. Campinas: Alínea, 2011.

SALDANHA, G. **Uma filosofia da ciência da informação**. Tese (Doutorado) – IBICT, Rio de Janeiro, 2013. 416p.

MURGUIA, Eduardo I. Discursividade da Ciência da informação e sua institucionalização na Biblioteconomia e na Arquivologia: Um estudo comparado. IN: ENANCIB, XI. Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xienancib/paper/viewFile/3395/2521>

MURGUIA, E. M. Saber e poder: os agenciamentos da Ciência da Informação com a Biblioteconomia e Arquivologia. InCID: **Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 1, p. 4-26, mar./ago. 2014.

ODDONE, N. O IBBD e a informação científica: uma perspectiva histórica para a ciência da informação no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 45-56, jan./abr. 2006

ORTEGA, C. Surgimento e consolidação da Documentação: subsídios para compreensão da história da Ciência da Informação no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 14, n. esp., p. 59-79, 2009.

APÊNDICE

QUADRO 1 – Formação e Período de Produção dos Pensadores Brasileiros

Pensador	Formação	Período de produção científica	Principais Temáticas de Interesse
Maria Romano Schreiber	Graduação em Biblioteconomia pelo Instituto Nacional do Livro	1953-1981	<ul style="list-style-type: none"> • Preservação de Acervos
Cordélia Robalinho de Cavalcanti	Graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Pernambuco	1953-2008	<ul style="list-style-type: none"> • Informação Jurídica • Automação de Bibliotecas • Organização da Informação
Célia Zaher	Graduação em Biblioteconomia pela Biblioteca Nacional	1960-2010	<ul style="list-style-type: none"> • Ciência da Informação
Jannice Monte Mór	Graduação em Biblioteconomia	1970-1987	<ul style="list-style-type: none"> • Informatização na • Documentação
Nice Figueiredo	Graduação pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo	1975-1999	<ul style="list-style-type: none"> • Serviço de Referência e Informação • Desenvolvimento de Coleções • Usuários da Informação
Neusa Dias de Macedo	Graduação em Biblioteconomia	1978-1999	<ul style="list-style-type: none"> • Serviço de Referência e Informação
Hagar Espanha	Graduação em Biblioteconomia pela Biblioteca Nacional	1974-1996	<ul style="list-style-type: none"> • Tecnologia da Informação • Recuperação da Informação
Johanna Wilhelmina Smit	Graduação em Biblioteconomia Universidade de São Paulo	1974-atual	<ul style="list-style-type: none"> • Arquivologia • Organização da Informação
Jaime Robredo	Graduação em Ciências	1976-2010	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos Métricos • Informática Documentária
Briquet de Lemos	Graduação em Biblioteconomia	1968-atual	<ul style="list-style-type: none"> • Editoração • Biblioteconomia

MARIA ROMANO SCHREIBER: PARA UMA HISTÓRIA E PRESERVAÇÃO DO LIVRO¹

*Cristina Dotta Ortega
Maria da Conceição Carvalho*

Maria Romano Schreiber (1913-1999) nasceu na Itália, emigrou para o Brasil em 1940, em decorrência da perseguição aos judeus durante a Segunda Guerra Mundial, e naturalizou-se brasileira em 1950. Formada em História Natural e em Biblioteconomia, atuou no curso de Biblioteconomia, em Belo Horizonte, de 1953 a 1981, quando se aposentou.

A seguir, buscamos tratar da trajetória desta professora que, por circunstâncias alheias à sua vontade, recomeçou sua vida acadêmica no Brasil, aprofundando-se em conteúdos de Biblioteconomia com proveito de sua bagagem científica e cultural européia. Neste período de consolidação da Biblioteconomia no Brasil, “Dona Maria”, como era conhecida na Escola de Biblioteconomia da UFMG, contribuiu como gestora e como teórica, ao pensar o livro – em sua história, materialidade e conteúdo – como objeto primordial das ações bibliotecárias.

1 Apoio de Izabela Stati Emiliano, aluna do curso de Graduação em Biblioteconomia e bolsista do Programa ProNoturno, da Pró-Reitoria de Graduação da UFMG.

PERCURSO ITÁLIA-BRASIL

A partida da Itália e a situação da família

Por conta das leis raciais promulgadas em 1938, Giorgio Schreiber, professor da Universidade de Pádua com quem Maria Romano se casaria no ano seguinte, foi afastado da universidade. Os judeus perderam muito de sua liberdade de cidadãos italianos, encontrando dificuldades financeiras e de segurança. Maria e Giorgio começaram a buscar um lugar onde pudessem atuar como pesquisadores de Biologia, buscando por oportunidades nos Estados Unidos, França, Inglaterra e Palestina.

No caso da Palestina, havia a restrição à imigração judaica, estabelecida pelo Livro Branco, publicado em 1939 pelo Governo Britânico. O irmão mais velho de Maria Schreiber, junto com a esposa, conseguiu entrar no país neste mesmo ano e lá ficar, mas o marido, que foi chamado para lecionar na universidade, teve o visto negado.

A mãe e o outro irmão ficaram na Itália até 1943 quando, sob insistência dela, ele fugiu para a cidade de Bari, no sul do país, pois os judeus jovens eram procurados e levados para os “campos de trabalho” na Alemanha; em 1944, ele veio a falecer de câncer. A mãe conseguiu ir para a Suíça junto com os Schreiber, família do marido de Maria Schreiber. Ficaram em um campo de trabalho, recebendo algum dinheiro que Maria Schreiber enviava do Brasil, até que conseguiram sair e se sustentar sozinhos.

Depois da Guerra, a família do marido e a mãe de Maria Schreiber foram repatriadas e, voltando para a Itália, encontraram suas casas destruídas e habitadas por outras pessoas. Em um primeiro momento, encontraram abrigo em Veneza com um parente melhor estabelecido por ser considerado “ariano”. Quanto à mãe, não conseguindo ir para Israel onde morava o filho, veio para o Brasil, em 1948, após esforços empreendidos por Maria Schreiber.

BRASIL: OS PRIMEIROS ANOS NO ESTADO DE SÃO PAULO E A CONQUISTA DA ESTABILIDADE EM BELO HORIZONTE

Quando as possibilidades de um trabalho de pesquisa na Europa ou nos Estados Unidos se esgotaram, Maria e Giorgio aceitaram o visto brasileiro por meio de um contrato com as Indústrias Reunidas Francesco Matarazzo (IRFM) de São Paulo. O contrato foi facilitado porque, por uma coincidência, Maria Schreiber se encontrou na Itália com uma amiga que havia se casado com um Matarazzo e estava morando em São Paulo, aguardando o final da Guerra. Mas, como só seriam recebidos como técnicos, Giorgio conseguiu um diploma de técnico de Zootecnia e ela veio como esposa dele.

Nos primeiros dias do ano de 1940 chegaram à cidade de São Paulo, onde Giorgio trabalhou no Laboratório Químico das IRFM. Muitos judeus italianos trabalharam nas Indústrias Matarazzo porque eram italianos e porque tinham formação universitária. Maria e Giorgio viveram junto à colônia italiana, o que dificultava o aprendizado da língua portuguesa, mas evitavam falar da Guerra pois, naquele momento, muitos viam Mussolini como um protetor dos italianos no exterior. Ainda assim, havia a chamada Colônia Mussolini, da qual fizeram parte, que era composta por judeus anti-fascistas que se ajudavam uns aos outros na vida no Brasil.

Viveram na capital até 1943, para então seguirem para a Fazenda Amália, da Família Matarazzo, na região de Ribeirão Preto, no interior do Estado, onde Giorgio ficou encarregado de montar uma fábrica de ácido cítrico. Embora estranhassem, no início, a ausência de vida universitária e urbana, tiveram uma boa estrutura material e tranquilidade. Foi quando Maria Romano teve sua filha Laura. Nesta época viviam lá cinco famílias judias que, aos poucos, foram voltando para São Paulo.

Em 1945, sem conseguir atender à demanda de trabalho que lhe foi feita, Giorgio teve o contrato rescindido. Como a Guerra

já estava no fim, resolveram voltar para São Paulo, onde Giorgio conseguiu um trabalho no Instituto Butantã, e também no curso de Ciências Políticas e Sociais, da Escola Livre de Sociologia e Política, lecionando as disciplinas Elementos de Biologia Geral e Problemas de Biologia Teórica interessantes às Ciências Sociais. Neste período, Maria e Giorgio estiveram continuamente preocupados com o contrato com a situação instável do Instituto Butantã, pois havia contínua mudança de diretores.

Depois de 8 anos vivendo no Estado de São Paulo, Giorgio foi convidado para lecionar a disciplina de Zoologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de Minas Gerais (UMG)². Maria Schreiber e o marido atuaram nesta Faculdade, sendo considerados como integrantes do grupo de estrangeiros que contribuiu para sua consolidação.

Em Belo Horizonte, inicialmente Maria Schreiber ministrou aulas de italiano, fez o curso de Biblioteconomia e continuou publicando sobre Biologia. Ela integrou formalmente a Universidade em 16/12/1949, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Em 1971, Maria Schreiber foi transferida como professora adjunta do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) para a Escola de Biblioteconomia.

FORMAÇÃO E ATUAÇÃO UNIVERSITÁRIA

Formação

Maria Schreiber formou-se em História Natural na Universidade de Pádua entre 1931 e 1934, e tornou-se doutora em Ciências Naturais (Zoologia), na mesma Universidade (1934-

2 Em 1927, foi fundada a Universidade de Minas Gerais (UMG), a partir de várias faculdades. Em 1949, a UMG deixou de ser estadual e passou a ser federal, mas apenas em 1965 a denominação Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) passou a ser utilizada. Em 1968, com a Reforma Universitária, houve o desdobramento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, quando foi criado o Instituto de Ciências Biológicas (ICB), dentre outros (Fonte: site da UFMG).

1935). Revalidando o título italiano, tornou-se bacharel em Ciências Naturais pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UMG, em 1956, e doutora em Ciências Naturais pela mesma Faculdade, em 1962. Também fez o curso de Biologia Marinha da USP, em São Sebastião, 1961.

Em 1952, fez o curso de Biblioteconomia do Instituto Nacional do Livro (INL), em Belo Horizonte, que teve início em 1950, passou a compor a UMG em 1963, e atualmente é oferecido pela Escola de Ciência da Informação da UFMG. A partir daí, buscou aprimorar-se na área, envolvendo-se em atividades como: curso de Metodologia do Ensino aplicada à Biblioteconomia (1971); curso de Metodologia da Pesquisa em Biblioteconomia (1972); curso de Planejamento e Administração (1973); estágio no Instituto de Patologia do Livro Alfonso Gallo, em Roma, em abril de 1972; estágio no atelier da artista Úrsula Katzenstein, em São Paulo, em julho de 1976, realizando práticas de encadernação artística e de restauração de livros e outros documentos; e visitas técnicas a várias bibliotecas italianas, israelenses e francesas.

Ao ser perguntada, em formulário do curso de Biblioteconomia, datado de 14/04/1952, por que se interessava pelo curso, Maria Schreiber respondeu “Porque sempre lidei com livros e gostaria de saber mais a respeito de organização, talvez para me dedicar a essa profissão”.

Docência

Aproximadamente entre 1936 e 1939, na Itália, depois de formada, Maria Schreiber ministrou História Natural em um liceu. No mesmo período, atuou como assistente voluntária do Prof. Giorgio Schreiber (de quem havia sido aluna), no Departamento de Biologia da Universidade de Pádua. Na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UMG, 10 anos depois (1949), iniciou suas atividades como assistente, trabalhando com língua e literatura latina no curso de Letras. Depois de um ano ministrando aulas de italiano, passou a lecionar Botânica e então

Zoologia (Biologia Marinha) no curso de História Natural da Faculdade até 1963.

Após a conclusão do curso de Biblioteconomia do INL, realizando em um ano àquela época, em 1952, foi contratada para substituir o professor Eduardo Frieiro na disciplina História do Livro e das Bibliotecas. Atuou como professora do curso de Biblioteconomia de 1953 a 1981.

No curso de Biblioteconomia, Maria Schreiber foi a principal responsável pela disciplina História do Livro e das Bibliotecas, além de ministrar as disciplinas Paleografia e Estudos de Problemas Brasileiros.

O exame de seus Diários de Classe da disciplina História do Livro e das Bibliotecas do período 1953 a 1981 mostrou que ela já começa a trabalhar com o tema da conservação dos impressos em 1961, como tópico da mesma disciplina. No currículo de 1974 do curso de Biblioteconomia, o tema é tratado como disciplina optativa nomeada Patologia do Livro, igualmente sob a responsabilidade de Maria Schreiber. No recém-criado Curso de Pós-Graduação de Biblioteconomia, em 1976, ministrou a disciplina Preservação de Documentos. Nesta área, ministrou ainda a disciplina Conservação e Restauração de Papeis, no Segundo Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis (SPHAN), que ocorreu na Escola de Belas Artes da UFMG, com duração de 9 meses, em 1980.

Mostrou-se também sensível aos fazeres acadêmicos, ao buscar contribuir com a qualificação da atividade de elaboração de trabalhos de conclusão de curso (TCC), que compôs o curso de Biblioteconomia de 1956 a 1974, recomendando evitar a repetição dos conteúdos dos trabalhos, de modo a contribuir para um estudo mais amplo e aprofundado de temas da Biblioteconomia pelos alunos. A decisão, à época (1969), no entanto, foi a de que o TCC tinha como objetivo a aprendizagem da metodologia de elaboração de um trabalho acadêmico, mais do que a reflexão sobre temas específicos da área à escolha dos alunos.

Em 1981, a Congregação da Escola conferiu a ela o título de Professor Emérito, juntamente com as professoras Maria Martha de Carvalho e Etelvina Lima.

GESTÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UFMG

As atividades de gestão nas diversas instâncias do curso, a esta época, implicavam contribuição direta no projeto de consolidação do mesmo. Deste modo, Maria Schreiber exerceu as seguintes atividades: vice-diretora da Escola de Biblioteconomia entre 1963 e 1976; coordenadora do Colegiado de Coordenação Didática da Escola de Biblioteconomia entre 1974 e 1976; primeira coordenadora do Centro de Extensão (CENEX) de 1972 a 1974, e responsável pelos encaminhamentos para sua criação, após demanda dos alunos; idealizadora do Laboratório de Preservação de Acervos (LPA), efetivamente iniciado em 1986; e membro do primeiro Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Biblioteconomia (Administração de Bibliotecas), iniciado em 1976, um dos primeiros cursos de pós-graduação da área.

Fora dos muros da Universidade, foi membro do Conselho Fiscal da Associação de Bibliotecários de Minas Gerais, de 1960 a 1963.

GESTÃO DA UNIVERSIDADE

Assim como no caso do curso de graduação, e depois do curso de pós-graduação da Escola de Biblioteconomia, também a Universidade estava em processo de consolidação.

Maria Schreiber atuou em vários projetos, por seu reconhecimento na Universidade, como segue: representante do Colegiado do Curso de Biblioteconomia no Conselho Universitário da UFMG, de 1967 a 1972; representante do Conselho de Pesquisa da UFMG, em 1972, e representante deste Conselho na Coordenação de Ensino e Pesquisa da UFMG no mesmo ano;

membro da Comissão para o estudo do ante-projeto da organização departamental das Unidades da UFMG, em 1972; representante do Conselho de Pós-Graduação da UFMG, em 1975; coordenação da Comissão, criada em 1976, responsável por identificar, reunir e organizar documentos históricos da UFMG, em função do cinquentenário que ocorreria no ano seguinte; membro da Comissão, criada em 1977, com o fim de examinar os documentos históricos existentes na UFMG, bem como estabelecer os critérios de seleção do material; consultora da Comissão de Avaliação de bolsas de estudo no exterior para o ano 1989, da CAPES/Ministério da Educação; e membro do júri para o prêmio FUNDEP/1988.

CONTRIBUIÇÃO TEÓRICA

Segundo Maria Schreiber afirma em seu currículo, sua produção intelectual deu-se em três áreas: Ciências Naturais, Língua e Literatura Italiana, e Biblioteconomia. Buscando mapear os principais temas de que tratou, apresentamos o que segue.

Maria Schreiber produziu ao menos 17 artigos no campo das Ciências Naturais, desde o ano em que se formou nesta área, em 1935, na Itália, até o ano de 1969, quando já atuava na Escola de Biblioteconomia. De fato, entre 1952 e 1969, produziu simultaneamente sobre Biblioteconomia e Biologia, talvez em função da possibilidade de atuar na Universidade em sua área de origem. Escreveu também três artigos (1952, 1964 e 1994) e uma nota de livro (1991) sobre a cultura judaica e publicou um artigo sobre provérbios em português e em italiano (1983), produção que corresponde às suas atividades com aulas de italiano e com a organização de ações culturais, incluindo associações judaicas.

A produção sobre Biblioteconomia cobre o período de 1952 a 1983, e o ano de 1993, bem depois de sua aposentadoria. Maria Schreiber realizou análise crítica de conteúdos de textos e estudos sobre as diferentes edições de obras escolhidas. Escreveu também sobre aspectos constituintes da Biblioteconomia em uma dimensão histórica, como consta em produção bibliográfica

indicada ao final, ao tratar da tipografia (1958), dos documentos audiovisuais (1972), das primeiras bibliotecas européias (1976), dos teóricos pioneiros (1979), entre outros. De modo inovador no Brasil, discorreu sobre conservação e restauração do livro, inclusive considerando o ambiente da biblioteca.

A contribuição teórica à Biblioteconomia contou com ações na Escola de Biblioteconomia da UFMG e produção bibliográfica, que exerceram influência em outras escolas do país, como tratamos à frente.

HISTÓRIA DO LIVRO E DAS BIBLIOTECAS E CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE LIVROS E MANUSCRITOS

Maria Schreiber contribuiu de forma efetiva para o desenvolvimento de disciplinas voltadas à história do livro e das bibliotecas e à conservação de acervos bibliográficos, além de ter escrito e publicado artigos em revistas nacionais e estrangeiras e realizado palestras sobre os temas de sua especialidade na universidade, em Belo Horizonte e em outras capitais brasileiras. Outra contribuição sua, no que se refere ao trabalho de difusão científica, foi o constante esforço de publicar resenhas de artigos e livros internacionais e brasileiros que significassem um avanço para a área do estudo do livro e das bibliotecas.

De fato, com seu repertório erudito e as contínuas visitas culturais à Europa, Maria Schreiber soube dar continuidade, no curso de Biblioteconomia recém-criado em Minas Gerais, à orientação inovadora que Rubens Borba de Moraes havia dado à Biblioteconomia brasileira quando acrescentou a disciplina História do Livro a um currículo de natureza essencialmente pragmática, de matriz norte-americana³, no curso que criou e

3 O curso de Biblioteconomia da Prefeitura de São Paulo seguia orientação norte-americana, voltada para a organização e administração de bibliotecas, com ênfase ao desenvolvimento de processos técnicos, ao contrário da

dirigiu na Prefeitura de São Paulo, de 1936 a 1938. Vale lembrar que a mesma disciplina foi mantida no curso de Biblioteconomia que o mesmo Borba de Moraes fundou em 1940 junto à Escola Livre de Sociologia e Política, quando o curso anterior foi cancelado pelo prefeito Prestes Maia. Em 1944, quando Rubens Borba de Moraes foi convidado a dirigir a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, o curso de Biblioteconomia oferecido por essa biblioteca passou por uma reformulação e, entre outras modificações, a disciplina História do Livro foi substituída pela disciplina História do Livro e das Bibliotecas (CASTRO, 2000, p. 69, 76, 77, 85, 94).

Ao assumir, em 1953, no curso criado dois anos antes por Etelvina Lima, o cargo de professora daquela disciplina, Maria Schreiber estava apta a dar-lhe o cunho de contextualização histórica fundamental para o exercício da Biblioteconomia como área do grande campo das ciências sociais aplicadas, embora não houvesse ainda, naquele momento, essa denominação como hoje a conhecemos. Neste sentido, é interessante notar como o seu modo de abordar a história do livro como conhecimento para se compreender a história cultural da civilização ocidental, como está posto no seu plano de curso (SCHREIBER, 1968), não apenas antecede em várias décadas, a “descoberta” desse mesmo enfoque por historiadores norte-americanos (NEAVILL, 1996), como também já a posiciona, como historiadora do livro, sob a perspectiva da intertextualidade. Em outras palavras, muito antes de Darnton publicar no artigo “O que é a História do Livro?” Revisitado, (DARNTON, 2008, p.169), a partir de texto seu de 1982, o seu modelo para o estudo da história do livro chamado por ele de “circuito de comunicação”, Maria Schreiber já fazia o estudo do livro como objeto físico dialogar com a Bibliografia Analítica (estudos de edições ou estudos textuais) e com a análise

tendência da época, como era o caso do curso da Biblioteca Nacional. Por conta da política cultural dos Estados Unidos em relação à América Latina, conhecida como ‘política da boa vizinhança’, e que incluía um programa bibliotecário, a Fundação Rockefeller repassou à American Library Association (ALA) um auxílio financeiro por três anos com este fim (BANDEIRA, 2007, p. 40).

do conteúdo ideológico de livros infantis compreendendo, como o próprio Darnton diria, que é preciso ver cada obra como parte de um discurso coletivo, ao invés de estudar cada obra isoladamente.

Segundo o seu diário de classe, de 1953, e nos diários e programas posteriores, seus estudos sobre o livro, não apenas como objeto físico, mas também como veículo cultural, subsidiaram operacional e criticamente o trabalho dos profissionais bibliotecários, como permitiram uma configuração científica à área, enquanto elementos constituintes da mesma.

É importante, pois, ressaltar como ela soube agregar ao seu programa de curso e à sua produção científica a linha mais antiga de estudos sobre o livro centrada na história da impressão (MCMURTRIE, 1936) e da Bibliografia Analítica, como também logo assimilou a nova linha que ganharia força na França com a publicação, em 1958, do livro de L. Febvre e H.-J. Martin, “O aparecimento do livro”. Febvre e Martin tentam demonstrar como o aparecimento do livro impresso provoca mudanças radicais no trabalho intelectual dos leitores europeus do século XVI, logo ultrapassando seu tempo e lugar e tornando-se um motor de transformação histórica onde quer que encontre leitores. Traduzido nos Estados Unidos em 1979 e no Brasil apenas em 1993, Maria Schreiber já incluía esse livro seminal na bibliografia dos seus programas de curso desde a sua publicação na França e já era capaz de refletir, de forma integrada, sobre aquelas duas linhas de estudo do livro, tanto no trabalho de formação de bibliotecários em sala de aula, como no de levar essas reflexões para outros públicos através da publicação de seus artigos e resenhas em revistas de campos diferentes.

Fazendo um parêntese, é curioso notar que, no início dos anos 1980, no momento em que a História do Livro começa a sair de um espaço marginal de interesse apenas de bibliógrafos analíticos e de literatos debruçados sobre o estabelecimento de textos e ganha reconhecimento dentro e fora da academia com historiadores de renome como Roger Chartier, na França, e Robert Darnton, nos Estados Unidos, escolas de Biblioteconomia nos

Estados Unidos e no Brasil retiram, aos poucos, a disciplina de seu currículo obrigatório⁴.

Maria Schreiber não se restringiu a pensar a Biblioteconomia brasileira sob a ótica do livro como produto intelectual visto organicamente no contexto econômico e social no qual foi escrito, publicado e consumido, por si só importante para o conhecimento e reflexão dos estudantes de Biblioteconomia. Também quanto ao tema da preservação de documentos, então trabalhado na perspectiva da conservação e da restauração de livros raros, Maria Schreiber, antecipando-se à noção de sustentabilidade que se transformaria em preocupação global apenas no final da década de 1980 (com a publicação do Relatório Brundtland, em 1987) escreve e publica, em 1961, na revista *Kriterion*, o artigo “A biblioteca como ambiente ecológico”, no qual apresenta uma revisão conceitual e prática dos movimentos, em princípio antagônicos, de preservação e uso dos bens culturais, armazenados e disseminados pelas bibliotecas.

AÇÕES RELATIVAS À PRESERVAÇÃO DE DOCUMENTOS

Ressaltamos aqui a informação da própria Maria Schreiber, em seu currículo, de que teria inserido conteúdos de conservação e restauração no curso de Biblioteconomia, iniciativa também pioneira no Brasil, como indicamos à frente.

Como dissemos ao tratar das atividades docentes de Maria Schreiber, o conteúdo sobre conservação dos impressos compôs a disciplina História do Livro e das Bibliotecas que ministrava desde 1961 e, especificamente sob o nome Bibliopatologia, desde 1963. De fato, em ofício à Diretora do curso de Biblioteconomia de Minas,

4 No curso de Biblioteconomia atual, da UFMG, a disciplina foi substituída por Produção dos Registros do Conhecimento, seguindo o Currículo Mínimo de 1982. Na atualização curricular de 2009, esta disciplina foi suprimida. Em 2015, a disciplina História do Livro e das Bibliotecas voltará a ser oferecida, como optativa, por professor que se ocupa, entre outros, dos estudos do ensino da Biblioteconomia no Brasil.

datado de 03/03/1965, Maria Schreiber trata da disciplina sob a denominação História e conservação do livro e das bibliotecas. Supomos que em função de seu investimento contínuo no tema, o curso de Biblioteconomia passou a oferecer uma disciplina optativa específica (Patologia do Livro), a partir de 1974, e o Curso de Pós-Graduação de Biblioteconomia teve início em 1976 com o oferecimento da disciplina Preservação de Documentos, ambas ministradas por Maria Schreiber. Posteriormente, em 1990, o currículo do curso de Graduação em Biblioteconomia, foi composto pela disciplina obrigatória Preservação do Acervo de Bibliotecas. Como este currículo foi revisto segundo o Currículo Mínimo de 1982, que não possuía esta disciplina, especulamos se a tradição da Escola de Biblioteconomia da UFMG na vivência deste conteúdo teria influenciado esta decisão local.

O artigo produzido por Maria Schreiber sobre o Instituto de Patologia do Livro Alfonso Gallo, de Roma, a mais famosa em técnicas de restauro, segundo ela, onde realizou estágio, consta no livro de Russo (1966) na seção intitulada Higiene e Terapêutica do Livro, dentre os poucos textos adotados em cursos de Biblioteconomia no Brasil até 1965. Já no livro “O ensino de Biblioteconomia” (FIGUEIREDO, 1978), há um levantamento de disciplinas ministradas e professores responsáveis pelas mesmas no Brasil. Nele, apenas Maria Schreiber consta como professora do tema Conservação de Documentos.

Quanto ao Laboratório de Preservação de Acervos (LPA), em 1977, Maria Schreiber, junto a uma equipe coordenada por ela, buscou financiamento junto a entidades de fomento e, embora o projeto não tenha se realizado naquele momento, serviu de orientação para o planejamento do atual laboratório de preservação. Implantado em 1986, sob a coordenação de Sônia de Conti, a iniciativa de Maria Schreiber foi significativa para a Escola de Biblioteconomia da UFMG e serviu de referência para outras escolas brasileiras. Professores de várias escolas fizeram visitas a fim de obterem conhecimento para implantação de um laboratório, no que tange à planta, instalações, equipamentos,

procedimentos e normas, e aos conteúdos de disciplinas de preservação com aulas práticas no laboratório, a exemplo do que se fazia na UFMG. Alguns cursos tiveram êxito em suas iniciativas, montando laboratórios e disciplinas, linhas de pesquisa sobre o tema e atividades de extensão. Além de instituições de ensino, várias bibliotecas da UFMG e de outras instituições criaram oficinas de pequenos reparos e adotaram noções de conservação preventiva para minimizar a ocorrência de danos ao acervo.

ANÁLISE DO CONTEÚDO DE LIVROS

Valeria ainda tratar da análise ideológica do conteúdo de livros de literatura infantil realizada por Maria Schreiber, em 1975, no texto “As minorias étnicas na literatura infanto-juvenil brasileira” (SCHREIBER, 1975). Ela examina 98 publicações e identifica que a família brasileira é representada como branca, de classe média e com poucos filhos, e o negro era a babá, que era exaltada por seu zelo, ou o mulato, em geral, um vilão. Tratava-se, no ano de sua produção, de um tipo de estudo ainda raro no Brasil.

De fato, dentre os autores que citam este texto de Maria Schreiber, Carlos Nobre (1988), em artigo no *Jornal Maioria Falante* (que circulou de 1987 a 1996), informa que os estudos sobre o estereótipo do negro em materiais didáticos começaram no final da década de 1950, no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais.

Também Rosemberg (1979), pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, em artigo de fascículo especial da *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, sobre a questão do trabalho de fomento à leitura de livros pelas crianças, inclusive em bibliotecas, cita o texto de Schreiber como o primeiro produzido em língua portuguesa a tratar especificamente das minorias étnicas em livros de literatura infanto-juvenil, depois de dois ou três trabalhos sobre livros escolares publicados no país nas décadas de 1940 e 1950. Rosemberg analisa 168 livros brasileiros,

buscando identificar formas de discriminação étnico-racial. A mesma autora, em 2003, em revisão de literatura afirma que “algumas pesquisas propuseram novas metodologias capazes de captar as nuances de discriminações raciais contra negros no Brasil e na África, em perspectiva histórica ou não, produzidas e veiculadas pelos livros didáticos” (ROSEMBERG; BAZILLI; SILVA, 2003, p. 133). Comenta a seguir que a literatura infanto-juvenil esteve menos contemplada, dentre estas pesquisas, sendo o texto de Maria Schreiber, a que nos referimos, o primeiro no Brasil a fazê-lo.

O texto de Maria Schreiber nunca foi publicado. Ainda assim, foi muito citado por pesquisadores dos campos de Educação, como Negrão (1988) e Rosemberg, Moura e Silva (2009), além dos já citados, e disseminado no campo da Biblioteconomia, por meio de um dos artigos de Rosemberg (1979), citado acima.

Finalizando a parte sobre a contribuição teórica de Maria Schreiber no campo da Biblioteconomia, destacamos um trabalho de sua autoria, escrito na tradição dos estudos de Bibliografia Analítica sobre um texto hebraico do Renascimento italiano (SCHREIBER, 1959). O artigo está referenciado em publicação (UNESCO, 2011) que trata da autenticidade de documentos do século XV, do Israel Museum. O artigo de Maria Schreiber é indicado na bibliografia selecionada com o fim de fundamentar a validação de um dos documentos avaliados. Trata-se de projeto da Unesco chamado Memory of the World Program, criado em 1992 para preservar e tornar acessível o patrimônio documental, em especial nos casos de guerra, falta de recursos, negligência e amnésia coletiva.

PROJETOS E AÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS

A contribuição de Maria Schreiber no âmbito da cultura, na cidade de Belo Horizonte, foi variada e significativa desde os primeiros anos de vida do casal na cidade.

O Centro Brasileiro de Cultura Italiana (CBCI) foi fundado em 1951, com apoio de várias personalidades do mundo acadêmico e industrial de Belo Horizonte. Em 1954, com a intenção de promover um maior intercâmbio cultural ítalo-brasileiro e congregar a colônia italiana de Belo Horizonte, o cônsul da Itália pediu a colaboração de Anita Uxa, esposa de um industrial italiano, para a organização de um Grupo Feminino, ligado ao Centro. O Grupo Feminino do CBCI funcionou desde então até 1969, com Maria Schreiber ocupando o cargo de Diretora Cultural. Ela também ministrou aulas de italiano no CBCI.

A fundação da Amigas da Cultura, em Belo Horizonte, data de 1953, como proposta de três mulheres estrangeiras – Anita Uxa, Lilly Kraft e Maria Romano Schreiber – que queriam compartilhar e ampliar seus conhecimentos e se aproximar culturalmente de intelectuais e artistas de Minas Gerais. De formação acadêmica e cultural européia, acostumadas à efervescência artístico-cultural de seus países de origem, juntaram-se a outras mulheres mineiras, também interessadas em mobilizar a cidade que começava a se modernizar, com o objetivo de ampliar sua ainda rarefeita vida cultural. Maria Schreiber atuou na referida Associação como sócia fundadora e Diretora Cultural em diferentes gestões. As expectativas geradas pela proposta inicial foram superadas: em poucos anos, o grupo tornou-se uma das mais importantes entidades culturais de Belo Horizonte, provavelmente do Brasil, congregando figuras mineiras conhecidas como as escritoras Henriqueta Lisboa e Lucia Machado de Almeida e a bibliotecária e professora Cacilda Basilio Reis que, junto com Etelvina Lima, fundou o primeiro curso de Biblioteconomia em Minas Gerais. A Associação Amigas da Cultura, como passou a ser denominada desde 2003, continua em funcionamento.

Maria Schreiber foi presidente do grupo WIZO – Organização Feminina, de Minas Gerais, dirigindo também seu Departamento de Cultura. A WIZO Minas foi criada em 1945. A WIZO, criada em 1920, na Inglaterra, é uma organização de mulheres judias que hoje atua em 50 países.

Aposentada, Maria Schreiber participou da criação do Instituto Israelita Histórico Mineiro (IHIM), em 1983, onde trabalhou continuamente. A cidade de Belo Horizonte recebeu, desde sua fundação em 1897, um número considerável de famílias judias que emigraram devido aos conflitos do século XIX até meados do XX na Europa. O Instituto surgiu por meio da reunião e esforço de um grupo de pessoas liderado por ela e pelo professor Naftale Katz, com o objetivo de preservar a memória judaica no Estado de Minas Gerais. O projeto de recuperação da memória das famílias judaicas contou com a coleta de materiais como depoimentos gravados, documentos diversos, fotografias e filmes, além de atividades de divulgação da cultura judaica. O Instituto mantém uma biblioteca sobre a temática judaica, aberta ao público, além de um arquivo de fotografias, slides, entrevistas e outros, e um acervo musical. Há ainda um setor de conservação documental. O Instituto foi se transformando no braço cultural da Federação Israelita do Estado de Minas Gerais, por realizar atividades não abrangidas pelas demais entidades a ela filiadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo o depoimento de pessoas que conheceram e conviveram com a Professora Maria Romano Schreiber, ela se destacava por sua formação humanística europeia, amplo repertório cultural, honestidade e generosidade intelectual, domínio do fazer científico em função de vivências acadêmicas antigas e consolidadas na Itália (país que, em especial àquela época, se diferenciava de nossa pesquisa incipiente e institucionalização acadêmica em curso), além de personalidade forte mas, ao mesmo tempo, humana. Situando a figura de Maria Schreiber no grupo de outros intelectuais europeus que chegaram ao Brasil por ocasião da Segunda Guerra, pode-se dizer que a chamada segunda onda de imigração europeia trouxe ao Brasil massa intelectualmente preparada que muito contribuiu para nosso

desenvolvimento e consolidação no mundo da ciência, da cultura e das artes.

De fato, a formação como bióloga de Maria Schreiber levou-a ao estudo sobre a patologia do livro (hoje diríamos conservação do livro) e a várias ações inovadoras à época: proposta de disciplinas, que eram ausentes até então nos cursos de Biblioteconomia, e idealização de um laboratório de preservação de acervos. Enfim, ela propôs à formação bibliotecária uma agenda interdisciplinar, interligando as disciplinas de sua especialidade a um quadro mais amplo de conhecimentos, acreditando que “com o estudo da história do livro e das bibliotecas antigas, o estudante deverá adquirir um mais amplo e completo conceito da profissão de bibliotecário e dos campos mais diretamente relacionados com a biblioteconomia” (SCHREIBER, 1968).

Maria Schreiber trazia muitos livros a cada ida à Europa, não apenas aumentando o repertório documental disponível aos alunos, como atualizando-o.

Sua bagagem acadêmica e suas fortes convicções contribuíram para qualificar as discussões e tomadas de decisões em reuniões relativas às diversas instâncias administrativas e pedagógicas da Escola de Biblioteconomia da UFMG, como pudemos avaliar pela leitura de atas conservadas nos arquivos da instituição. Contribuíram, ainda, para uma abordagem científica e cultural desejável a uma Biblioteconomia em constituição, que ainda se coloca como demanda, haja vista as recorrentes orientações tecnicistas, simultâneas a conteúdos alheios ao objeto de que se ocupa a área.

Acreditamos, pois, que a formação teórica consistente de Maria Schreiber foi importante no desenvolvimento da Biblioteconomia brasileira, quanto aos conteúdos que a configuram, ou estavam se configurando, e quanto à sua institucionalização acadêmica (ou seja, estrutura e propósito de cursos de graduação e pós-graduação, atividades de extensão, etc.), assim como, sua contribuição intelectual à própria universidade em constituição.

PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE MARIA ROMANO SCHREIBER SOBRE BIBLIOTECONOMIA

Artigos publicados e outros textos

SCHREIBER, Maria Romano. Veneza nas líricas dum poeta contemporâneo. **Kriterion**: Revista de Filosofia, Belo Horizonte, v. 3, n. 11/12, p. 97-109, jan. 1950.

SCHREIBER, Maria Romano. Giuseppe Giusti. **Kriterion**: Revista de Filosofia, Belo Horizonte, v. 3, n. 13/14, p. 352-364, jul. 1950.

SCHREIBER, Maria Romano. Aventuras bibliográficas dum livro famoso: 'Il Milione' de Marco Polo. **Kriterion**: Revista de Filosofia, Belo Horizonte, v. 5, n. 19/20, p. 150-161, jan. 1952.

SCHREIBER, Maria Romano. Marco Polo – explorador e cronista do século XIII. **Revista de Cultura Acaiaca**, Belo Horizonte, v. 45, p. 47-53, dez. 1952.

SCHREIBER, Maria Romano. Bodoni e o museu bodoniano de Parma. **Revista do Livro**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 17, p. 29-33, jan. 1958.

SCHREIBER, Maria Romano. O Instituto de Patologia do livro "Alfonso Gallo". **IBBD**: Boletim Informativo, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1/2, p. 29-33, jan./abr. 1958.

SCHREIBER, Maria Romano. Un famoso codice ebraico del Rinascimento italiano. **La Rassegna Mensile di Israel**, v. 25, n. 6, p. 211-214, 1959.

SCHREIBER, Maria Romano. A biblioteca como ambiente ecológico. **Kriterion**: Revista de Filosofia, Belo Horizonte, v. 14, n. 57/58, p. 453-474, jul. 1961

SCHREIBER, Maria Romano. Uma poetisa italiana: Ana Negri. **Revista da Universidade de Minas Gerais**, Belo Horizonte, n. 12, p. 148-155, jan. 1962.

SCHREIBER, Maria Romano; ASSUNÇÃO, Jandira Batista. Catalogação e classificação de dispositivos no Instituto de Biologia Geral da Faculdade de Filosofia da UFMG. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 305-306, 1965.

SCHREIBER, Maria Romano. **História do Livro e das Bibliotecas**: plano de curso. 8 p. Inclui finalidade, relação da disciplina com outras matérias, objetivos, métodos, bibliografia. Belo Horizonte, 1968.

SCHREIBER, Maria Romano. As edições do 'Systema naturae' de Linneo existentes no Brasil. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 640-647, 1969. (Separata).

SCHREIBER, Maria Romano. **História do Livro e das Bibliotecas**: roteiro de estudo. 55p. 28 ils., exercícios e questionários. Belo Horizonte, 1970. Mimeografado.

SCHREIBER, Maria Romano. La prima edizione del Systema Naturae di Linneo. **Graphicus**, Torino, v. 10, n. 3-5, 1970.

SCHREIBER, Maria Romano. Um audio-visual da idade média: o Exultet da Itália Meridional. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 55-58, mar. 1972.

SCHREIBER, Maria Romano. **As minorias étnicas na literatura infanto-juvenil brasileira**. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia/UFMG, 1975. 20p.

SCHREIBER, Maria Romano. A Biblioteca Ambrosiana no Romance "I Promessi Sposi". **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 105-112, 1976.

SCHREIBER, Maria Romano ; DUMONT, Márcia Milton Vianna; MENEZES, Ivo Porto de; PINTO, Silvia Barata de Paula; TUPYNAMBÁ, Yara. **Exposição documental e de bens culturais da UFMG**. [Belo Horizonte]: Secretaria do Conselho Universitário da UFMG, [1978]. 1 v.

SCHREIBER, Maria Romano. Antonio Panizzi (1797-1897).

Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 112-116, set. 1979.

SCHREIBER, Maria Romano. Mil anos do nascimento de IBN SINA (Avicena). **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 252-253, 1981.

Notas de livros e outros na Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG

SCHREIBER, Maria Romano. Resenha: CHERUBINI, Serenella Baldelli. Nel IV Centenario dell'apertura della Biblioteca Medicea-Laurenziana, 11 Giugno 1571. Almanacco dei bibliotecari, p. 101-108, 1971. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 82-83, mar./set. 1972.

SCHREIBER, Maria Romano. Resenha: BROWING, B. L. Analysis of paper. The Library Quarterly, Chicago, v. 40, n. 2, p. 278-279, Apr. 1970. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 83, mar./set. 1972.

SCHREIBER, Maria Romano. Resenha: CORUJEIRA, Lindaura Alban. Conserve e restaure seus documentos. Salvador: Itapuã, 1971. 92p. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 219, set. 1972.

SCHREIBER, Maria Romano. Resenha: MILLARES, Carlo Augustín. Introducción a la Historia del Libro y de las Bibliotecas. México: Fondo de Cultura, 1971. 399 p. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 220, set. 1972.

SCHREIBER, Maria Romano. Resenha: MELLO, José Barboza. Síntese histórica do livro. Rio de Janeiro: Ed. Leitura, 1972. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 140, mar. 1973.

SCHREIBER, Maria Romano. Resenha: HOBSON, Anthony. *Great Libraries*. London: Weidenfeld & Nicholson, 1970. 370 p. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 264-265, set. 1973.

SCHREIBER, Maria Romano. Resenha: VERVLIET, H. D. L. (Ed.). *Liber librorum: 5000 ans d'art du livre*. Bruxellas: Arcade, 1973. 511 p. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 264, set. 1973.

SCHREIBER, Maria Romano. Resenha: SMITH, Mason Rossiter. *Il ritorno del papiro*. *Graphicus*, v. 55, n. 3, p. 20-23, mar. 1974. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 234-235, set. 1974.

SCHREIBER, Maria Romano. Resenha: BINA, Carlo. *Scuole grafiche e giornali in Brasile*. *Graphicus*, v. 55, n. 3, p. 9, mar. 1974. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 235, set. 1974.

SCHREIBER, Maria Romano. Resenha: HICKEY, Mary E. *The museum of the book*. *International Library Review*, London, v. 6, p. 477-481, Oct. 1974. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 114-115, mar. 1976.

SCHREIBER, Maria Romano. Resenha: MEYER, Ernie. *Treasure of the Sassoons*. *The Jerusalem Post Magazine*, p. 16-18, 7 nov. 1975. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 115-116, mar. 1976.

SCHREIBER, Maria Romano. Resenha: *The QunRam Library and its patron*. *Journal of Library History*, v. 12, n. 1, p. 5-16, Winter 1977. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 248, set. 1977.

SCHREIBER, Maria Romano. Resenha: BONHOME, M. Jimenez. *Os misteriosos habitantes do Deserto de Judá: sua vida, seus escritos*. São Paulo: Verbo Divino, 1977. 178 p. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 326-327, set. 1978.

SCHREIBER, Maria Romano. Resenha: FILME sobre encadernação (técnica e história). Super 8. 26 minutos. Produção: Escola de Biblioteconomia da USP. Roteiro de Úrsula Katzenstein. Voz de Nydia Licia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 327, set. 1978.

SCHREIBER, Maria Romano. Resenha: MORAES, Rubens Borba de. Livros e bibliotecas no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979. 234 p. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 95-96, mar. 1979.

SCHREIBER, Maria Romano. Resenha: DAVIDOVITCH, David. The Ketuba: jewish marriage contracts through the ages. Tel Aviv: Lewin-Epstein, 1979. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 256-258, set. 1982.

SCHREIBER, Maria Romano. Resenha: FEBVRE, Lucien ; MARTIN, Henry-Jean. **O aparecimento do livro**. Trad. Fúlvia M. L. Moretto e Guacira Marcondes Machado. São Paulo: Editora UNESP ; HUCITEC, 1992. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 283-284, jul./dez. 1993.

Traduções publicadas ou não

LOVERA, L. Manoscritti illuminati in Europa prima della Stampa. **Graphicus**, Torino, v. 45, n. 2, p. 9-13, 1964. Tradução de Maria Romano Schreiber.

THOMPSON, James Westfall. Introdução. In: _____. **The Medieval Library**. New York, Hafner, 1965. p. 3-13. Tradução de Maria Romano Schreiber.

CUNHA, George Martin; CUNHA, Dorothy Grant. The principles of archive repair. In: _____. **Conservation of library materials: a manual and bibliography on the care, repair, and restoration of library materials**. 2. ed. Metuchen: Scarecrow Press, 1971. 2 v. Appendix B, p. 241. Tradução de Maria Romano Schreiber.

SERRAI, Alfredo. História da biblioteca como evolução de uma idéia e de um sistema. Tradução de Maria Romano Schreiber. **Revista da Escola de Biblioteconomia**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 141-161, set. 1975. Artigo publicado originalmente em duas partes; a primeira foi resumida e a segunda traduzida integralmente.

KATZENSTEIN, Úrsula Ephraim. Os escribas e sua significação para a transmissão escrita do pensamento. Tradução de Maria Romano Schreiber. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 95-118, mar. 1981. Tradução de parte do livro: KATZENSTEIN, Úrsula Ephraim. **A origem do livro**: da Idade de Pedra ao advento da impressão tipográfica no Ocidente. São Paulo: Hucitec ; Brasília: INL/Fundação Nacional Pró-Memória, 1986. (Bibliologia). O livro foi publicado apenas em língua portuguesa cinco anos depois. A autora do livro agradece a várias pessoas, incluindo a Maria Romano, pelas contribuições realizadas.

Fontes Consultadas

Atas de Reuniões do Colegiado de Coordenação Didática da Escola de Biblioteconomia da UFMG (1969 a 1972), do Arquivo da Secretaria do Colegiado do Curso de Graduação em Biblioteconomia da UFMG

BANDEIRA, Suelena Pinto. **O mestre dos livros**: Rubens Borba de Moraes. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2007. 129p.

BENYOSEF, Luiz. A comunidade israelita de Belo Horizonte. **Nosso Jornal-Rio**: junto à comunidade judaica, n. 27, p. 12, jun. 2009.

BIGAZZI, Anna Rosa. **Os dialetos judeu-italianos**: um estudo sobre o bagito. São Paulo, 2002. 269 p. Dissertação (Mestrado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).

BOLETIM INFORMATIVO DA ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA DA UFMG. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1971-1982.

CABRAL, Ana Maria Rezende; DUMONT, Lígia Maria Moreira. O Centro de Extensão da Escola de Biblioteconomia da UFMG: uma trajetória voltada para o social. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 19 n. especial, p. 114-120, mar. 1990.

CARVALHO, Maria da Conceição; FERNANDES, Cleide Aparecida. Conservação de livros raros: relato de uma experiência pedagógica. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 95-101, 2006.

CASTRO, César. **História da Biblioteconomia brasileira**. Brasília: Thesaurus, 2000. 287p.

DARNTON, Robert. O que é história do livro? Revisão. Tradução de Lília G. M. Tavoraro. **Artcultura**, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 155-169, jan./jun. 2008.

Diários de classe do curso de Biblioteconomia (1951-) e outros documentos do Arquivo Geral da Escola de Ciência da Informação da UFMG.

Documentos do arquivo pessoal de Laura Schreiber, filha de Maria Romano Schreiber.

Entrevistas por telefone e por e-mail concedidas por Lucy Fontes Gonçalves Hargreaves, Rosemary Tofani Motta, Sônia de Conti Gomes e Anna da Soledade Vieira a Maria da Conceição Carvalho e Cristina Dotta Ortega no ano de 2014.

FEDERAÇÃO ISRAELITA DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Entidades filiadas: **Instituto Histórico Israelita Mineiro**. Disponível em: <http://www.fisemg.com.br>. Acesso em: 17 out. 2014.

FIGUEIREDO, Nice (Coord.). **O ensino de biblioteconomia no Brasil**: relatório de equipe de pesquisa sobre o *status quo* das escolas de biblioteconomia e documentação, com ênfase na situação do pessoal docente. Brasília: CAPES, 1978. v. 2. Disponível

em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/me002136.pdf>. Acesso em: 17 out. 2014.

GOMES, Sônia de Conti. O “Laboratório de Preservação de Acervos” da Escola de Biblioteconomia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 19 n. especial, p. 98-103, mar. 1990.

KEHDY, Mitiko Okasaki. **Sociedade Amigas da Cultura: 50 anos promovendo cultura em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Associação Amigas da Cultura, 2012.

KREMER, Jeannette Marguerite. Cronologia da Escola de Biblioteconomia da UFMG: 1950-1990. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 19 n. especial, p. 9-15, 1990.

MCMURTRIE, Douglas C. **A history of printing in the United States: the story of the introduction of the press and of its history and influence during the pioneer period in each state of the Union**. Colab. Albert H. Allen. New York: R. R. Bowker Co., 1936.

NEAVILL, Gordon B. From printing history to history of the book. **Canadian Review of Comparative Literature**, v. 23, n. 1, p. 225-237, 1996. Também foi utilizada a trad. inédita de Wellington Andrade, “Da História da Impressão à História do Livro”.

NEGRÃO, Esmeralda V. Preconceitos e discriminações raciais em livros didáticos e infanto-juvenis. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 65, p. 52-65, maio 1988.

NOBRE, Carlos. O negro no livro didático. **Maioria Falante**, Rio de Janeiro, maio 1988.

Programas de ensino das disciplinas do curso de Biblioteconomia (1964-), da Seção de Ensino da Escola de Ciência da Informação da UFMG.

Programas de ensino e grades curriculares do curso de Biblioteconomia das décadas de 1960 a 1980 da Escola de Sociologia e Política, disponíveis no CEDOC da FESPSP.

QUEIROZ, Maria José de. “À sombra das raparigas em flor”: a Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, Belo Horizonte, v. 18, p. 39-55, jul./dez. 2008.

ROSEMBERG, Fúlvia ; BAZILLI, Chirley ; SILVA, Paulo Vinícius Silva Baptista da. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. Educação e Pesquisa: **Revista da Faculdade de Educação da USP**, v. 29, n. 1, p. 125-146, jan./jun. 2003.

ROSEMBERG, Fúlvia ; MOURA, Neide Cardoso de ; SILVA, Paulo V. Baptista. **Descaminhos do combate ao racismo e sexismo em livros didáticos brasileiros contemporâneos**. Apresentado na Reunião de Estudos Latino-Americanos (LASA), de 2009, Rio de Janeiro, de 11-14 jun. 2009. 22p.

ROSEMBERG, Fúlvia. Discriminações étnico-raciais na literatura infanto-juvenil brasileira. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 12, n. 3/4, p. 155-166, jul./dez. 1979.

RUSSO, Laura Garcia Moreno. **A Biblioteconomia brasileira: 1915-1965**. Rio de Janeiro: INL, 1966. (Coleção B 2 – Biblioteconomia).

SCHREIBER, Maria Romano. **As minorias étnicas na literatura infanto-juvenil brasileira**. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia/UFMG, 1975. 20p.

SCHREIBER, Maria Romano. **Curriculum Vitae**. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, s.d. 10p.

SCHREIBER, Maria Romano. **Documentação: sobreviventes do Holocausto residentes em Minas Gerais**. Belo Horizonte, 1990. 5p.

SCHREIBER, Maria Romano. **História do Livro e das Bibliotecas: plano de curso**. 8 p. Inclui finalidade, relação da disciplina com outras matérias, objetivos, métodos, bibliografia. Belo Horizonte, 1968.

SCHREIBER, Maria Romano. Un famoso codice ebraico del Rinascimento italiano. **La Rassegna Mensile di Israel**, v. 25, n. 6, p. 211-214, 1959.

SEGUNDO curso de conservação e restauração de bens culturais móveis. **Boletim do SPHAN**, n. 4, p. 15, jan./fev. 1980.

SOUZA, Lídia Helena de Araújo. Anexo A – Lista de professores e funcionários técnico-administrativos da Escola de Biblioteconomia da UFMG. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 15, n. especial, p. 121-126, jan./jun. 2000.

UNESCO. International Memory of the World Register: Nomination form. **Rothschild Miscellany**, Israel Museum. Jerusalem, [2011].

UNIÃO ISRAELITA DE BELO HORIZONTE. **Instituto Histórico Israelita Mineiro**. Disponível em: http://www.uibh.org.br/instituto_historico_israelita_mineiro. Acesso em: 17 out. 2014.

UXA, Anita. Trieste, 1999. Última carta para Maria. **Estado de Minas**, 18 de junho de 2000, p. 4.

UXA, Anita; SCHREIBER, Maria Romano. **Alguns dados para a memória do Grupo Feminino do Centro Brasileiro de Cultura Italiana, Intercâmbio Cultural Ítalo-Brasileiro em Belo Horizonte**. Belo Horizonte, 1989. 2p.

CORDÉLIA ROBALINHO DE OLIVEIRA CAVALCANTI: UMA ERUDITA NA BIBLIOTECONOMIA

Márcia Regina da Silva

Deise Maria Antonio Sabbag

Temos aqui a tarefa de (re)apresentar Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti, bibliotecária, professora universitária, pesquisadora e “militante” de classe, uma profissional e acadêmica engajada, considerada uma das pioneiras da Biblioteconomia no Brasil.

Tal tarefa nos é um desafio, visto que não tivemos a oportunidade de conhecê-la pessoalmente, porém, sua trajetória marcante, felizmente, deixou lastros que nos permitem considerá-la figura importante para o delineamento da Biblioteconomia brasileira. Das leituras e conversas com seus contemporâneos três adjetivos são atribuídos a Cordélia: seriedade, dedicação e erudição. Tais características já eram marcantes em sua juventude, quando cursava Biblioteconomia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Nesta época, a jovem Cordélia foi aluna de Edson Nery da Fonseca (outro pioneiro do Campo), que contribuiu para sua inserção no âmbito profissional e acadêmico da área.

Um episódio extraído do texto¹ de Eliane Serrão Alves Mey denota a perspicácia de Cordélia em relação à atuação profissional: chamar os profissionais da Biblioteconomia de bibliotecários corresponderia a chamar os médicos de “hospitalários”, ou seja, relacionar a atuação do profissional da informação apenas a biblioteca é um pensamento reducionista. Sua trajetória é realmente o oposto de reducionista. Em um

1 Eliane Serrão Alves Mey. *Biblioteconomia Envergonhada*. 2009. Disponível em: http://www.ofaj.com.br/textos_conteudo.php?cod=264

período em que as atividades tradicionais do bibliotecário eram valorizadas, Cordélia atuou concomitantemente em várias frentes, sendo gestora de biblioteca, pesquisadora e professora, sempre atenta a inserção da tecnologia na área.

Com o intuito de buscar elementos que pudessem retratar, mesmo que parcialmente, a dedicação e engajamento de Cordélia no Campo, este texto foi dividido em duas partes. Na primeira parte apresentaremos traços biográficos de sua trajetória, a qual versará sobre sua atuação profissional e sobre sua produção científica. Na segunda parte, enfatizaremos alguns episódios extraídos de um depoimento de Eliane Serrão Alves Mey, concedido às autoras para composição deste capítulo. Eliane Serrão Alves Mey, personalidade reconhecida e singular na área de Organização da Informação, mais especificamente na Catalogação, foi orientanda de mestrado de Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti.

Infelizmente, há poucas obras sobre os bibliotecários pioneiros no Brasil², o que denota a importância de retomarmos a história, como forma de não esquecimento de fatos e personalidades que construíram os pilares ao qual hoje se apóia a área.

TRAÇOS BIOGRÁFICOS

Em 1971 o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação³ lançou a obra *Quem é quem na Biblioteconomia e Documentação no Brasil*, com intuito de levantar subsídios para analisar os recursos humanos no Campo, disponíveis no mercado de trabalho. Entre os nomes levantados neste livro

2 Destacam-se as obras “O mestre dos livros: Rubens Borna de Moraes”, dissertação de mestrado de Suelena Bandeira, publicada em 2007 por Briquet de Lemos e “Vão-se os dias e eu fico: memórias e evocações” de Edson Nery da Fonseca. Ateliê Editorial, 2010.

3 Atual IBICT.

encontra-se o de Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti, representante do Distrito Federal. Embora tal publicação não espelhe sua biografia, contribuiu para levantarmos fatos norteadores que marcaram sua trajetória.

Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti, filha de Antonio de Oliveira Cavalcanti e Geraldina Robalino de Oliveira Cavalcanti, nasceu em 11 de janeiro de 1920, em Palmares, pequena cidade do interior de Estado de Pernambuco, cidade tradicional e muito importante para história de Pernambuco. Foi habitada por índios e conhecida por ter sido berço de renomados poetas (Afonso Paulins, Artur Griz, Ascenso Carneiro Gonçalves Ferreira, Darel Valença Lins, etc) (BORGES; BRITO, 2012).

Cordélia graduou-se em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPe) em 1949, tendo como professor Edson Nery da Fonseca. Neste período, o professor Edson Nery da Fonseca era chefe do Departamento de Documentação e Cultura e diretor da Faculdade de Direito da UFPe. Cordélia, uma das primeiras colocadas no vestibular, foi convidada a trabalhar na Biblioteca com Edson Nery, iniciando assim sua trajetória profissional nesta mesma universidade como auxiliar de bibliotecário entre 1949 e 1952.

Vivendo de forma intensa os acontecimentos de seu tempo, após sua formação, Cordélia participou de dois cursos de formação nos Estados Unidos, na Library of Congress (Biblioteca do Congresso dos EUA) e na Millen Library da Universidade Católica de Washington, onde possivelmente teve contato com novos métodos de organização e técnicas biblioteconômicas, como também pode entrar em contato com as questões dicotômicas entre Biblioteconomia e Ciência da Informação, sem esquecermos os serviços de informação especializados (ORTEGA, 2004).

Neste período, em 1949, no Brasil iniciam-se os estudos para a criação de um órgão que conduzisse as pesquisas científicas no Brasil que culminam na criação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por força da Lei nº 1.310 de 15 de janeiro de 1951 (BRASIL, 1951). Também

na cidade de São Paulo, sob a responsabilidade da Biblioteca Municipal, acontecia a conferência sobre o desenvolvimento dos serviços de Bibliotecas Públicas na América Latina.

Fez ainda o curso de Lusotropicologia na Faculdade de Direito do Recife. Em 1953, participou do curso avulso de Biblioteconomia sobre publicações oficiais e seriadas, fez ainda os cursos de Paleografia, Documentação, Inter-relacionamento e Futurologia. Participou também de congressos sobre Biblioteconomia, Bibliotecas, Documentação, no Brasil e no exterior (BRASIL, 1971).

Foi bibliotecária-chefe do Serviço Central das Bibliotecas da UFPe entre 1953 e 1963 e Chefe da Seção de Preparação da Biblioteca da Câmara dos Deputados, 1964/70. Concomitante a carreira profissional, foi professora e coordenadora do curso de Biblioteconomia da UFPe entre 1953 e 1960. (BRASIL, 1971). Neste momento, devido à escassez de material bibliográfico em língua portuguesa, os cursos utilizam em sua maioria material de língua inglesa, seguidos pelas línguas espanhola e francesa. Ou seja, pouco material de Biblioteconomia podia ser lido em língua materna. Diante disso, o professor Edson Nery da Fonseca realiza uma pesquisa entre alguns profissionais para descobrir quais seriam os livros de Biblioteconomia que deveriam ser traduzidos.

Dentre os profissionais escolhidos para a pesquisa estava Cordélia, que manifesta sua opinião de forma muito coerente e adequada se analisarmos com um olhar contemporâneo. Ela diz que a questão acerca da eleição de algumas obras sobre Biblioteconomia e Documentação “é um problema cuja solução obteremos quando reunidas e estudadas todas as respostas” (FONSECA, 1957, p. 13), e faz a indicação das seguintes obras para documentação, classificação e catalogação: *Traité de Documentation*, Paul Otlet; *Qu'est-ce la Documentation*, Suzane Briet; *Documentation*, Bradford; *Notions Fondamentales*, Maclés; *Cours de Bibliographie*, Maclés; *Introduction of Cataloging and the Classification*, Margareth Egan; *Classified Catalog*, Jesse Shera.

Na área do ensino em Biblioteconomia, também teve participação importante nas discussões para a criação do primeiro currículo mínimo obrigatório para o Curso de Biblioteconomia no Brasil, pois participou da primeira reunião de estudos relativos à reestruturação do ensino em 1962, bem como foi membro da comissão responsável pelos estudos relativos ao currículo mínimo.

Concomitante, aconteciam os seguintes eventos na área:

1953: Primeiro congresso de Bibliotecas do Distrito Federal – Brasília;

1954: Primeiro Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBD) – Recife;

1955: Primeiro Curso de Pós-Graduação (Especialização) da área, Curso de Documentação Científica (CDC);

1958: Reconhecimento da Biblioteconomia como profissão liberal por meio da Portaria nº 162 do ministério do Trabalho, de 07 de outubro de 1958;

1961: Segundo Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBD) – Curitiba;

1962: Lei nº 4084, de 30 de junho de 1962, que dispõem sobre as atividades profissionais dos bibliotecários em todo o Brasil.

Fora do âmbito profissional e acadêmico, destaca-se seu engajamento em movimentos associativos e entidades de classe, sendo presidente da Associação Pernambucana de Bibliotecários (APEB) entre 1959-1962; Representante da UFPe na 1ª. Reunião de Estudos Relativos à Reestruturação do Ensino da Biblioteconomia, 1959. Fez parte da primeira gestão do Conselho Regional de Biblioteconomia da 1ª. Região e da diretoria da Associação de Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF), da Comissão Brasileira de Catalogação, da Associação Pernambucana de Bibliotecários (APB) e da Federação Internacional de Documentação (FID) (BRASIL, 1971).

Em 1963, a convite do professor Edson Nery da Fonseca, mudou-se para Brasília e ajudou a “criar” a Biblioteca Central

(BCE) da Universidade de Brasília. Na UnB trabalhou com o ilustre Anísio Teixeira, reitor na UnB na ocasião. Anísio Teixeira sempre valorizou livros e a leitura, fato que pode ter contribuído para o desenvolvimento do trabalho de Cordélia na UnB.

Cordélia pediu exoneração do cargo da UnB e tomou posse como bibliotecária da Câmara dos Deputados em maio de 1964, tornando-se professora na UnB em tempo parcial e diretora do Centro de Documentação e Informação da Câmara. Nessa época, a Biblioteca da Câmara dos Deputados exercia o papel fundamental na Biblioteconomia do Distrito Federal, porque muitos dos seus bibliotecários eram também professores da UnB, o que provocava interação entre o mundo acadêmico e a prática. Sua atuação na Câmara dos Deputados contribuiu para seu reconhecimento como pioneira na área de Organização da Informação Jurídica e Legislativa. (BORGES; BRITO, 2012).

A inserção de Cordélia na Câmara dos Deputados movimentou o Campo da Informação Jurídica. O trecho a seguir evidencia sua preocupação com as publicações oficiais brasileiras:

A sociedade civil organizada, especialmente a comunidade bibliotecária do Distrito Federal, sentindo a gravidade dos problemas que envolviam as publicações oficiais, resolveu, por sugestão da então diretora do Centro de Documentação e Informação da Câmara dos Deputados, professora Cordélia Robalinho Cavalcanti, incluir as publicações oficiais como tema no 8º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBDD), que se realizaria em Brasília, em julho de 1975. Durante o congresso, mais que tratar do tema específico em uma mesa de trabalho, a comissão organizadora abriu espaço para a realização do 1º Seminário sobre Publicações Oficiais Brasileiras. Sob a orientação do professor Edson Nery da Fonseca, foi instituída, junto à Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF), a Comissão de Publicações Oficiais Brasileiras (CPOB), como comissão permanente daquela associação. (BRASIL, 2010).

Na Câmara dos Deputados fez a implantação de um sistema integrado de automação. Essa experiência inspirou a professora Cordélia a preparar o curso de Automação de Bibliotecas. (BORGES; BRITO, 2012).

Também foi professora fundadora do curso de Biblioteconomia da UnB. Sobre o curso de Biblioteconomia da UnB, Cordélia em entrevista a Côrte enfatizou que

essa era a ideia: formar pessoas, procurar também candidatos que fossem de áreas diversas do conhecimento. Que não fosse...Como diria? – alguém que procurasse um curso pensando somente assim: vou fazer esse curso que dizem ser ótimo. Foi assim que tomei conhecimento do curso de Biblioteconomia: “vai haver um curso ótimo: não precisa estudar”. No entanto, é bem diferente. Não era um “cursinho”, não era curso de “espera marido”. Era um curso que procurava dar aos alunos – pelo menos nas reuniões que os professores fizeram antes de sua criação – um conhecimento integral do que era Biblioteca, do seu valor, do que podia fazer pela educação do povo. E, assim, foi criado o curso de Biblioteconomia na Universidade (CAVALCANTI, 2001 apud CÔRTE, 2012, p. 137).

Nossa homenageada fez, ainda, parte do curso de Pós-Graduação lato-sensu em Bibliografia Brasileira (1964/1965), dirigido pelo professor Edson Nery da Fonseca, ministrando a disciplina de Classificação I.

Outro fato que denota seu caráter vanguardista foi seu comentário a respeito da mudança do nome do Departamento de Biblioteconomia da UnB para Ciência da Informação. Sobre isso, a professora Cordélia comentou que “os tempos mudam, as coisas avançam, a sociedade caminha e, desta forma, o mundo acadêmico deve acompanhar a evolução social” (BORGES; BRITO, 2012).

SOBRE SUA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Embora a produtividade de um pesquisador possa ser questionada quando baseada apenas nos aspectos quantitativos de sua produção científica, emergiram-se neste texto, após levantamento da produção científica de Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti, indicadores que reforçam sua dinamicidade e inquietude quanto às problemáticas que circundavam sua prática profissional. Por essa razão, apresentamos a Tabela 1 e a Figura 1 que alicerçam nosso olhar quanto à caracterização de sua produção científica.

Tabela 1 – Produção Científica de Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti no período de 1953-2008

Temática	Número de Publicações	%
Representação Temática	14	23,3
Informação Jurídica	9	15
Automoção de Bibliotecas	9	13,3
Representação Descritiva	6	10
Biblioteca	5	8,3
Atuação Profissional	2	3,3
Bibliografia	2	3,3
Fonte de Informação	2	3,3
Organização da Informação	2	3,3
Recuperação da Informação	2	3,3
Referência	2	3,3
Tipologia Documental	2	3,3
Biblioteconomia	1	1,6
Edson Nery	1	1,6
IFLA	1	1,6
TOTAL	60	100

Fonte: Elaborado pelas autoras

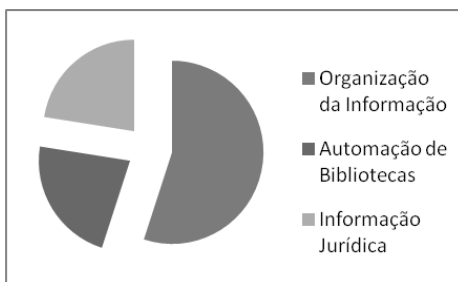
A Tabela 1 foi construída com o levantamento dos artigos, capítulos de livros, trabalhos de evento e livros (sem distinção) entre os anos de 1953-2008. Talvez o total apresentado não espelhe toda sua produção científica, tendo em vista que as buscas foram realizadas em catálogos eletrônicos de bibliotecas universitárias, além do levantamento já realizado por Côrte (2012).

Chama atenção sua intensa produtividade em um momento que não havia ainda essa cobrança exacerbada pelo aumento do número de publicações. É evidente também a abrangência de temáticas em sua produção científica, denotando sua preocupação com as diversas facetas que envolvem a Biblioteconomia e a Ciência da Informação no Brasil.

No lastro de sua produção científica percebe-se uma trajetória dinâmica na Biblioteconomia, no seu fazer acadêmico e profissional. A mesma produção científica permite de modo exploratório, descritivo e especulativo, uma análise sócio-histórica, na qual se destacam três grandes temáticas trabalhadas por ela ao longo de sua carreira, que vão culminar, anos mais tarde, em sua valiosa parceria na construção do “Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia”.

As três grandes temáticas que podem ser bem delineadas em sua produção científica referem-se à Organização da Informação, a Informação Jurídica e a Automação de Bibliotecas, conforme a Figura 1.

Figura 1 – Principais categorias temáticas de interesse da pesquisadora Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti



Fonte: Elaborado pelas autoras

Esses três grandes temas, recorrentes em sua produção científica, analisados na perspectiva histórica da Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil, refletem as influências recebidas em sua formação, atuação acadêmica e profissional oriundas da efervescência da área em âmbito mundial nos fins do século XIX até meados de 1950, bem como da década de 1950 em diante.

A partir deste período, uma busca histórica para o desenvolvimento em Ciência e Tecnologia (C&T) ocorre, pois nações do mundo inteiro reúnem-se tendo como objetivo a criação de organismos que promovessem a paz mundial, minimizando desta maneira à destruição causada pela bomba nuclear em 1945. Com a preocupação de dominar a aplicação da Ciência e Tecnologia várias instituições foram criadas, dentre ela a UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization) com o objetivo de contribuir com a paz e segurança mundial.

No bojo destes acontecimentos, foi criado o IBBD (Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação), em âmbito brasileiro, com a finalidade de (BRASIL, 1954):

- promover a criação e o desenvolvimento dos serviços especializados de bibliografia e documentação;
- estimular o intercâmbio entre bibliotecas e centros de documentação, no âmbito nacional e internacional;
- incentivar e coordenar o melhor aproveitamento dos recursos bibliográficos e documentários do país, tendo em vista, em particular, sua utilização na informação científica e tecnológica destinada a pesquisadores.

O IBBD nasce com as funções próprias dos centros de documentação especializada e dos centros bibliográficos gerais devido “a dispersão e ao desamparo do trabalho intelectual em nosso País” (SAMBAQUY, 1957, p. 4). Seu objetivo era, portanto, facilitar o trabalho das instituições científicas, técnicas e industriais, bem como o aperfeiçoamento dos trabalhos biblioteconômicos e bibliográficos.

O novo contexto possibilitou o contato com instituições internacionais como a FID (Federação Internacional de Documentação) e a IFLA (Federação Internacional de Associações de Bibliotecas) que enriqueceu o domínio intelectual trazendo para a área o discurso da “informação científica”.

Neste sentido, o IBBD implementou suas atividades tendo como uma das primeiras iniciativas a promoção consecutiva de cursos de “documentação científica”. Esses cursos orientaram inúmeros bibliotecários e interessados em Biblioteconomia no fornecimento de serviços de “informação científica”, tendo como base avançadas técnicas de documentação. Um dos convidados especiais do Curso de Pesquisa Bibliográficas de 1957 foi o professor Jesse H. Shera da Escola de Biblioteconomia, da Western Reserve University Cleveland, que ministrou uma séria de conferências sobre “Processos Modernos de Documentação” (SAMBAQUY, 1957, p. 7)

Para Oddone (2006, p. 46),

os profissionais treinados serviam como multiplicadores ou disseminadores do novo saber, dos novos discursos e das novas práticas do campo. A extensão e a capilaridade assim alcançadas fortaleceram não apenas os atores em cena naquele momento, mas também, de maneira reflexa, a própria área, que experimentou um importante processo de fertilização. Instaurado, tal processo provocou desdobramento a partir dos quais surgiram as associações profissionais, os cursos de graduação universitária e, mais tarde, a própria legislação profissional, símbolo maior, naquele momento, da identidade, da legitimidade e da visibilidade da biblioteconomia nacional.

Antecedendo o ápice desses eventos, porém já sofrendo possivelmente influência do processo de desenvolvimento

desses acontecimentos, Cordélia se graduou em Biblioteconomia em 1949 na Escola de Biblioteconomia do Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura Municipal de Recife⁴. Ela se gradua no final da década de 1940, década considerada por vários autores como um período de importância fundamental para a área de Biblioteconomia por vários motivos dentre eles: a ampliação de novos e modernos métodos de organização e técnicas biblioteconômicas; a realização de concursos especializados pelo Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP); reforma da Biblioteca Nacional; aperfeiçoamento de técnicos brasileiros nas universidades americanas; criação do serviço nacional de catalogação cooperativa; modificações nos conteúdos pedagógicos dos cursos; ampliação no acesso ao ensino superior em Biblioteconomia (DIAS, 1955; BARBOSA, 1979; CASTRO, 2000).

Entre 1953 e 1963, percebe-se em sua produção científica a preocupação com a temática Organização da Informação, principalmente com os cabeçalhos de assunto e catalogação. Talvez esse tema seja o mais recorrente neste momento devido sua atuação profissional articulada com a docência no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Recife.

Na década de 1960 Cordélia publicou em anais de eventos e no Boletim da Câmara dos Deputados trabalhos que focavam sua prática profissional, como a publicação de Normas para catalogação na Biblioteca Central da Universidade de Brasília (publicado em 1963), Algumas aplicações de mecanização na Biblioteca da Câmara dos Deputados (publicado em 1968), a Experiência de

4 Professora Cordélia se gradou no primeiro curso de Biblioteconomia do Recife criado pelo Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura Municipal do Recife. O curso foi criado para atender à demanda de profissionais para as bibliotecas populares que iriam ser instaladas nos bairros da Encruzilhada, Casa Amarela e Afogados, bem como para o ônibus-biblioteca e postos de empréstimos pela cidade do Recife. Professora Cordélia estudou “Organização e Administração de Bibliotecas e História do Livro” com o professor Ernani Cerdeira, “Classificação” com o professor Milton Melo e “Bibliografia e Referência e Catalogação” com o professor Edson Nery da Fonseca (CASTRO, 2000).

mecanização em processos técnicos de biblioteca (publicado em 1969) e Automação nas bibliotecas (publicado em 1970).

Importante destacar a obra “Documentalista e Bibliotecários”, escrita por Cordélia em 1960, pois a abordagem desse tema neste momento demonstra que ela estava envolvida na incorporação dos saberes da Documentação no campo da Biblioteconomia, bem como os seus fazeres.

Em 1964 leciona na UnB as disciplinas Catalogação, Classificação, Documentação, Automação e Mecanização de Bibliotecas. A partir desse momento, começa a surgir em suas publicações a temática Automação de Bibliotecas.

A presença da eletrônica e informática nos fazeres biblioteconômicos, bem como seus equipamentos, terminologia e perspectivas começaram a ser mais constantes após a criação do IBBD; a informática, que no início aparece por meio de relatos oriundos de profissionais que viajavam para o exterior, ou pelos próprios informes que chegavam ao IBBD, posteriormente, foi incorporada ao seu dia-a-dia (ODDONE, 2006).

Seu interesse com as temáticas relacionadas à Automação de Bibliotecas inicia-se com a mecanização e automação da Biblioteca da Câmara, nos setores de catalogação, referência legislativa e expedição de publicações, após a compra das máquinas Flexowriter e Addressograph. A primeira duplicava fichas catalográficas, imprimia, perfurava a fita e reproduzia, sendo a primeira tentativa de mecanização e racionalização das atividades de biblioteca; a segunda era utilizada para o endereçamento de publicações (CÔRTE, 2012)

Os estudos sobre a temática se concretizaram no curso de Automação de Bibliotecas que Cordélia prepara para o curso de Biblioteconomia da UnB. A preparação do curso de automação ocorreu após sua experiência na Câmara quando a mesma decidiu contratar um especialista para “elaborar o programa de um sistema integrado de automação, utilizando equipamentos da IBM” (CÔRTE, 2012, p. 131). O programa levou um ano para ser criado e implementado, período no qual a professora observou todo o

processo, podendo, dessa forma, levar sua experiência para a academia.

A citação de Cordélia a respeito da automação demonstra sua visão abrangente a respeito da formação do bibliotecário, incluindo a programação e a análise de sistemas como competências do profissional:

[...] um programa inicial de mecanização – com possibilidade de automação no futuro – é aplicável em bibliotecas brasileiras e também demonstra que qualquer projeto de mecanização ou automação deve ser precedido de uma análise do sistema em uso. Prova que o bibliotecário, trabalhando em estreita colaboração com o especialista – ou, futuramente, o próprio bibliotecário formado em programação e análise de sistemas – poderá ter uma visão geral dos problemas da biblioteca, solucionando-os por intermédio das novas técnicas e de acordo com programas flexíveis. Para funcionarem bem, os projetos de automação devem: refletir o conhecimento dos objetivos da biblioteca, a visão panorâmica da biblioteca e de seus serviços; privilegiar o clico documental; ter um planejamento claro e preciso do processo de execução; e, introduzir a implantação de forma cooperativa, envolvendo todos os bibliotecários e demais servidores, para que não haja o medo da substituição do homem pela máquina (CAVANCANTI, 1969 apud CÔRTE, 2012, p. 131)

A partir da década de 1970, como fruto de sua experiência nos Estados Unidos e a atividade de assessoramento legislativo, bem como a proposta que fez de criação do Centro de Documentação e Informação na Câmara dos Deputados, sua produção científica volta-se para a Informação Jurídica. A temática Informação Jurídica

permanece presente com frequência em sua produção científica entre os anos de 1970 e 1975.

Em 1970, exercendo ainda seu cargo de diretora da Biblioteca da Câmara dos Deputados, Cordélia publicou um artigo sobre os Novos métodos de pesquisa legislativa. Segundo Borges e Brito (2012) tais métodos foram resultado da visita que Cordélia fizera à Biblioteca do Congresso dos EUA.

Na Biblioteca do Congresso, vi a importância da atividade de assessoramento legislativo, o que me interessou muito.... então trouxe para Brasília, a inovação que foi justamente a dos assessores, da assessoria que não existia na Câmara.....Hoje você tem, tanto na Câmara como no Senado, os assessores legislativos. No início os assessores trabalhavam na Biblioteca, em uns gabinetes que ficavam nas salas de leitura (CAVALCANTI, 2001 apud CÔRTE, 2012, p. 133).

Ainda em 1970, na eminência pela busca de uma padronização nacional, visando à participação em programas internacionais de catalogação, Cordélia editou seu livro *Catálogo Simplificado* publicado pela editora da UnB. Tal obra foi de grande significado para os catalogadores brasileiros.

Em 1985, Cordélia publicou um artigo intitulado *Ensino de informática na formação de bibliotecários* denotando, conforme destacado anteriormente, sua preocupação com a inserção da tecnologia na Biblioteconomia. Seus estudos sobre essa temática culminou na publicação em 1996 da obra *“Da Alexandria do Egito à Alexandria do Espaço”*. No prefácio desta obra, Murilo Bastos da Cunha, amigo, colega de trabalho e co-autor em publicações importantes com Cordélia, ressalta,

Esta obra vem a lume em boa hora. É o momento, por exemplo, em que a Internet começa a deslanchar no Brasil e dezenas de organizações lançam suas “home-pages” (páginas iniciais), redes de fibra ótica já interligam algumas capitais estaduais e as bibliotecas mais ricas possibilitam o acesso a seus acervos através de CD-ROMs e/ou pela WWW (World Wide Web). Nesse cenário cujas conformações finais são de difícil visualização, sabiamente a

mestra Cordélia nos lembra que devemos: “ouvir/ler o passado, falar com o presente, olhar em direção ao futuro”.

Na área de Organização da Informação, mais especificamente na representação temática, Cordélia introduziu no Brasil o uso do termo Tesouro, como tradução do termo Thesaurus, o que significa tesouro em latim. Escreveu o primeiro livro sobre elaboração de tesouros no Brasil contribuindo, assim, para o desenvolvimento da área.

Escreveu também sobre indexação, pois acreditava que a indexação poderia “diminuir os problemas decorrentes da subjetividade da análise, uma vez que alguns sistemas de indexação adotam critérios objetivos a serem observados pelo indexador no momento da análise” (CAVALCANTI, 1982).

Em 2001 Cordélia publicou um texto sobre Edson Nery da Fonseca no livro “Interpretação de Edson Nery da Fonseca”. Como já referido, Edson Nery da Fonseca foi professor e amigo de Cordélia, esteve presente em todas as fases de sua trajetória profissional e acadêmica.

Entre sua produção científica destaca-se a publicação em co-autoria com o professor Murilo Bastos da Cunha, o Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia, talvez a obra mais citada de sua autoria. Sobre esta obra, há relatos que a professora Cordélia durante anos guardou fichas terminológicas com o intuito de elaboração da referida obra.

Mais do que áreas de interesse de pesquisa, as temáticas “Organização da Informação”, “Automação de Bibliotecas” e “Informação Jurídica” fizeram parte do desenvolvimento profissional e acadêmico desta estudiosa, influenciado pelo desenvolvimento sócio histórico da própria Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil. No seu lastro científico podemos vislumbrar por meio da leitura desses fragmentos a riqueza e a construção de nossa área.

DONA CORDÉLIA, ILUSTRE PERSONALIDADE

Embora o contato frente a frente seja mais afetuoso, o contato por meio dos aparatos tecnológicos também pode ser enriquecedor. É possível, mesmo através de uma tela, observar emoções, seja na voz, sejam nos gestos ou mesmo no olhar. Foi por meio do Skype que conseguimos conversar sobre Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti com Eliane Serrão Alves Mey, figura que certamente merece nosso reconhecimento.

Eliane Serrão Alves Mey, como já sinalizado, foi aluna de graduação de Dona Cordélia (tratamento feito afetosamente por Mey) em 1974. Neste período, cursou a disciplina de Automação que era oferecida por dona Cordélia, uma das primeiras disciplinas, senão a primeira, de automação para bibliotecas oferecidas no país, segundo Mey. Mais tarde, em 1987, foi sua orientanda de mestrado na UnB. Sobre Dona Cordélia, como orientadora, Mey destaca: Como orientadora, jamais discutia com o orientando. Ela esperava o tempo certo do orientando, ou seja, o amadurecimento. Ainda acrescenta: Como orientadora Dona Cordélia não aceitava o uso do “apud”. Seus orientandos tinham que consultar os documentos originais. Era uma orientadora dedicada, seus orientados podiam ligar para ela nos momentos difíceis que ela estava disponível e pronta para ajudar.

Esta proximidade a permite tecer os seguintes elogios à homenageada: Dona Cordélia era uma pessoa perfeita de aspectos extraordinários como a calma, a educação, a elegância e a fineza. Acrescenta, ainda, que ela viajava muito. Falava várias línguas, entre elas o francês, italiano, espanhol, inglês. Possuía uma visão de mundo extraordinária.

Um fato importante sobre sua formação é ressaltado por Mey: Dona Cordélia se formou em Biblioteconomia no curso “rápido” oferecido pelo professor Edson Nery da Fonseca. Todas as pessoas que participaram deste curso já possuíam um curso superior. Ela era formada em Letras.

Segundo Mey, nossa autora tinha uma visão inovadora da Biblioteconomia. Ela foi para Paris, onde teve contato no Centro Cultural com a forma de organização dos livros nas estantes de uma forma bem mais simplificada do que a usada na tabela Cutter e Pha para número de autor. Para o número de autor eram utilizados as três primeiras letras do nome do próprio autor. Essa maneira de organização dos livros era mais simples e mais eficaz, o que veio ao encontro do que Dona Cordélia desejava. Mey Acrescenta: Esse desejo de simplificação e praticidade foi demonstrado no livro “Catalogação Simplificada”. Este livro foi escrito para facilitar a vida dos bibliotecários de Recife, dos bibliotecários de pequenas bibliotecas e outros bibliotecários do nordeste. Também ajudou bibliotecas que trabalhavam sozinhas, pois estavam longe dos serviços oferecidos pela catalogação cooperativa. Nesta época os Correios não funcionavam, as fichas não chegavam, a comunicação não existia, por isso Dona Cordélia escreve o livro para que essas bibliotecas pudessem organizar suas coleções. Suas ideias acerca da catalogação sempre foram inovadoras e pragmáticas, por isso discordava do uso do AACR². Sua aplicação era complicada demais para a realidade naquele momento. Era um momento em que não havia norma internacional (ISBD só em 1984).

Sobre a elaboração do Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia, Mey destaca: Os termos para a construção das fichas do dicionário foram coletadas ao longo de sua vida. Um das dificuldades em terminar o dicionário foi que, como era leitora voraz em várias línguas, ao ler e se deparar com uma área nova começa estudar a mesma buscando a relação com a biblioteconomia e arquivologia. Isso dificultava a finalização do dicionário, o ponto final.

Mey destaca também que Cordélia foi a primeira pessoa no Brasil a escrever sobre Tesouro de forma básica, simples e inovadora.

Somente um trecho de nossa conversa com Mey representa uma característica pessoal de Cordélia: Ela era uma entendedora e apreciadora de música clássica. Conhecia as melhores orquestras,

interpretes. Os melhores CDs de música clássica da professora Mey foram presenteados por ela. Segundo Mey, Dona Cordélia gostava de ir à livraria Interciência, quando ainda a mesma tinha seis andares, para fazer suas compras.

A fala de Mey retrata uma pessoa intelectualizada e erudita. Ao ser questionada sobre as principais qualidades da homenageada, a professora Mey não se esforça para responder:

- a) O respeito ao orientando: era uma orientadora que incentivava o aluno, dava apoio, esperava seu tempo de amadurecimento;
- b) Curiosidade intelectual: detentora de uma curiosidade intelectual grandiosa; estava sempre em busca de uma coisa nova para aprender;
- c) Simplificação: sua preocupação estava em fazer algo simples que fosse compreensível e de fácil aplicação;
- d) a questão ética: uma mulher com uma ética irrepreensível; jamais assinava um trabalho com um orientando, pois o trabalho era do aluno e dizia que “o trabalho é de quem faz”. Professora Mey destacou este quarto elemento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao destacar alguns aspectos da trajetória de Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti, nos deparamos com uma personalidade marcante que circulou em todas as instâncias da Biblioteconomia brasileira, desbravando e contribuindo para os avanços da área. Sabemos que devido às limitações de uma pesquisa documentária, alguns fatos importantes podem ter sido suprimidos, porém, esperamos que este texto consiga expressar a admiração por uma personalidade que se dedicou intensamente para a Biblioteconomia.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. P. Catalogação cooperativa no Brasil. **IBBD: Notícias**, Rio de Janeiro, v.4, n.1, p. 17-23, jan./mar. 1979.

BORGES, M. A. G.; BRITO, M. **Os primeiros anos da Faculdade de Biblioteconomia da UnB**. Brasília: UnB, 2012. Disponível em: file:///C:/Users/marcia%20regina/Downloads/youblisher.com-473907-Os_Primeiros_Anos_da_Faculdade_de_Biblioteconomia_na_UnB.pdf. Acesso em: 10 Ago. 2014.

BRASIL. **Decreto nº 35.124, de 27 de fevereiro de 1954**. Dispõe sobre a criação do Instituto de Bibliografia e Documentação, nos termos da Lei nº 1.310, de 15 de janeiro de 1951. Legislação Informatizada da Câmara dos Deputados. Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-35124-27-fevereiro-1954-323012-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 24 out. 2014.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação. **Quem é quem na Biblioteconomia e Documentação no Brasil**. Rio de Janeiro, 1971.

BRASIL. **Lei nº 1.310, de 15 de janeiro de 1951**. Dispõe sobre a criação do Conselho Nacional de Pesquisas e dá outras providências. Legislação Informatizada da Câmara dos Deputados. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L1310.htm>. Acesso em: 24 out 2014.

BRASIL. Presidencia da República. **Publicações oficiais brasileiras**: guia para editoração. Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.escriitoriodolivro.com.br/bibliografia/guiaeditoracao.pdf>

CASTRO, C. A. **História da Biblioteconomia brasileira**: perspectiva histórica. Brasília: Thesaurus, 2000.

CAVALCANTI, C. R. Automação de serviços de biblioteca nas escolas de biblioteconomia. **Correio Braziliense**, Brasília, Caderno Cultural, p. 4, 6 dez. 1969.

CAVALCANTI, C. R. **Bibliografia básica de classificação**. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Biblioteconomia e Informação Científica, 1968. 7 p. Mimeo.

CAVALCANTI, C. R. **Catálogo simplificada**. Brasília: Universidade de Brasília, 1970. 161p.

CAVALCANTI, C. R. **Da Alexandria do Egito à Alexandria do espaço**: um exercício de revisão de literatura. Brasília: Thesaurus, 1996. 238p.

CAVALCANTI, C. R. de O. **Indexação**. 1982. Disponível em: [http://Users/marcia%20regina/Downloads/EABCI-1\(1\)1982-indexacao.pdf](http://Users/marcia%20regina/Downloads/EABCI-1(1)1982-indexacao.pdf). Acesso em 10 ago. 2014.

CAVALCANTI, C. R. de O. Algumas aplicações de mecanização na Biblioteca da Câmara dos Deputados. In: SEMINÁRIO SOBRE AUTOMAÇÃO NA DOCUMENTAÇÃO, 1969. **Anais** .. Brasília: MEC, 1970.

CAVALCANTI, C. R. Documentalistas e bibliotecários. **Diário de Pernambuco**, Recife, Seção 1, p. 4, 2 fev. 1960.

CAVALCANTI, C. R. Ensino de Informática na formação de bibliotecários. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 13, n. 1, p. 135-137, jan./jun. 1985.

CAVALCANTI, C. R. Mecanização em processos técnicos de biblioteca. **Boletim Bibliográfico da Câmara dos Deputados**, Brasília, v. 18, n. 3, p. 489-500, set. dez. 1969.

CAVALCANTI, C. R. **Normas para catalogação na Biblioteca Central**. Brasília: Universidade de Brasília, 1963. 17p. Mimeo.

CORTE, A. R. Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti: uma vida dedicada a Biblioteconomia. In: BORGES, M. A. G.; BRITO, M. **Os primeiros anos da Faculdade de Biblioteconomia da UnB**. Brasília: UnB, 2012. p. 126-151. Disponível em: file:///C:/Users/marcia%20regina/Downloads/youblisher.com-473907-Os_Primeiros_Anos_da_Faculdade_de_Biblioteconomia_na_UnB.pdf. Acesso em: 10 Ago. 2014.

DIAS, A. C. **O ensino de Biblioteconomia no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: IPASE, 1955.

FONSECA, E. N. Que obras de Biblioteconomia e Documentação devem ser traduzidas para o português. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, set. 1957. Suplemento Dominical.

ODDONE, N. O IBBD e a informação científica: uma perspectiva histórica para a ciência da Informação no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 45-56, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n1/v35n1a06.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2014.

ORTEGA, C. D. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **Datagramazero – Revista de Ciência da Informação**, v. 5, n. 5, out. 2004. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/out04/Art_03.htm>. Acesso em: 08 out. 2010.

SAMBAQUY, L. de Q. **O IBBD e os serviços que se propõe a prestar**. Rio de Janeiro: CNPq; IBBD, 1957.

CELIA RIBEIRO ZAHER: PERSONALIDADE DA ÁREA DE INFORMAÇÃO NO BRASIL E NO EXTERIOR

Rosali Fernandez de Souza

Se alguma personalidade merece ser selecionada como uma das “fundadoras da Ciência da Informação e Biblioteconomia no Brasil”, essa pessoa, sem dúvida, é **CELIA RIBEIRO ZAHER**. A sua formação acadêmica básica e complementar, atuação profissional, produção científica e títulos e prêmios recebidos ratificam essa afirmação, revelando sua personalidade marcante nas áreas de Biblioteconomia e da Ciência da Informação no Brasil e no exterior.

FORMAÇÃO ACADÊMICA

Começando pela formação acadêmica, o percurso de Celia Ribeiro Zaher é multidisciplinar, mas complementar. As diversificadas áreas de sua formação educacional fizeram todo o sentido na sua trajetória e atuação como profissional na área da Informação, em seus múltiplos aspectos, em instituições do Brasil e do exterior. Coursou graduação em Biblioteconomia e em Ciências Jurídicas e Sociais, especialização em Biblioteconomia e doutorado em Direito.

A primeira graduação foi em Biblioteconomia pelo curso então ministrado na Biblioteca Nacional do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1962. Em 1969, o curso foi integrado à então criada Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara (FEFIEG). Com a fusão dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, em

1975, a FEFIEG passou a denominar-se Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro (FEFIERJ) e integrou, entre outros, o Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional. Desde 2003, com a criação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), o curso foi institucionalizado nessa universidade, onde permanece até hoje.

O importante a destacar é que foi aluna do primeiro Curso de Biblioteconomia criado no Brasil e com sede na Biblioteca Nacional, instituição que exercerá o cargo de direção anos mais tarde, nos períodos de 1972-1974 e de 1997-2005.

A segunda graduação foi em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade do Brasil (hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro) em 1965. O doutorado foi nessa mesma direção, na área do Direito do Trabalho, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1967.

A pós-graduação *lato sensu* Especialização em Biblioteconomia foi realizada no exterior, na School of Library Science, Columbia University, Estados Unidos, em 1963.

Dessa etapa, é importante mencionar o fato de ter tido como orientador Mortimer Tauber (1910-1965) – um expoente da área da Biblioteconomia, especialmente no campo da indexação de documentos em coleções de biblioteca, particularmente nas décadas de 1950 e 1960.

O legado de Mortimer Tauber em indexação e em mecanização no armazenamento e na recuperação da informação evidencia relações com marcos temáticos da trajetória de Celia Ribeiro Zaher nas atividades que desempenhou na área da informação.

O doutorado foi em Direito do Trabalho, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1967.

Na área da informação, também merece destaque o que poderíamos chamar de “educação complementar”, que se constituiu de cursos de curta duração sobre o Sistema Filmorex no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), na França, e sobre o Patrimônio Bibliográfico Iberoamericano no Centro

de Formación de la Cooperación Española, AECI, na Guatemala, e de visitas a bibliotecas e centros de documentação no Japão e na Alemanha.

A formação educacional, nos diferentes níveis acadêmicos em Biblioteconomia e Direito, foi alicerce importante para uma relevante e diversificada atuação profissional no Brasil e no exterior.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Constata-se a relevante atuação de Celia Ribeiro Zaher nos cargos que ocupou e nas atividades e serviços que prestou, especificamente nas áreas da Bibliografia, Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, em renomadas organizações internacionais e regionais, e em instituições de política científica e de informação, em universidades e em empresas no Brasil. Exerceu também em cargos de direção, chefia e coordenação de federações internacionais e de associações de classe nacionais, reconhecidas na área da informação no país e no exterior.

ATUAÇÃO DE CELIA RIBEIRO ZAHER NA UNESCO

No exterior, a principal atuação profissional foi na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em Paris, França, de 1972 a 1991. Nesse período, ocupou cargos de direção, coordenação de divisões e chefia de departamentos, desenvolvendo serviços especializados nas áreas da Biblioteconomia, Informação, Cultura e Comunicação, assim como atividades relacionadas a livros, bibliotecas, arquivos, intercâmbio cultural, comunicação audiovisual, exposições artísticas e história da humanidade.

Foi diretora da Divisão de Desenvolvimento de Documentos e Serviços de Arquivos do Departamento de Documentação, Bibliotecas e Arquivos (1972-1991) e da Divisão

de Promoção do Livro, Audiovisual e Arquivos Internacionais (1985-1987).

No campo da Diplomacia foi chefe da Missão Diplomática da UNESCO junto aos governos do México e da República Dominicana (1965-1968).

De 1988 a 1991 secretariou, na sede da Unesco em Paris, a segunda edição do Projeto da História da Humanidade, obra publicada sob a supervisão do Embaixador Paulo Carneiro.

Nos cargos que exerceu na Unesco é inegável a sua atuação política e técnica em setores diversos das áreas da Bibliografia, Biblioteconomia e Documentação.

ATUAÇÃO DE CELIA RIBEIRO ZAHER NO CNPQ

No Conselho Nacional de Desenvolvimento científico e Tecnológico (CNPq), Brasil, então denominado Conselho Nacional de Pesquisas, atuou como colaboradora, pesquisadora, conferencista e chefe de pesquisa, de 1968 a 1972, mesmo período de sua atuação do IBBD.

Tal atuação em conjunto foi propícia e imprescindível para o desenvolvimento da ciência e da área de informação no Brasil, uma vez que não se faz pesquisa sem informação. De fato, o CNPq e o IBBD têm raízes históricas comuns. O CNPq foi criado em 1951, e o IBBD, em 1954, integrado à estrutura organizacional do CNPq em local de destaque no seu organograma, diretamente ligado à Diretoria que, na época, estava conectada à Presidência da República. Entre as atribuições da criação do CNPq constava: *“manter relação com instituições nacionais e estrangeiras para intercâmbio de documentação técnico-científica”*. Essa atribuição contribuiu para incentivar o governo brasileiro a criar o IBBD, afim de atuarem, como parceiros, na área da informação em ciência e tecnologia no país, que teve Celia Ribeiro Zaher como principal articuladora.

ATUAÇÃO DE CELIA RIBEIRO ZAHER NO IBBD/IBICT

A atuação de Célia Ribeiro Zaher no IBBD/IBICT corresponde a dois períodos. No primeiro, a sua atuação foi no então Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, IBBD, de 1968 a 1972, quando o instituto era vinculado ao CNPq. No segundo, de 2007 a 2011, quando o IBBD já denominado Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), vinculado como instituto de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). A sua atuação profissional no IBBD/IBICT revela uma interessante trajetória epistemológica da área da informação, começando com a Bibliografia e a Biblioteconomia, passando pela Documentação e seguindo na direção da Ciência da Informação e da Informática.

No início de sua trajetória, no então recém-criado IBBD, em 1950, exerceu, de 1954 a 1964, cargos de direção e de chefia de serviços especializados. Foi Chefe da Seção de Pesquisas Bibliográficas e do Serviço de Informação Técnico-Científica, onde atuou na elaboração de Bibliografias sobre temas específicos de interesse dos cientistas. Como Diretora do Serviço de Bibliografia e Documentação, atuou na automação e publicação de bibliografias nacionais brasileiras em várias áreas do conhecimento.

Em 1956, o IBBD criou o curso de pós-graduação *lato sensu* – especialização – inicialmente, de pesquisa bibliográfica, substituído pelo Curso de Documentação Científica (CDC). Esse curso foi um marco na formação especializada de recursos humanos para bibliotecários e gestores de sistemas de informação do Brasil e de países da América Latina, por mais de três décadas. Como professora do CDC, ministrou as disciplinas Métodos de Controle e Análise de Informação e Sistemas de Mecanização da Informação.

De 1968 a 1972, exerceu o cargo de Presidente do IBBD. Durante a sua gestão, idealizou e criou o Curso de Mestrado em Ciência da Informação que teve a primeira turma em 1970. Importante ressaltar que, nesse período, não havia curso de pós-

graduação *stricto sensu* em Ciência da Informação no Brasil. Nos primeiros anos desse curso, foram realizados convênios com o British Council e com a Fullbright Foundation para a vinda ao Brasil de expoentes da Ciência da Informação do Reino Unido e dos Estados Unidos da América. Estavam aí representadas duas marcantes correntes da história da Ciência da Informação: a corrente inglesa no campo da organização e da representação da informação e a corrente americana com foco no campo do processamento de dados e da automação.

Orientou quatro dissertações de alunos da primeira e da segunda turmas do Curso de Mestrado em Ciência da Informação do IBBD. Foram suas orientandas, no período 1970-1973, Hagar Espanha Gomes e Yone Sepulveda Chastinet, que, mais tarde, exerceram o cargo de Presidente do IBBD, Maria Alice Barros, funcionária do IBBD, e Adda Drugg de Freitas, docente da área da Biblioteconomia no país.

No ano de 1972, parte para a Unesco e, no seu retorno ao Brasil, segue uma trajetória profissional por várias instituições. No IBICT volta a atuar, de 2007 a 2011, ocupando o cargo de Coordenadora de Ensino, Pesquisa, Ciência e Tecnologia da Informação (COEP), acumulando a Coordenação do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, momento em que o PPGCI, o curso que criou, completava 40 anos de existência.

ATUAÇÃO DE CELIA RIBEIRO ZAHER NA BIBLIOTECA NACIONAL DO BRASIL

No período 1996–2005, Celia Ribeiro Zaher atuou na Fundação Biblioteca Nacional (FBN) do Brasil, onde exerceu, de 1970 a 1972 o cargo de Presidente. Foi, também, Membro do Conselho Interdisciplinar de Pesquisa e Editoração (CIPE) e chefiou o Departamento de Processos Técnicos, onde desenvolveu atividades e serviços especializados de informação. Reformou diversos setores da Biblioteca Nacional, principalmente o Setor de Conservação e Preservação, criando a sala cofre dos

microfilmes da BN. No Setor de Digitalização, adotou técnicas novas de preservação das coleções de obras raras e preciosas da BN. Criou, com a cooperação da Library of Congress (USA), o Portal de Informações sobre documentos e fatos históricos relevantes entre os dois países. Criou, ainda, na BN o Strategic Programme on Preservation and Conservation (PAC) da International Federation of Library Associations (IFLA).

Enquanto Presidente da Biblioteca Nacional do Brasil, foi responsável pela instalação da automação dos serviços de informação e pela reforma das instalações dos departamentos e do prédio – pintura interna, tetos e novo mobiliário.

No curso de graduação em Biblioteconomia que funcionava na BN foi professora das disciplinas de Organização e Técnica de Documentação e Técnica do Serviço de Referência – áreas centrais da formação acadêmica em Biblioteconomia.

Na BN, merece também destaque a sua atuação na área da Cultura. Entre as diferentes atividades, deu ênfase à promoção de exposições do acervo da BN, cujos catálogos foram organizados pela Seção de Promoções Culturais da Biblioteca Nacional. Datam dessa época, as exposições de: Goethe: 1749-1832; Monteiro Lobato: 1882-1948; e a Exposição Comemorativa dos 80 Anos da Biblioteca Nacional. Foi supervisora da publicação do Catálogo de Incunábulo da Biblioteca Nacional.

ATUAÇÃO DE CELIA RIBEIRO ZAHER NA BIREME

Foi Diretora da Biblioteca Regional de Medicina (BIREME), organização vinculada à Organização Pan Americana da Saúde (OPAS), da Organização Mundial da Saúde (OMS), de 1991 a 1996. Entre outras atividades, reformulou o sistema de computação e criou o Congresso Regional de Informação em Ciências da Saúde (CRICS), com a intenção de reunir bibliotecas, afiliadas à OPAS, ou criadas em países latino-americanos e caribenhos com automação de serviços de informação. Esse congresso é realizado desde 1992 como principal objetivo de

atualizar conhecimentos da comunidade de informação médica e de saúde pública com especialistas renomados e com cursos de treinamento.

Foi também membro do Projeto de Estudos dos Periódicos Latino-americanos Indexados na Base de Dados LILACS, apoiado pelo Programa de Desenvolvimento Científico da Organização Pan-Americana da Saúde, em 1993.

ATUAÇÃO DE CELIA RIBEIRO ZAHER EM FEDERAÇÕES INTERNACIONAIS, EM ASSOCIAÇÕES NACIONAIS DE INFORMAÇÃO, EM UNIVERSIDADES E EM EMPRESAS BRASILEIRAS

Complementando a atuação profissional de Celia Ribeiro Zaher nas áreas da Biblioteconomia, da Documentação e da Ciência da Informação, é importante mencionar cargos representativos de direção que ocupou e participações em federações internacionais e associações nacionais.

Na Federação Internacional de Documentação (FID), entidade dedicada às áreas da Informação e Documentação (criada em 1895 e dissolvida em 2002), atuou na Comissão Latino Americana da FID (FID/CLA) como Conselheira e como Membro do Comitê Permanente de 1969 a 1972. Exerceu a presidência da FID/CLA em 1970. Nessa mesma época exercia a presidência do IBBD, o que simbolizou o seu reconhecimento no campo da Biblioteconomia e Documentação, não só no Brasil como em outros países da América Latina.

Um fato interessante de ser comentado em relação à FID e ao IBBD é a mudança dos nomes de ambos ao longo da sua existência, que pode ser comparada às principais áreas de atuação profissional de Celia Ribeiro Zaher. A FID foi criada com o nome de Federação Internacional de Bibliografia, mudando depois para Federação Internacional de Documentação, ou seja, as mesmas áreas do IBBD: Bibliografia e Documentação. Anos mais tarde, a FID passou a se

chamar Federação Internacional de Informação e Documentação, e o IBBD passou a ser IBICT, com foco na Informação Científica e Tecnológica. Essas denominações caracterizam a evolução da área de informação em Bibliografia, Documentação e Ciência da Informação.

No Brasil atuou na Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), entidade nacional, com sede no Rio de Janeiro, da International Organization for Standardization(ISO). Na ABNT, foi presidente da Comissão Brasileira de Terminologia, de 1969 a 1972.

ATUAÇÃO DE CELIA RIBEIRO ZAHER EM UNIVERSIDADES E EM EMPRESAS BRASILEIRAS

Na Universidade do Brasil (UB), hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro(UFRJ), atuou como Chefe da Seção de Registro da Biblioteca Central e como Diretora do Centro Nacional de Informação Científica em Microbiologia.

Na Universidade Federal Fluminense (UFF) auxiliou na criação do Curso de Graduação em Biblioteconomia. Foi professora pro bono e posteriormente passou a professora titular por concurso, lecionando a disciplina Documentação.

Cooperou na criação do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará (UFPA) ministrando disciplinas em 1965.

Foi Bibliotecária em empresas de renome no Brasil, como, por exemplo, na Petróleo Brasileiro S. A. (PETROBRAS), onde em 1955, exerceu o cargo de Chefe de Turma da Catalogação das Bibliotecas da Petrobrás Distribuidora. Na Companhia Geigy do Brasil (CIBA-GEIGY), trabalhou de 1958 a 1960.

CARGOS E REPRESENTAÇÕES INSTITUCIONAIS

O reconhecimento das habilidades intelectuais e das características multifacetadas de sua atuação profissional, tanto

no Brasil como no exterior, pode ser constatado por Cargos e Representações para os quais foi eleita e nomeada por entidades reconhecidas nas áreas da Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação.

A seguir, a nomeação dos Cargos e Representações, enumerados pela data de início da atuação.

Membro do Corpo de Diretores do Councilon Library and Information Resources (CLIR), de 1991 a 2005

O CLIR é uma organização independente, sem fins lucrativos, financiada pelas universidades americanas. Tem, como objetivo, estudar e analisar a situação e as tendências das bibliotecas universitárias e os problemas de preservação dos acervos, visando ao delineamento de estratégias para melhorar o desempenho da pesquisa, ensino e ambientes de aprendizagem em colaboração com as bibliotecas, instituições culturais, e as comunidades de ensino superior. O Conselho é constituído por vice-reitores de universidades e historiadores. No CLIR foi representante da América Latina.

Membro e vice-presidente do International Advisory Committee do Programa “Memory of the World” da Unesco, de 1995 a 2005

No Comitê Consultivo Internacional desse Programa foi representante e vice-presidente da América Latina. O Programa Memória do Mundo da Unesco tem, como missão, preservar a memória da humanidade através do registro de suas criações artísticas para as gerações futuras. Os itens são qualificados e identificados, gerando uma listagem oficial da Unesco de criações artísticas da humanidade. É interessante destacar que, entre as coleções de bibliotecas, a *Collecção D. Theresa Christina Maria*, da Biblioteca Nacional do Brasil, é reconhecida como tesouro internacional.

Presidente da Asociación de Bibliotecas Nacionales de Iberoamérica (ABINIA), de 2001 a 2003

A ABINIA exerce importante missão no âmbito das bibliotecas nacionais da península Ibérica e da América Latina. Tem, como objetivo principal, deliberar sobre os problemas atuais das funções das bibliotecas nacionais, assim como refletir sobre as necessidades dos sistemas de bibliotecas públicas nos países latino-americanos.

Presidente do Council of Directors of National Libraries (CDNL), de 2002 a 2005

O CDNL é uma associação independente de executivos-chefes das bibliotecas nacionais, criada para facilitar a discussão e promover a compreensão e a cooperação em assuntos de interesse comum em todo o mundo. O CDNL congrega os diretores de bibliotecas nacionais de todos os países membros da International Federation of Library Associations (IFLA), buscando uma atuação mais eficaz das bibliotecas nacionais. Exercer o cargo de Presidente do CDNL é missão relevante e complexa, uma vez que tal Conselho tem como principais objetivos refletir e deliberar sobre os problemas, atuais e prováveis, que incidem no desempenho das bibliotecas nacionais, principalmente os decorrentes das mudanças tecnológicas. Foi eleita Membro do Standing Committee of the IFLA Latin America and Caribbean Section por dois períodos consecutivos: de 2003 a 2007 e de 2007 a 2011.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Celia Ribeiro Zaher foi autora de inúmeras publicações na forma de artigos de revistas científicas (14) e notícias em jornais de divulgação, livros (6, sendo um em três edições) e capítulos de livros (5), comunicações apresentadas em eventos nacionais e internacionais (37), além de itens produção técnica, e de outros

itens de produção bibliográfica (7). A presente retrospectiva não tem como objetivo listar todos os itens de publicações, e sim, apresentar o conjunto da obra de Celia Ribeiro Zaher numa abordagem epistemológica da sua produção na área da Informação, segundo os temas de assunto que abordou, destacando áreas de atuação que caracterizam os principais temas de assuntos tratados na sua produção: da Bibliografia e Biblioteconomia, passando pela Documentação e chegando à Ciência da Informação, como fruto de sua atuação no IBBD/IBICT; a política de informação, quando de sua atuação na UNESCO; a informação em saúde, quando de sua atuação na BIREME e a informação em cultura, quando da sua atuação na Biblioteca Nacional do Brasil. Em seguida, destaque para o seu pioneirismo no campo da Automação de Sistemas e Serviços de Documentação e Informação e, finalmente, destaque para a sua Visão de Futuro, que sempre esteve presente nas diferentes décadas da sua produção. Como ilustração, são transcritos alguns trechos de suas publicações que destacam aspectos relevantes de sua obra, principalmente no campo da informação.

BIBLIOGRAFIA, BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

No início da década de 1960 publica, no campo da Bibliografia, livro sobre *Técnicas da Organização e da Pesquisa Bibliográfica* (1960), o *Guia de Pesquisa Bibliográfica em Ciência e Tecnologia* (1961), e o *Guia de Literatura Médica e Biológica* (1962).

Em meados da década de 1960 publica o livro *Introdução à Documentação* em três edições sucessivas (1965, 1967 e 1968), o que revela a oportunidade e a relevância de tal campo naquele momento, no Brasil.

No início da década de 1970 escreve, em coautoria com Hagar Espanha Gomes, *Da Bibliografia à Ciência da Informação, histórico e posição*. Escrevem as autoras, em 1972, no volume 1, número 1, da revista *Ciência da Informação* do IBBD:

Novas formas de registro de informações ampliaram o âmbito da **Bibliografia**, levando ao aparecimento da **Documentação**. Necessidades sociais exigiram maior especificidade no tratamento de informação para cuja solução novos tipos de especialistas e novas tecnologias passaram a ser desenvolvidas originando a **Ciência da Informação**. Esta, como disciplina científica, passa a considerar **Bibliografia, Biblioteconomia e Documentação** como suscetíveis de aplicar os resultados de suas investigações. (ZAHER; GOMES 1972, p. 5). Grifo nosso.

As autoras apresentam a Bibliografia como objetivo primordial de divulgar o conhecimento contido nos livros, surgindo, então, as Bibliografias Nacionais e as Bibliografias Especializadas:

Atividade que floresceu graças à invenção da imprensa a **bibliografia** teve, desde o início, como um de seus objetivos o de divulgar o conhecimento acumulado nos livros. De um lado apareceram os repertórios dos livreiros, como publicidade de seus estoques, e que se transformaram, em alguns casos, em **bibliografias nacionais**. De outro, surgiram **as bibliografias especializadas**, inicialmente de caráter internacional, como reflexo da erudição de seus autores. (ZAHER; GOMES 1972, p. 5). Grifo nosso.

Destacando a Bibliografia como instrumento indispensável para o desenvolvimento científico-tecnológico e a necessidade de aprimorar sua elaboração no controle do conhecimento registrado, ressaltam:

[Assim,] reconhecida, desde logo, como um indispensável instrumento para a pesquisa

e para o desenvolvimento científico-tecnológico, a **bibliografia** foi objeto de preocupação de estudiosos que procuraram aprimorar técnicas e métodos para melhor controlar e divulgar o material bibliográfico existente. (ZAHER; GOMES 1972. p. 5). Grifo nosso.

O pensamento de Celia Riberio Zaher sobre o IBBD, atual IBICT, instituição que presidiu no início dos anos de 1970, confirma a sua visão da **Biblioteconomia** como passo decisivo na evolução da informação no Brasil. No texto intitulado ***IBICT: perfil de seus primórdios*** ressalta:

O Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) nasceu Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (IBBD), na década de 50, como um símbolo de modernidade e visão na área da **Biblioteconomia**. Os seus primórdios constituem os passos decisivos na história da evolução da informação no Brasil e deixaram marcas em todo o país e na América Latina. (Zaher [s.n. t.]). Grifo nosso.

Ciente das novas formas de registro da informação, indicam a ampliação da Bibliografia, resultando no aparecimento da Documentação:

Novas formas de registro de informações ampliaram o âmbito da **Bibliografia**, levando ao aparecimento da **Documentação** (ZAHER; GOMES 1972. p. 5). Grifo nosso.

Quanto à Ciência da Informação, em 1974, visualiza que esta área compreende as atividades de origem, coleta, organização, armazenamento e recuperação, interpretação, transformação e a

utilização da informação, destacando como itens de investigação: Representação da informação natural e artificial, Uso de códigos para transmissão eficiente da mensagem, Processamento da informação, Mecanismos e técnicas como computadores e sistemas de programação.

Em comunicação apresentada no congresso da FID/CLA em Lima, Peru (1972), reflete sobre a *Ciência da Informação e suas implicações na formação de recursos humanos*, considerando o potencial dessa área do conhecimento, o que vem de fato a se evidenciar nas décadas seguintes.

No campo da comunicação científica, entre outros assuntos, merecem destaque os trabalhos que tratam da *Diversidade de línguas como obstáculo à informação científica* (1961), apresentado no Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBDD), realizado em Curitiba, Paraná, Brasil, e da *Telecomunicação e informação científica no Brasil* (1969), apresentado em coautoria com L. G. C. Cunha, no Congresso Regional sobre Documentação e na Reunião da FID/CLA, no Rio de Janeiro, Brasil.

Entre os serviços de informação científica, merecem destaque os trabalhos sobre: Sistema de indexação KWIC (Key Words in Context) versus descritores (1969), apresentado no Congresso Regional de Documentação e Reunião da FID/CLA, no Rio de Janeiro, Brasil; Estudo *do perfil do usuário para aplicação futura do SDI numa determinada comunidade* (1970) apresentado no Congresso Internacional de Documentação, em Buenos Aires, Argentina; e *Mecanismos de transferência da informação* (1972) apresentado à reunião da FID/CLA, realizada em Lima, Peru.

A PREOCUPAÇÃO POLÍTICA

Quando Diretora do Departamento de Documentação, Bibliotecas e Arquivos da UNESCO, escreve o texto de artigo intitulado *Planejamento das Bibliotecas no Contexto Educacional: contribuição dos organismos internacionais*, em que fica clara a sua preocupação política da inserção do Brasil na esfera internacional

de informação, alertando para a necessidade de implantação de uma política de planejamento nacional de coordenação dos serviços de documentação, bibliotecas e arquivos, levando em conta os diferentes níveis de desenvolvimento de cada país e a necessidade de uma rede de informação em níveis nacionais e internacionais, visando a uma colaboração em programas como NATIS, UNISIST e CDU.

Logo no início do texto, destaca que:

A informação é reconhecida como elemento essencial para o progresso da civilização e da sociedade pelos países industrializados, que criaram sistemas complexos de informação, a fim de atender às necessidades específicas de cientistas e administradores e de todos aqueles envolvidos em problemas sócio-econômicos. Nos países em desenvolvimento, onde os recursos são mais limitados, a necessidade de dar prioridade à criação de serviços de informação só vem sendo reconhecida paulatinamente. (ZAHER, 1977, p. 369)

Quando se refere ao NATIS, Sistema Nacional de Informação da UNESCO, apresenta a importância do programa:

Em muitos países o lançamento do NATIS implicará em assistência técnica e financeira proveniente de fontes nacionais e internacionais. A 18.a Conferência Geral (Novembro de 1974) encarregou a Unesco de estabelecer um programa de ação a longo prazo para ajudar os Estados Membros, em participar os países em desenvolvimento, a planificar e desenvolver suas infra-estruturas nacionais ou seus sistemas nacionais de informação (NATIS). O Secretariado da Unesco está preparando um projeto

de programa que já foi examinado pelo Comitê Consultivo Internacional de Documentação, Bibliotecas e Arquivos (IACODLA) em sua quinta sessão, realizada em Paris de 10 a 13 de junho passado. O do NATIS a longo prazo será submetido à 19ª Conferência Geral, Novembro de 1976, possibilitando uma expansão de sua ação. (ZAHER, 1977, p. 373)

e deixa explícita a recomendação para a sua implementação no Brasil, pelas autoridades responsáveis:

Espero que o Congresso recomende às autoridades Governamentais Brasileiras o estudo e implementação do NATIS no Brasil, em resposta à carta circular enviada pelo Diretor Geral da Unesco a todos os Estados Membros. (ZAHER, 1977 p. 374)

INFORMAÇÃO EM SAÚDE

Quando diretora do Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde – Bireme/ OPAS/ OMS apresenta em coautoria com Abel Laerte Packer, então Coordenador de Sistemas & Processamento de Dados da mesma instituição, em 1992, comunicação no congresso regional de informação em saúde, texto posteriormente revisto e publicado como artigo na revista *Ciência da Informação* em 1993, intitulado *O desenvolvimento da informação em saúde na América Latina e Caribe e perspectivas futuras*. Nesse texto, os autores apresentam os objetivos e a estrutura do Sistema Regional de Informação em Ciências da Saúde e descrevem as atividades cooperativas desenvolvidas pela Bireme.

Como ponto chave do artigo que merece atenção está a ideia de que “o modelo de automação desenvolvido pela Bireme

permite a implementação das atividades cooperativas do sistema, envolvendo a geração e recuperação de documentos em bases de dados e a localização do documento primário”, o que significava um avanço em termos de sistemas de recuperação da informação com sede no Brasil na época da publicação do texto.

Cumprir destacar, ainda, a visão de futuro dos autores quando afirmam que:

As perspectivas futuras do sistema regional visam a ampliar seu raio de atuação, através do uso cada vez mais acentuado dos meios de comunicação eletrônicos, disponíveis internacionalmente, que rompem barreiras geográficas, permitindo maior integração entre usuários e as bibliotecas. (ZAHER & PACKER, 1993, p. 193)

o que, de fato, ocorreu.

ÁREA DA CULTURA

Na área da Cultura, entre outras atividades, as Exposições também foram objeto de atenção de Celia Ribeiro Zaher, quando diretora-geral da Biblioteca Nacional do Brasil.

Em 1983, a BN publica o catálogo da exposição “Acervos Preciosos”, que marca o advento de uma nova fase da história da instituição, sob sua direção. A exposição foi composta por peças do século XV ao XX, ilustrando: Documentos e mapas manuscritos, Obras e mapas impressos, Estampas, fotografias e desenhos originais do século XVI ao XX, e Coleções especiais, pertencentes às seções de Iconografia, Manuscritos, Música e Obras Raras.

A seguir, parte do texto da apresentação do catálogo da referida exposição, escrito por Celia Ribeiro Zaher, cujas palavras bem revelam a sua visão do relevante papel da BN e uma bela caracterização da importância cultural do seu acervo:

Ao mostrarmos, no saguão recém-restaurado, peças das mais preciosas de nosso acervo, algumas nunca antes expostas ao público, queremos reafirmar esse vínculo poderoso que se estabelece entre nosso trabalho cotidiano e a memória das origens da nacionalidade; queremos reafirmar a função da Biblioteca de testemunha da perenidade da vida nacional no que ela tem de mais sagrado e duradouro: as obras do espírito, da inteligência e do talento dos brasileiros (BN, 1983).

No Primeiro Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU), realizado na Universidade Federal Fluminense, em 1979, apresenta comunicação que trata dos Programas Internacionais de apoio a Bibliotecas Universitárias como elemento de desenvolvimento cultural.

AS “NOVAS” TECNOLOGIAS NA ÁREA DA INFORMAÇÃO

A produção científica de Celia Ribeiro Zaher no campo da automação da informação no Brasil começa na década de 1960, sendo, portanto, uma das pioneiras.

A seguir, algumas das temáticas de sua produção no campo da automação:

- automação da bibliografia brasileira de física (1968);
- comunicação, em coautoria com Jacques Danon, apresentada no Symposium of Handling of Nuclear Energy evento sobre energia nuclear em Viena, Áustria;
- aplicação de processos automáticos no cadastramento de físicos brasileiros (1969) – artigo publicado na revista Ciência e Cultura da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC);

- automação do catálogo coletivo nacional de periódicos (1969) – comunicação apresentada em evento de Informática no Brasil;
- modelos de automação e formatos no Brasil (1999) – capítulo de livro sobre Controle Bibliográfico Universal, publicado com coautoria de L. G. Amadeo e A. M. Bittencourt.

Na era eletrônica e digital, dedicou-se a explorar os seguintes temas, na primeira década do ano 2000:

- biblioteca digital de acervos raros (2002), artigo publicado no periódico Leituras de Lisboa, Portugal;
- o programa de preservação tradicional e digital no centro da IFLA-PAC na Biblioteca Nacional do Brasil (2004), artigo publicado no periódico International Preservation News;
- digitalização de acervos fotográficos (2004), artigo publicado nos Anais do Museu Paulista;
- a importância dos conteúdos digitais na formação da cidadania (2004), comunicação apresentada no Segundo Seminário Internacional de Bibliotecas Digitais realizado em Campinas, São, Paulo, Brasil;
- consórcio eletrônico de bibliotecas no campo da cooperação bibliográfica (2005), artigo em coautoria com Angela Bettencourt publicado na revista Alexandria: the Journal of National and International Library and Information Issues.

A VISÃO DE FUTURO

A análise do presente na Visão de Futuro sempre foi uma tônica presente na trajetória profissional e na produção científica de Celia Ribeiro Zaher, sobre os mais diversos temas na área da informação. A seguir, exemplos significativos dessa visão, representados nos títulos das suas publicações:

Informática: solução ou crise? – texto publicado como notícia do jornal Tribuna do Cacao, Ilhéus, 1971;

O novo bibliotecário e a sua área de atuação: a formação cultural do bibliotecário e as novas áreas de atuação, livro publicado em 1983;

A expansão da rede Latino-americana e do Caribe de informação em ciências da saúde face aos desafios do futuro, trabalho apresentado no I Congresso Regional de Informação em Ciências Sociais, em 1992, e publicado na Revista de la Asociación Medica Argentina, em 1993;

O impacto do conceito de redes de conectividade e cooperação na transferência da informação nos meios acadêmicos, trabalho apresentado no 5º Seminário sobre Automação em Bibliotecas e Centros de Documentação, em 1994;

Desafios dos dois anos: o futuro hoje – comunicação, em autoria com Abel Packer, apresentada no I Congresso Regional de Informação em Ciências da Saúde e Seminário Internacional sobre os Desafios da Era da Informação: agentes e usuários em 1994;

Estratégias atuais e perspectivas futuras da conservação do acervo da Biblioteca Nacional do Brasil, artigo publicado no periódico International Preservation News, em 1999;

Capturando no espaço cibernético: a aquisição sem fronteiras, trabalho apresentado no evento INTEGRAR. Congresso Internacional de Arquivos, Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus em 2002;

O futuro do presente: acervos fotográficos diante do horizonte digital, texto publicado nos Anais do Museu Paulista, em 2004;

Prevenção de desastre nos países da América Latina e do Caribe, capítulo do livro “Preparando para o Pior, Planejando para o Melhor: Protegendo Nossa Herança Cultural do Desastre”, editado por K. G. Saur, Munchen, em 2005.

A partir da instalação do Comitê Nacional do Escudo Azul, Celia Ribeiro Zaher vem atuando e publicando documentos que

tratam de projetos e ações voltadas para a prevenção de desastres de acervos culturais no Brasil.

MENÇÕES E TÍTULOS HONORÍFICOS

A listagem das sete Menções e Títulos Honoríficos recebidos, enumerados a seguir, respaldam o reconhecimento da competência de Celia Ribeiro Zaher em realizações e atuações profissionais, assim como de sua produção científica publicada, com destaque para as áreas da Biblioteconomia, Saúde, Educação e Relações Internacionais:

- Diploma de Membro Benemérito, Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB)
- Troféu Bastos Tigre, Bibliotecária do Ano 1983
- Honra ao Mérito, Colegio de Bibliotecólogos del Perú 2009
- Presidente Honorária da Asociación de Bibliotecas Nacionales de Iberoamérica (ABINIA) 2002
- Medalha de Honra, Pan American Health Organization (PAHO) 1983
- Premiação como Melhor Gerente Regional, Pan American Health Organization/ Organização Mundial da Saúde (PAHO/OMS) 1983
- Comandante da Ordem do Rio Branco, Ministério das Relações Exteriores (MRE) 1983
- Comandante da Ordem do Mérito Educativo, Ministério da Educação e Cultura (MEC) 1982

Para completar a sua personalidade, recebeu também a indicação, pelo Conselho Nacional da Mulher (CNDM), de **Mulher do Ano** 1984. Foi também citada no Who's Who in Europe na década de 1970.

CELIA RIBEIRO ZAHER NA ATUALIDADE

Entramos no século XXI, e Celia Ribeiro Zaher continua ativa na área da informação. Atualmente, sua principal atuação é no Programa Escudo Azul (Blue Shield).

O Escudo Azul é uma organização internacional profissional independente, que atua em parceria com a UNESCO, voltada para a realização de ações que visam à preservação do Patrimônio Cultural da Humanidade em risco nos diferentes países. O Escudo Azul tem sua sede no International Council of Archives (ICA) em Paris e possui comitês nacionais com a participação de entidades de classe e das instituições responsáveis pela Memória Nacional dos países.

No Brasil, por iniciativa de Celia Ribeiro Zaher, foi criado o órgão nacional do Escudo Azul, onde, desde 2006, é **Presidente do Comitê Brasileiro**. Nesse comitê, estão representados aspectos diversos ligados à informação e à conservação com o objetivo de salvaguardar e proteger o patrimônio cultural do país, compreendendo arquivos, bibliotecas, museus, monumentos e material audiovisual.

CONSIDERAÇÃO FINAL

Celia Ribeiro Zaher, como exemplo de caráter empreendedor e profissional competente, como mentora e executora de planos e atividades estratégicas nas esferas política, educacional, cultural, científica e técnica na área da informação, como articuladora hábil e com visão de futuro nos diferentes cargos de direção, e pelo representativo número de publicações nas mais diversas temáticas abordadas, é, com certeza, um nome que não poderia faltar na edição da presente obra dedicada a “Personalidades da Biblioteconomia e da Ciência da Informação no Brasil”.

REFERÊNCIAS

BIBLIOTECA NACIONAL (BRASIL). **Acervo precioso**: catálogo da exposição. Apresentação de Celia Ribeiro Zaher. – Rio de Janeiro: a Biblioteca, 1983. 48p.

ZAHER, C. R. **IBICT**: perfil de seus primórdios. [s.n.t.]

ZAHER, C. R. **A experiência do IBBD na preparação de cientistas da informação**. Rio de Janeiro, IBBD, 1969.

ZAHER, C. R. Planejamento das bibliotecas no contexto educacional: contribuição dos organismos internacionais. **Revista de Biblioteconomia**. Brasília, vol. 5, n. 1 p. 369-374, jan./jun. 1977.

ZAHER, C. R.; GOMES, H. E. Da Bibliografia à Ciência Da Informação: um histórico e uma posição. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 1, p. 5-7, 1972.

ZAHER, C. R.; PACKER, A.O desenvolvimento da informação em saúde na América Latina e Caribe e perspectivas futuras. **Ciência da Informação**, Brasília, vol. 22, n. 3, p. 193-200, set. /dez. 1993.

NOTA: As publicações mencionadas no texto e as demais obras publicadas por Celia Ribeiro Zaher encontram-se listadas na Plataforma Lattes do CNPq, cujo endereço eletrônico para acesso ao Curriculum é: <http://lattes.cnpq.br/7820107561483886>

O CONTROLE BIBLIOGRÁFICO NACIONAL NAS AÇÕES DE JANNICE DE MELLO MONTE-MÓR

Mariângela Spotti Lopes Fujita

Afora a paz permanente, nada, talvez, ajude mais às sociedades em desenvolvimento, aos países menos industrializados a alcançarem seus objetivos e ao mundo no seu conjunto a tornar-se um mundo agradável para se viver, do que a transferência mundial efetiva da informação científica e tecnológica. (MONTE-MÓR, 1981, p. 1)

O relato biográfico e bibliográfico de Jannice de Mello Monte-Mór traz a tona marcos fundantes da Ciência da Informação no Brasil cuja trajetória profissional dimensionou, dentro do contexto brasileiro, os elementos principais do controle bibliográfico nacional por meio de sua instituição maior, a Biblioteca Nacional do Brasil, e o cooperativismo bibliográfico que desenvolveu com a Fundação Getúlio Vargas.

Mais do que um resgate histórico, trata-se da própria historicidade da Ciência da Informação por meio da relevante atuação de Jannice de Mello Monte-Mór à frente da Biblioteca Nacional por quase uma década, entre 1971 a 1979, período em que pela primeira vez uma bibliotecária ocupou o cargo de Direção, após sucessivos mandatos ocupados por intelectuais (CARVALHO, 1992). Após esse período, tornou-se funcionária da Fundação Getúlio Vargas, onde exerceu grande influência sobre os rumos da Ciência da Informação em sua dimensão aplicada, no comando do avanço da automação das bibliotecas em prol da

centralização e compartilhamento de registros catalográficos a partir de uma base de dados bibliográfica, situação que a coloca como precursora da informatização dos processos de tratamento da informação.

Antes, porém, de exercer o cargo de Diretora da Biblioteca Nacional, participou das bases históricas de criação, em 1954, do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) quando em 1952 viajou com Lydia Sambaquy para visitar principais bibliotecas e centros de documentação da Europa e Estados Unidos (ODDONE, 2006).

Considerando a multiplicidade das ações profissionais realizadas, além da bibliografia produzida por Jannice Monte-Mór, foram identificados temas preponderantes no cenário da época e determinantes para o avanço da Ciência da Informação no Brasil: Biblioteca Nacional do Brasil; Controle bibliográfico nacional; Cooperação bibliográfica; Informatização para a geração da base de dados nacional: BIBLIODATA/CALCO.

Pela importância e abrangência dos temas e sem que sejam analisados superficialmente, decidimos por abordar aqueles mais diretamente relacionados com o empenho de Jannice de Mello Monte-Mór, associados aos conceitos fundamentais e que significaram mudanças profissionais com repercussão até os dias de hoje: Biblioteca Nacional do Brasil e o controle bibliográfico; construção da base de dados nacional BIBLIODATA/CALCO e a cooperação bibliográfica.

Por certo que não conseguiremos tratar com a devida profundidade todos os elementos teóricos, instrumentais, processuais e tecnológicos que tais temas requerem, por isso, optamos por “abrir uma janela do tempo” e dar destaque a trajetória que Jannice percorreu por meio, principalmente, de artigos de sua autoria e daqueles por ela citados, além de analisar o contexto histórico e político em meio à suas ações que consideramos importantes para entendermos o presente.

BIBLIOTECA NACIONAL DO BRASIL E O CONTROLE BIBLIOGRÁFICO NACIONAL

O controle bibliográfico é um conceito que se inclui na “Organização universal”, assim denominada e explicada por Paul Otlet (2007, p. 8) em seu “Tratado de documentação”:

O levantamento sobre os fatos e sua análise permite extrair o seguinte resumo de uma organização universal: [...] 2º A organização implica desenvolver os princípios de cooperação, coordenação, concentração e especialização do trabalho, divisão de tarefas entre as organizações existentes ou a criação de novas organizações para assegurar as tarefas antigas. A organização se realizará pela concentração vertical, horizontal e longitudinal.

Em princípio o controle bibliográfico está nas origens da armazenagem de documentos e remonta às primeiras bibliotecas de que se tem notícia, porque “Pressupõe um domínio completo sobre os materiais que registram o conhecimento, objetivando sua identificação, localização e obtenção” (CAMPELLO; MAGALHÃES, 1997).

No bojo do avanço tecnológico e mediante o aumento de publicações, a Documentação e o trabalho bibliográfico de construção de Bibliografias aparece fortemente vinculada à necessidade de identificação, localização e obtenção de materiais para além da biblioteca armazenadora, mas buscando o compartilhamento e o acesso à informação com e para outras bibliotecas, arquivos e centros de documentação.

A ideia do Répertoire Bibliographique Universel (RBU), construída por Paul Otlet e Henry La Fontaine, foi apresentada em Bruxelas em setembro de 1895, quando da Primeira Conferência Internacional de Bibliografia e da criação do Instituto Internacional de Bibliografia, atualmente Federação Internacional de Documentação – FID (ROBREDO, 2003).

Mais adiante, na década de 70, o RBU assegurou as bases da institucionalização do controle bibliográfico pela UNESCO

em parceria com a IFLA, no desenvolvimento do programa denominado “Controle Bibliográfico Universal” (CBU)¹.

Na visão de Grings e Pacheco (2010, p. 78) a parceria entre a UNESCO e a IFLA que resultou no CBU tinha como objetivo principal “agregar as iniciativas de controle bibliográfico em níveis nacionais para formar um grande repositório global de informações bibliográficas”.

Para entender a atualidade permanente do CBU, é necessário ler o que a IFLA recentemente enunciou em seu “IFLA Professional Statement on Universal Bibliographic Control” de setembro de 2012:

Durante a década de 1970 a IFLA estabeleceu um escritório de Controle Bibliográfico Universal após vários anos de discussão sobre a importância do intercâmbio internacional de dados bibliográficos para ajudar a reduzir custos e incentivar uma maior cooperação mundial. Esse escritório ficou conhecido como UBCIM (Controle Bibliográfico Universal e MARC Internacional). Naquela época, a filosofia era que cada agência bibliográfica nacional catalogaria os trabalhos publicados em seu próprio país e estabeleceria os nomes de seus autores, e que os dados seriam compartilhados e reutilizados em todo o mundo. No entanto, na década de 1990, foi reconhecido que ter dados na língua e escrita que os usuários possam entender é extremamente importante,

1 Aos interessados pela história do CBU, o “IFLA Professional Statement on Universal Bibliographic Control” de setembro de 2012, (<http://www.ifla.org/files/assets/bibliography/Documents/IFLA%20Professional%20Statement%20on%20UBC.pdf>) indica os seguintes documentos: Dorothy Anderson, “Universal Bibliographic Control : a long term policy, a plan for action” Pullach/Muenchen : Verlag Dokumentation, 1974. 87 p.; e o relatório da IFLA para a Unesco Intergovernmental Conference of 1974, publicado pela IFLA em 1974. 38 p., que inclui um breve capítulo nas páginas 10-12: “IFLA and the role of libraries”.

por isso, estes aspectos foram incorporados respeitando a diversidade cultural dos usuários ao redor do mundo. Estas não são necessariamente condições mutuamente exclusivas, como foi demonstrado na iniciativa posterior do Arquivo Internacional de Autoridade Virtual (VIAF). Tecnologias da Web oferecem novas possibilidades de compartilhamento de dados em escala global e para além do domínio da biblioteca, mas também mostram a necessidade de dados autorizados e confiáveis. Assim, o conceito de CBU ainda é válido e vale a pena o apoio permanente e promoção da IFLA. (Grifo nosso)

Um aspecto importante do CBU que está nessa determinação profissional da IFLA e que rege sua política é o compartilhamento e reutilização dos nomes de autores estabelecidos em seus respectivos países de origem, mesmo que atualmente se respeite a diversidade cultural dos usuários ao redor do mundo. O compartilhamento e a cooperação bibliográfica são objetivos intermediários do CBU que propiciaram respeitáveis avanços ao tratamento da informação no que concerne ao estabelecimento de padrões internacionais de representação de dados catalográficos, sobretudo nos formatos de intercâmbio bibliográficos legíveis por máquina, o MARC, largamente utilizado pela maioria das bibliotecas no mundo e que ensejaram a criação de redes de cooperação tais como a OCLC e outras.

Historicamente, Jannice de Mello Monte-Mór em seu artigo “Controle Bibliográfico Nacional” relata a realização da Conferência Intergovernamental sobre Planejamento Nacional de Infra-Estrutura de Bibliotecas, Documentação e Arquivos, realizada em 1974, e que, naquela oportunidade, “foi divulgado o trabalho fundamental sobre o assunto, de autoria de Dorothy Anderson” sobre os fundamentos do CBU na perspectiva do controle bibliográfico nacional e qual o papel dos organismos nacionais (MONTE-MÓR, 1981, p. 3).

Considerando o conceito de CBU que envolve a instalação de uma rede composta de elementos nacionais com ampla cobertura de atividades editoriais e biblioteconômicas, os requisitos mínimos indicados pela CBU em nível nacional são: (ANDERSON, D., 1974, citada por MONTE-MÓR, 1981, p. 4)

Meios de garantir a possibilidade de registro de cada nova publicação, logo que seja editada (por depósito legal, ou por cooperação espontânea);

Mecanismo que faculte esse registro bibliográfico, isto é, o estabelecimento da agência bibliográfica nacional, que ficará incumbida de todas as etapas de trabalho.

O avanço do CBU a partir de sua institucionalização, no início da década de 1970, coincidiu com o período em que Jannice Monte-Mór estava na Direção da Biblioteca Nacional (1971-1979), além do que havia participado anteriormente da criação do IBBD e tinha uma visão ideológica ampla de como deveria funcionar um Sistema Nacional de Informações (National Information Systems – NATIS), conforme preconizado pela UNESCO. Possuía, ainda, plena convicção de que a Biblioteca Nacional poderia desempenhar suas responsabilidades:

Ora, a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro possui riquíssimo acervo, que representa, em qualidade e quantidade, o mais significativo do país. Quando se concretizarem os estudos para implantação do sistema brasileiro de informações a Biblioteca Nacional, certamente, poderá receber sua parte de responsabilidade e as desempenhará integralmente. (MONTE-MÓR, 1976, p. 48)

O perfil de gestor de Jannice, a frente da mais representativa Biblioteca do Brasil – o símbolo, o local de nossa identidade,

a depositária documental da origem da pátria Brasil – foi determinante para a consolidação do conceito de Biblioteca Nacional em termos profissionais e de sua inserção em um contexto internacional que se encontrava em ebulição para o alcance dos novos rumos da Ciência da Informação em vista do caminho sem volta que a automação e o aparecimento de sistemas de informação internacionais apontavam.

Nessa época, o conceito de Biblioteca Nacional para Jannice era claro: “A Biblioteca Nacional é, em princípio, sinônimo de memória documental da cultura de um país; é, no seu sentido mais alto, museu de toda a sua produção bibliográfica, nos mais diversos campos culturais, através de sua história.” (MONTE-MÓR, 1972, p. 15), porém, sua lucidez profissional e forte inserção nos debates e avanços internacionais e nacionais a fazia advertir sobre a evolução desse conceito em função da necessidade de exercerem liderança em um sistema de informações bibliográficas no país, em prol da cooperação e compartilhamento para que mais cidadãos tenham acesso às informações.

Nesse sentido, em artigo sobre a reforma da Biblioteca Nacional (MONTE-MÓR, 1972), um ano após assumir o cargo de Direção, demonstra seu conhecimento sobre a necessidade do controle bibliográfico em nível nacional para que fosse possível participar da cooperação internacional, quando se refere aos “famosos sistemas de aquisição planejada: Farmington, nos EE.UU., Scandia, nos países Escandinavos, e o Forschungszemeinschaft, na Alemanha”, além dos “inexcedíveis serviços de um Chemical Abstracts, ou um Medical Literature Analysis and Retrieval System (MEDLARS)” (MONTE-MÓR, 1972, p. 15).

Com o lançamento pela UNESCO de um “Sistema Mundial de Informação Científica (UNISIST)” durante Conferência Geral da UNESCO em 1970, Jannice demonstra (MONTE-MÓR, 1972), de forma objetiva, a necessidade de a Biblioteca Nacional atender à necessidade de cooperação exposto pelo cenário internacional. Além disso, apontava as recomendações da UNESCO, nessa Conferência Geral, para a classificação das Bibliotecas Nacionais:

Qualquer que seja sua denominação são responsáveis pela aquisição e conservação de exemplares de todas as publicações impressas no país e que funcionam como “biblioteca de depósito”, em virtude de disposições sobre o “depósito legal”, ou outras disposições. Além disto, podem elas desempenhar normalmente algumas das seguintes funções:

- elaborar uma bibliografia nacional;
 - reunir uma coleção ampla e representativa de obras estrangeiras, nas quais se incluam livros relativos ao próprio país;
 - atuar como centro nacional de informação bibliográfica;
 - compilar catálogos coletivos;
 - publicar a bibliografia nacional retrospectiva.
- (UNESCO, 1970, citado por MONTE-MÓR, 1972, p. 16)

O panorama político e institucional da época que circundava a Biblioteca Nacional antes da direção de Jannice é de dificuldades de toda a ordem, como descrito por Carvalho (1992, p. 53):

Durante os mais de 20 anos, entre a saída de Borba de Moraes e a nomeação de Jannice Monte-Mór, como Diretora-Geral (1971), sete diretores gerais se sucederam, todos eles lutando contra as dificuldades orçamentárias, contra o número sempre insuficiente de pessoal técnico e a conseqüente impossibilidade de levar em frente as tímidas reformas programadas, outros tentando driblar as armadilhas da ditadura militar.

Carvalho (1992), porém, atenta para os vários avanços obtidos na projeção da Biblioteca Nacional em eventos culturais e de publicações desses 20 anos anteriores dirigidos por

renomados intelectuais e que, contudo, não tinham o conhecimento administrativo e nem uma equipe de profissionais especializados que pudessem realizar as tarefas concernentes ao tratamento, conservação, preservação e disseminação da coleção.

Em 12 de maio de 1971, quando assumiu a Direção Geral da Biblioteca Nacional, Jannice tinha consciência de todas as dificuldades com as quais se depararia e enfrentaria. Relata que encontrou a Biblioteca Nacional com a seguinte situação (MONTE-MÓR, 1972):

- Subordinada ao Departamento de Assuntos Culturais do Ministério da Educação e Cultura e sem autonomia administrativa e financeira;
- Atraso no registro da contribuição legal, ao tratamento técnico adequado das coleções, à publicação do Boletim Bibliográfico;
- Lentidão e rotinas inadequadas;
- Depósito de 500 mil volumes desde o início da Biblioteca Nacional sem incorporação ao acervo e sem processamento técnico;
- Falta de conservação de parte do acervo sujeito a mofo, fungos, poeira, insetos, calor e umidade;
- Problemas de funcionalidade e estruturação administrativa que produzem retardamento de providências por parte da Direção em função de organograma que não ordenado por critério lógico e funcional;
- Insuficiência quantitativa e qualitativa de quadro de pessoal com aspectos inadequados;
- Sistema orçamentário insuficiente para atendimento das necessidades reais com rigidez de execução financeira que impedem a realização das providências;
- Espaço físico insuficiente e inadequado para a instalação dos serviços, equipamento e acervo;
- Estimativa de apenas 20% de atendimento pelos Editores do que se publica no país para cumprimento do Decreto de 1907 que rege a “contribuição legal”.

Com este diagnóstico e, após consulta à Fundação Getúlio Vargas que na época tinha convênio com o Ministério do Planejamento para executar em órgãos públicos a “Reforma Administrativa”, obteve do Sr. Jarbas G. Passarinho, Ministro da Educação e Cultura, autorização para a Biblioteca Nacional figurar entre os organismos que receberiam a reforma imediata (MONTE-MÓR, 1972). Mais do que isso, a Biblioteca Nacional se enquadrou dentro do Plano Setorial de Educação e Cultura do Ministério da Educação e Cultura para os exercícios de 1972 a 1974 com o objetivo de “catalogar, de modo sistemático, e proteger bens e arquivos municipais e particulares cujos acervos interessem à história nacional e à história da arte no Brasil” (MONTE-MÓR, 1974b, p. 137)

Segundo Carvalho (1992), a Fundação Getúlio Vargas elaborou Diagnóstico Preliminar em 1972 contendo 5 projetos principais: 1) Organização administrativa e estrutura organizacional; 2) Organização do Sistema de Pessoal; 3) Espaço Físico; 4) Racionalização do trabalho; 5) Sistema de planejamento.

Durante a década que Jannice esteve à frente da Biblioteca Nacional, trabalhou pela obtenção das metas de cada projeto, assim como de outras dimensões profissionais, obtendo êxitos como também metas que não foram atingidas não por falta de empenho, mas por estarem circunscritas à administração geral e financeira que rege o patrimônio nacional ao Governo Central da época. O quadro abaixo demonstra uma síntese comparativa com base na análise de Carvalho (1992, p. 55) feita a partir do relatório final de gestão de Jannice na Biblioteca Nacional:

Quadro 1: Metas atingidas e não atingidas na administração de Jannice (1971-1979)

Metas atingidas	Metas não atingidas
- Implementação parcial da reforma administrativa;	- Aumento do espaço físico;
- Recuperação física e tombamento do edifício sede pelo IPHAN;	- Lotação do quadro de pessoal técnico e auxiliar;
- Implementação da microfilmagem visando à preservação do acervo;	- autonomia administrativa da Biblioteca.
- Desenvolvimento do Formato CALCO (Catalogação Legível por Computador);	
- Inventário do acervo de periódicos e processamento por computador do acervo correspondente;	
- Inventário das diversas seções e Divisões de Referência Especializada;	
- Instalação de telex e do terminal de computador PRODASEN (ligação direta do sistema do Senado para receber informações de legislação)	
- Estudos preliminares, elaborados por Comissão Técnica, para fundamentar o projeto de um futuro Edifício-Anexo para a BN	
- Atualização das publicações periódicas: Anais da Biblioteca Nacional e Boletim Bibliográfico;	
- implantação do Sistema ISBN;	
- Designação da BN, pela Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, como biblioteca depositária das fitas magnéticas do Formato MARCII;	
- Aumento das pesquisas sobre conservação e restauração de documentos com a participação de técnicos estrangeiros e nacionais.	

A síntese reflete o dinamismo da gestão de Jannice ao se empenhar em uma reforma com metas importantes a serem atingidas e, ao mesmo tempo, no contexto da evolução profissional

da sua época, propiciar que a Biblioteca Nacional tivesse assumido as funções de um sistema nacional de informações para que houvesse o controle bibliográfico nacional como recomendava a UNESCO.

É seu testemunho histórico o lançamento pela UNESCO dos fundamentos dos denominados Sistemas Nacionais de Informação, National Information System (NATIS), para que cada país pudesse configurar sua forma e caráter conforme suas políticas. Jannice afirmava, então, que o Brasil, ao lado da Grã-Bretanha e Estados Unidos, já tinha na Biblioteca Nacional as funções básicas em execução (MONTE-MÓR, 1976). Essa afirmação demonstra que Jannice tinha o apoio político e mérito profissional para as reformas realizadas e já colhia os resultados das mudanças.

Das metas atingidas destacam-se a manutenção do patrimônio pelas operações de conservação, restauração e preservação realizadas por meio de planos de desenvolvimento no âmbito da gestão do acervo da Biblioteca Nacional relatados em artigo por Jannice (MONTE-MÓR, 1974b):

Para a conservação foram realizadas a desinfestação do acervo e a política de encadernação. A desinfestação do acervo contra fungos, parasitos e bactérias teve orientação técnica do Instituto de Biologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A restauração foi possível por meio do desenvolvimento de projetos especiais junto à UNESCO em 1973, fora do orçamento do Plano Setorial do MEC, que patrocinou a vinda de consultora estrangeira. As recomendações da consultora abrangem aspectos de ambiência, equipamentos, mobiliário de armazenagem inadequado, suspensão de processos de restauração em uso, aquisição de aparelhos para métodos científicos, obtenção de auxílio de laboratório para profilaxia e terapia de agentes patogênicos, capacitação de pessoal especializado (um bibliotecário, um biólogo e dois técnicos em restauração e encadernação), e a conscientização de fabricantes de papel e editores quanto a pesquisa e seleção de material adequado e tecnologia comprovada. A UNESCO concedeu quatro bolsas para a capacitação do pessoal especializado. A

respeito dessa capacitação, Jannice, tinha consciência de que possibilitaria diminuir o que considerou de “grande problema brasileiro” e não apenas do problema da BN no campo da restauração de documentos, tendo em vista que outras instituições de custódia documental apresentavam os problemas apontados. O custeio da restauração foi realizado com obtenção de recursos mediante projeto especial aprovado pela Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP).

A preservação foi o tema do terceiro projeto especial contemplado com recursos externos da Fundação Ford para realizar o programa de microfilmagem de jornais cuja coleção na Biblioteca Nacional é raridade no mundo. Tratam-se de jornais como a do *Jornal do Comércio*, *Correio Braziliense* e *Diário de Pernambuco*.

A microfilmagem de jornais da Biblioteca Nacional iniciada com a coleção do *Jornal do Comércio* é vista na época como uma inovação tecnológica na questão de preservação e de acesso à informação e atualmente é um suporte com garantia comprovada de preservação e de redução de espaço que possibilita o acesso à informação sem o manuseio do documento original. É compreensível que os jornais originais não poderiam ser manuseados sob risco de se deteriorarem com o tempo e, por isso, Jannice dava importância ao fato de que os pesquisadores das Ciências Sociais em geral se beneficiariam com esse potencial informativo valioso disponível para consulta pelos microfimes. Adicionalmente, o programa de microfilmagem possibilitou, na visão de Jannice, um catálogo coletivo de jornais brasileiros em colaboração com outros catálogos coletivos no exterior aumentando as possibilidades do controle bibliográfico nacional para cooperação (MONTE-MÓR, 1974a).

O programa de microfilmagem evoluiu em função de estudos de interesse dos usuários, uma preocupação de Jannice a respeito do que microfilmava dentre todos os documentos existentes na Biblioteca Nacional. Nesse sentido, investigou o uso da Bibliometria, com a vinda de especialista que capacitou a equipe para determinar a política de aquisição e microfilmagem

de periódicos e complementar os estudos de usuários (MONTE-MÓR, 1977).

O estudo de interesse de usuários surgiu em decorrência não só da microfilmagem, mas principalmente porque a Biblioteca Nacional supria a lacuna da rede de bibliotecas do Rio de Janeiro e era muito freqüentada por grande quantidade de leitores de bibliotecas escolares e públicas. Jannice entendia que

Por essas e outras razões, vem a BN sendo desviada paulatinamente do seu papel de “biblioteca de última instância”, onde a informação deve sim ser fornecida, mas a consulentes de nível cultural superior, sensíveis ao valor do acervo que ela abriga (MONTE-MÓR, 1977, p. 427).

O estudo de usuários serviria para a “fixação de critérios relativos ao complexo problema de selecionar os usuários, sem afetar a qualidade do atendimento que lhes é devido genericamente” (MONTE-MÓR, 1977, p. 427).

Ao lado da execução da microfilmagem como tecnologia de preservação para o controle bibliográfico, das pesquisas sobre métodos científicos de conservação documental, da capacitação científica e tecnológica da equipe, da aplicação de estudos inovadores em Ciência da Informação tais como Estudo de Usuários e Bibliometria, da constante submissão de projetos junto ao governo central e às agencias de fomento nacionais e internacionais, dos inventários cada vez mais abrangentes das coleções da Biblioteca Nacional, Jannice adotou padrões para a automação dos serviços da Biblioteca Nacional na época em que surgiu o projeto CALCO, resultado da dissertação de mestrado defendida, em 1972, por Alice Príncipe Barbosa.

BASE DE DADOS NACIONAL BIBLIODATA/CALCO E A COOPERAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

A automação dos serviços da Biblioteca Nacional surgiu como estudo de viabilidade para utilizar processos de automação

parcial ou total dos serviços para a racionalização das rotinas dentro de sua possível reforma administrativa. Este estudo de viabilidade, publicado como artigo por Wanderley (1973), é resultado de um relatório preparado para a equipe da FGV para a reforma administrativa da BN, do qual participaram membros da equipe da FGV e Alice Príncipe Barbosa.

Nesse artigo, Wanderley (1973) expõe a ideia de “integração dos sistemas” analisando cinco alternativas dentro da realidade da época tanto de equipamentos quanto de viabilidade financeira. As cinco alternativas indicadas foram: Integração em sistema mais amplo; Sistema integrado da BN com objetivos mais amplos; Sistema Integrado da BN com os objetivos atuais; Uso do computador para as funções parciais da BN; Uso de outras máquinas para as funções parciais da BN. Nesta última alternativa o autor indica a máquina Flexowriter para realizar variações dentro das tarefas repetitivas.

A Flexowriter era na época uma máquina que funcionava junto ao sistema de Telex com fita perfurada a partir da qual se produziam as fichas mecanográficas do catálogo com a proposta de produzir o Boletim Bibliográfico da BN. Neste artigo, está a concepção de um sistema automatizado que se integra a outros sistemas para realizar a cooperação bibliográfica em nível nacional por meio de rede de teleprocessamento de dados.

Este estudo entre a Biblioteca Nacional e a FGV com a participação de Alice Príncipe Barbosa levou ao entrosamento natural com o IBBD e à conseqüente experiência de aplicação do projeto CALCO (Catalogação Legível por Computador) com fomento obtido junto à FINEP que propiciou, em 1975, o desenvolvimento do projeto pelo Centro de Informática do MEC (CIMEC) para “programação e controle, por computador, das publicações periódicas existentes e das recebidas a partir da data” (MONTE-MÓR, 1977, p. 428). Inaugurava-se, a partir de então, uma proposta inovadora em termos de automação de serviços de bibliotecas na qual se adotava as mais avançadas tecnologias, padrões e formatos da época:

Já estão estabelecidos os termos de referência para execução desse projeto, determinando os seguintes pontos principais: análise da situação atual do registro das publicações na BN; programação de “formato” compatível com o programa da Library of Congress, MARCII – Serials; relacionamento do equipamento e material de consumo a ser empregado, considerada a possibilidade de utilizar batch input e/ou teleprocessamento; especificações quanto às linguagens a extrair; e programação que possibilite a obtenção de outputs por número de registros, idioma, país, assuntos gerais, periodicidade, datas inicial e final de publicação, título etc (MONTE-MÓR, 1977, p. 428)

A partir dessa iniciativa da Biblioteca Nacional em parceria com o IBBD e FGV, foi decidido pelo IBBD, em 1975 durante reunião de especialistas para implementação do NATIS (Sistemas Nacionais de Informação), que o Formato CALCO seria adotado em nível nacional para o processamento de dados bibliográficos referentes à produção bibliográfica brasileira (IBICT, S.d.). Consta, no histórico do CALCO, que a Biblioteca Nacional publicou em 1977 dois manuais descritivos sobre o preenchimento da folha de catalogação CALCO e outro para preenchimento da folha de entrada do CALCO autoridade (IBICT, S.d.). Nas palavras de Jannice, após a elaboração desses manuais, foi elaborado e submetido ao Ministério da Educação e Cultura um projeto de implementação do CALCO que, “no entanto, esse documento não chegou a ser, sequer, apreciado, durante a administração vigente” (MONTE-MÓR, 1981, p. 7)

Entretanto, com a saída de Jannice da Direção Geral da Biblioteca Nacional em 1979, o projeto do formato CALCO foi interrompido pelo CIMEC porque o novo diretor não tinha interesse no projeto (FREDERICK, 1989). Carvalho (1992, p.55) relata que “o formato CALCO foi depois transferido para

a Fundação Getúlio Vargas por descuido ou falta de interesse do seu sucessor”.

O projeto CALCO foi continuado pela Fundação Getúlio Vargas e pelo IBICT que a partir de 1973 criou a rede BIBLIODATA/CALCO em substituição ao Serviço de Intercâmbio de Catalogação, criado em 1942 no Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) e, depois, transferido ao IBBD.

A trajetória profissional de Jannice após a Biblioteca Nacional naturalmente a levou a tornar-se assessora do superintendente-geral da FGV conforme registrado em dados da autora em dois artigos (MONTE-MÓR, 1981, 1987, MONTE-MÓR, CYSNEIROS, 1982). Nessa situação, Jannice passa a dimensionar o “controle bibliográfico nacional” a partir do interesse da FGV que criou e implantou o BIBLIODATA, como projeto de automação das bibliotecas com base no sistema CALCO.

O BIBLIODATA foi à época composto pelos subsistemas: aquisição, catalogação: catalogação cooperativa, empréstimo, inventário, cabeçalhos de assunto, SDI, busca retrospectiva, catalogação analítica, controle de periódicos, emissão de catálogos, levantamento de bibliografias individualizadas (MONTE-MÓR, 1981).

Com os subsistemas de catalogação e catalogação cooperativa foi possível à FGV programar, desde então, um sistema de cooperação com outras bibliotecas brasileiras em funcionamento até os dias atuais junto ao IBICT. Naquela ocasião de implantação, Jannice tinha notícia de uma rede experimental da EMBRATEL e sua convicção de que “a eficiência total do sistema cooperativo está na razão direta da possibilidade do emprego do teleprocessamento” (MONTE-MÓR, 1981, p. 10) que permitiria às bibliotecas produzir e ter acesso aos registros sem precisar replicar. Por outro lado, denunciava que sem o efetivo depósito do produto bibliográfico brasileiro na Biblioteca Nacional conforme Decreto nº 1825 de 1907, o Controle Bibliográfico Nacional não seria atingido em sua plenitude. Tinha a convicção de que a adoção do Sistema CALCO pela BN

beneficiaria todas as bibliotecas brasileiras e a comunidade internacional, concluindo que

No momento em que se intensificar a permuta dos registros magnéticos correspondentes às atividades do Controle Bibliográfico Nacional levado a efeito em cada país, ter-se-á alcançado o objetivo do Controle Bibliográfico Universal, isto é, o livro será catalogado uma única vez, ou seja, no seu país de origem (MONTE-MÓR, 1981, p. 11).

Essa convicção demonstra o quanto Jannice dimensionou e projetou o controle bibliográfico por meio da automação dos serviços de uma biblioteca. Porém, sabia que a Biblioteca Nacional não conseguia fazer cumprir o Decreto do depósito legal por não ter delegação de autonomia e autoridade por parte da Administração Direta e isso sempre foi, para ela, o principal entrave. Antevia a possibilidade de que os próprios editores e tipógrafos pudessem cumprir espontaneamente o controle bibliográfico, o que, de certa forma, está acontecendo com os sistemas de acesso aberto a exemplo da Biblioteca Virtual em Saúde, Scielo, Portal CAPES e os repositórios institucionais.

Nesse sentido, o artigo que publicou sobre a “geração de uma base de dados nacional” (MONTE-MÓR, CYSNEIROS, 1982) inclui relação de bases de dados bibliográficas estrangeiras (GARCIA, 1980) utilizadas por instituições de pesquisa brasileiras, das quais apenas a PRODASEN (Processamento de Dados do Senado Federal) é inteiramente produzida no Brasil com intuito de apresentar a base de dados bibliográficas da FGV em plena evolução com o uso do sistema BIBLIODATA/CALCO. Ao final do artigo informa que havia sido assinado um contrato de cooperação entre a Biblioteca Nacional e a FGV para uso do Sistema CALCO.

O contexto internacional da década de 80 foi fortemente influenciado pela UNESCO e suas proposições do UNISIST (International Information System) e, posteriormente, do NATIS

(National Information System) que impulsionaram os países a criarem agências nacionais encarregadas de formularem políticas nacionais de informação. Nesse bojo, os repertórios bibliográficos evoluíram muito rapidamente, sobretudo após a segunda guerra mundial, ao se dedicarem exclusivamente às áreas científicas e tecnológicas e criarem tecnologias para armazenagem e disseminação da informação em torno do que se denominou “base de dados”. No Brasil, além do BIBLIODATA/CALCO, cuja proposta tem o mérito de reunir a produção brasileira não somente científica e tecnológica, existia o PRODASEN que, por gerar documentação específica produziu, antes do BIBLIODATA, base de dados brasileira.

O BIBLIODATA/CALCO se distingue dos demais sistemas de informação pela proposta de controle bibliográfico nacional e cooperação entre bibliotecas, além da produção de base de dados nacional. Com esse objetivo surgiram outras bases de dados brasileiras e latino-americanas em áreas especializadas tais como a LILACS (Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde) e a AGROBASE (Sistema Nacional de Informação e Documentação Agrícola) da BINAGRI (Biblioteca Nacional de Agricultura) que são construídas em cooperação com bases de dados internacionais como o MEDLINE (Medical Literature Analysis and Retrieval System Online) e a AGRIS (International Information System for the Agricultural Sciences and Technology) utilizando tecnologias e padrões internacionais.

O trabalho publicado por Garcia (1980) apresenta um interessante diagnóstico do período de final da década de 70 e início de 80 das políticas e programas nacionais de informação científica e tecnológica de países desenvolvidos e em desenvolvimento com a proposição de “oferecer à confrontação e à comparação experiências estrangeiras em ICT, na expectativa de que elas possam servir de pontos de referência, para a reflexão sobre a realidade nacional e os caminhos possíveis de sua transformação” (GARCIA, 1980, p. 5-6). A proposição de Garcia foi motivada, principalmente, pela necessidade “de uma política nacional para a informação científica – ICT – no Brasil” (GARCIA, 1980, p. 5) que a despeito dos esforços

do âmbito profissional da Biblioteconomia por meio de publicações, palestras, congressos e cursos não conseguiu “sensibilizar os administradores, políticos, pesquisadores, professores e profissionais envolvidos nos programas de desenvolvimento científico e tecnológico iniciados pelo governo sob a égide do PBDCT2” (GARCIA, 1980, p. 5)

Na concepção de Jannice, o BIBLIODATA seria o instrumento de uma política de informação pelo governo da época para iniciar o Sistema Nacional de Informação sob égide governamental. Mas tal não aconteceu e o Brasil perdeu o momento de ter o controle bibliográfico atrelado a uma política nacional de controle bibliográfica mais ampla e com autonomia para regê-la em diferentes instituições, regiões e assuntos e, assim, ter maiores possibilidades de alcançar o cidadão. A Fundação Getúlio Vargas tomou para si a responsabilidade, porém, pela sua natureza institucional a cooperação entre bibliotecas, é regida por contrato comercial.

Em seu último artigo, “Documentação em Ciências Sociais” (MONTE-MÓR, 1987) Jannice informa que, nessa ocasião, participavam do sistema BIBLIODATA 27 bibliotecas brasileiras, inclusive a Biblioteca Nacional, e que sua base de dados continha 170 mil registros de catalogação.

AS AÇÕES DE JANNICE NOS DIAS ATUAIS

A rede BIBLIODATA está funcionando, desde 2013, sob responsabilidade do IBICT com a cessão de uso do software pela FGV. Na década de 90, o formato CALCO foi substituído pelo formato USMARC. Com o IBICT, a rede BIBLIODATA está junto ao Ministério de Ciência e Tecnologia e Inovação e, em minha opinião, está onde deveria estar desde o início para cumprir os objetivos para os

2 I Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (1973/74), cf. SALLES FILHO, Sérgio (2002); II Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (1976), cf. SALLES FILHO, Sérgio (2003a); III Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (1980/85), cf. SALLES FILHO, Sérgio (2003b).

quais foi criada na concepção de Jannice. A continuidade dessa concepção é expressa pela notícia no site “A Rede Bibliodata chega ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) com a perspectiva de transformar-se no catálogo nacional de acervos bibliográficos em ciência e tecnologia”³.

A Biblioteca Nacional, em 1990, passou a constituir, junto com a Biblioteca Euclides da Cunha do Rio de Janeiro e o Instituto Nacional do Livro, com sua Biblioteca Demonstrativa de Brasília, a Fundação Biblioteca Nacional (FBN) que, atualmente, é subordinada ao Ministério da Cultura. Abriga em seu âmbito o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas com dados e informações valiosas de cada estado do Brasil.

Grings e Pacheco (2010)⁴ avaliam que a partir dos mecanismos e instrumentos de funcionamento do controle bibliográfico (depósito legal, as bibliografias e os formatos de intercâmbio) é possível considerar que a Biblioteca Nacional tem atuação de Agência Bibliográfica Nacional pelo recebimento do Depósito Legal, muito embora a Lei 10.994 de 2004 que revogou o decreto de 1904 não tenha ainda a regulamentação necessária para seu pleno funcionamento; pela publicação da Bibliografia Brasileira; e pela função de biblioteca referencial para autoridades e terminologia, além de ter a supervisão técnica da Agência Nacional do ISBN.

As dificuldades são diversas como apontadas por Grings e Pacheco (2010, p. 83): “Problemas legais, estruturais e financeiros são comuns e emperram o desenvolvimento das melhores práticas almejadas pelas equipes envolvidas nas tarefas”, acrescidos da falta de pessoal para desempenho de funções técnicas referentes às responsabilidades já mencionadas que geram acúmulo de material sem processamento técnico adequado.

3 REDE BIBLIODATA no IBICT. Disponível em: <http://bibliodata.ibict.br/indexmodelo.asp?modelo=noticias.htm>. Acesso em: 12/09/2014

4 Luciana Grings é Coordenadora de Serviços Bibliográficos da Fundação Biblioteca Nacional e Stela Pacheco é Chefe da Divisão de Serviços Técnicos da Biblioteca Nacional

Após o detalhamento das atividades em cada caso, as autoras conclamam em suas considerações finais a colaboração de instituições e profissionais em um esforço coletivo em prol da identificação e implantação de soluções concretas.

Ressaltamos que esta colaboração é não só necessária como preconizada por todos os instrumentos sobre os quais discorreremos aqui: afinal, o controle bibliográfico nada mais é do que um sonho da classe bibliotecária que pode, com o empenho comum, tornar-se mais próximo da efetividade (GRINGS; PACHECO, 2010, p. 87).

Em acordo com esse apelo ressaltamos o necessário envolvimento político da área de Ciência da Informação em torno da defesa do patrimônio cultural, científico e tecnológico do Brasil, pois as ações de Jannice em prol do controle bibliográfico nacional são mais atuais do que nunca, assim como os problemas estruturais, financeiros e de pessoal, guardadas as devidas proporções, permanecem e são redundantes. A tecnologia e a internet propiciaram condições anteriormente inexistentes de transferência da informação, mas sabemos que é necessária a representação da informação em formatos de metadados para intercâmbio de dados que, compartilhados, aumentam a uniformidade e padronização e evitam a duplicidade de trabalho. Finalmente, é preciso ter a consciência dos problemas que enfrentamos por meio de pesquisas que investiguem propostas de soluções e participar de ações coletivas que visem a elaboração de políticas de informação em âmbito regional, estadual e federal.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, D. P. **Universal bibliographic control**: a long term policy, a plan for action. Pullach: Verlag Dokumentation, 1974. 87p.

CAMPELLO, B. S, MAGALHÃES, M. H. de A. **Introdução ao controle bibliográfico**. Brasília: Briquet de Lemos, 1997. 110p.

CARVALHO, G. V. de. Biblioteca Nacional de Brasil. **B. ANABAD**, v. XLII, n. 3-4, p. 37-74, 1992. Disponível em: file:///C:/Users/Maria%20Angela/Downloads/Dialnet-BibliotecaNacionalDeBrasil-224203%20(1).pdf. Acesso em: 24 de agosto de 2014.

FREDERICK, J. The birth of a network: the brazilian struggle. **College & Research Libraries**, p. 76-82, jan. 1989.

GARCIA, M. L. A. A informação científica e tecnológica no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 9, n. 1/2, p. 5-39, 1980.

GRINGS, L., PACHECO, S. A Biblioteca Nacional e o controle bibliográfico nacional: situação atual e perspectivas futuras. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 77-88, jul./dez. 2010.

IBICT. Histórico do BIBLIODATA. Contexto nacional. Disponível em: <<http://bibliodata.ibict.br/geral/modelos/historicoantes.htm>>

MONTE-MOR, J. de M. Reforma da biblioteca nacional. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 15-23, 1972.

_____. Proposição. In: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Departamento de Assuntos Culturais. **Anais do II encontro de governadores para preservação do patrimônio histórico, artístico, arqueológico e natural do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1973. p. 226-231.

_____. Microfilmagem de jornais da biblioteca nacional. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 2, n. 2, jul./dez. 1974a.

_____. Preservação e restauração de documentos na biblioteca nacional. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 4, n. 4/6, p. 137-142, out./dez., 1974b.

_____. A biblioteca nacional e o sistema nacional de bibliotecas públicas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 8, n. 1/3, p. 46-53, jul./set., 1976.

_____. Bibliotecas nacionais e atividades de pesquisa. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 5, n. 1, jan./jun. 1977.

_____. Controle bibliográfico nacional. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 1-12, mar. 1981.

_____. Cooperação bibliográfica nos Estados Unidos e reflexos no Brasil. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 11, n. 2, 1983.

_____. Documentação em ciências sociais. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 3-12, jan./jun. 1987.

_____. CYSNEIROS, L. F. BIBLIODATA/CALCO: geração de uma base de dados nacional. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 131-141, out./dez. 1982.

ODDONE, N. O IBBD e a informação científica: uma perspectiva histórica para a ciência da informação no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 45-56, 2006.

OTLET, P. **El tratado de documentación**: el libro sobre el libro. Teoría y practica. Tradução de Maria Dolores Ayuso García. Murcia: Universidad de Murcia, 2007.

ROBREDO, J. **Da ciência da informação revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus Editora; SSRR, 2003. 262p.

SALLES FILHO, S. Política de ciência e tecnologia no I PND (1972/74) e no I PBDCT (1973/74). **Revista Brasileira de Inovação**, v. 1, n. 2, p. 398-419, 2002.

SALLES FILHO, S. Política de ciência e tecnologia no II PND (1976). **Revista Brasileira de Inovação**, v. 2, n. 1, p. 179-211, 2003a.

SALLES FILHO, S. Política de ciência e tecnologia no III PND (1980/85). **Revista Brasileira de Inovação**, v. 2, n. 2, p.407-432, 2003b.

WANDERLEY, M. A. Utilização de processos de automação na Biblioteca Nacional. **Ciência da Informação**, v. 2, n. 1, p. 41-54, 1973.

NICE MENEZES DE FIGUEIREDO

Cláudio Marcondes de Castro Filho

Nice Menezes de Figueiredo nasceu em Sorocaba, Estado de São Paulo, e em sua vasta bibliografia científica nos deparamos com estudos nas seguintes áreas específicas: desenvolvimento de coleções, estudos de usuários e serviços de referência. Suas obras tornaram-se referência para estudantes, pesquisadores e docentes do Campo.

Nice Figueiredo graduou-se pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1951), cujo currículo da época constava com as seguintes disciplinas: História do Livro; Catalogação; Classificação; Organização; Paleografia; e Referência. Sendo a última disciplina tema de várias publicações e pesquisas. Também cursou Especialização pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (1963), Mestrado pela Drexel University (1971), PHD pela Flórida State Uninersity (1975), tornando-se a primeira doutora brasileira em Biblioteconomia. Durante o doutorado, Nice Figueiredo se aprofundou na literatura científica, observando as tendências na área da Biblioteconomia, principalmente a questão da interdisciplinaridade, no sentido de conciliar as questões sociais com as didáticas da Biblioteconomia e a sua interface com a Ciência da Informação.

Em sua formação, Nice teve professores como: Noêmia Lentino, bibliotecária formada pela Escola de Biblioteconomia da Prefeitura Municipal de São Paulo e que participa ativamente de congressos ligados à Biblioteconomia no Brasil e no exterior, sempre representando o seu país, como em 1947, na 1ª Assembleia dos Bibliotecários das Américas, em Washington, em que atuou como delegada de São Paulo; e Maria Luiza Monteiro da Cunha, aluna de Biblioteconomia da primeira turma da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo em 1940, assumindo a docência

na mesma Escola de Biblioteconomia, ministrando a disciplina de Catalogação durante 30 anos, tendo nesse período cursado o mestrado na Escola de Biblioteconomia da Universidade de Columbia nos Estados Unidos com bolsa de estudos conferida pela American Library Association.

Nice Figueiredo é também pesquisadora titular do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia em convênio com CNPq/IBICT-UFRJ/Escola de Comunicação, sendo que brilhou pelo país transmitindo conhecimento nas áreas de Serviço de Referência e Informação, Desenvolvimento e Avaliação de Coleções, Usuários da Informação, Gerência de Sistemas de Informação, Ensino e Pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação.

A professora e pesquisadora iniciou sua carreira como bibliotecária no Serviço Social da Indústria – SESI, sendo também bibliotecária auxiliar na Universidade de São Paulo, na Escola Politécnica. Foi a primeira bibliotecária da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UNESP de Araraquara, trabalhou no Serviço Nacional de Bibliotecas e Coordenadora de Sistemas de Bibliotecas e Informação, na Fundação Biblioteca Nacional.

Além disso, contribuiu na organização do Curso de Mestrado em Biblioteconomia da Universidade de Brasília e como pesquisadora no Instituto Brasileiro de Informações em Ciência e Tecnologia – IBICT, cujas linhas de pesquisa eram: Ensino e Pesquisa em Ciência da Informação; Usuários da Informação; Desenvolvimento e Avaliação de Coleções; e Serviço de Referência e Informação.

Ministrou palestras e lecionou em dezenas de cursos de especialização e aperfeiçoamento, como também na orientação de dissertações, teses e consultorias técnicas. Sua carreira de docente e pesquisadora é marcada pela busca de novos conhecimentos e pela preocupação com a atualização e o levantamento das tendências na Biblioteconomia.

A sua repercussão na Biblioteconomia nacional e internacional deu-se não apenas por sua participação em

eventos, em órgãos internacionais ou por suas publicações, mas por fomentar a pesquisa no Brasil, entre graduandos e pós-graduandos, como também a preocupação em garantir a qualidade nos cursos de graduação de Biblioteconomia e dos programas de pós-graduação no Brasil.

Durante sua trajetória, Nice Figueiredo recebeu importantes prêmios, como o título de 'Pessoa Foco concedido pela UNESCO em 1979 e o título de 'Resource Person for Brazil' pelo Standing Committee on Library Education, da American Library Association, em Chicago, nos Estados Unidos; em 1981 foi condecorada com a Medalha Comemorativa dos 30 anos do CNPq.

A produção científica de Nice Figueiredo é caracterizada pelo foco nos estudos de usuário, apresentando novas metodologias, com o objetivo de serem implantadas nas bibliotecas universitárias e especializadas. Tal temática permeia os estudos da Biblioteconomia. Seus estudos trouxeram contribuições conceituais e históricas que se refletiram por diversos cantos do mundo.

Em seus livros, fica clara a sua preocupação em orientar a execução de tarefas aplicáveis à Biblioteconomia, como também de alertar os bibliotecários na gestão das bibliotecas, apontando que é necessário introduzir novos serviços do ponto de vista do usuário, sendo esses consumidores, e a gestão da biblioteca como produtora de informação.

Nessa perspectiva, a autora apresentou para a Biblioteconomia brasileira autores de renome internacional como Shera (1976), que apontou o serviço de referência como auxílio aos leitores. Para Figueiredo (1992, p.10), o serviço de referência trata da busca de fontes de informações, "cuja a existência o leitor desconhece", que nos anos 1990 chamou de "pronto atendimento" ou do tipo "bater e fugir".

Em um dos seus textos sobre o serviço de referência, a autora abordou a preocupação da existência de metodologias e de investigação científica para avaliar os serviços de referências, como também para estudar o processo de referência. Nesse contexto, Nice Figueiredo trouxe aos bibliotecários brasileiros,

por meio da literatura científica, estudos de pesquisadores internacionais como Bunge (1967), que foi um dos primeiros investigadores a fazer “uso das questões de referência como método científico”. Outros estudos apontados por Nice foram os de Crowley e Childers (1971), que pesquisaram o serviço de referência com problemas de qualidade na resolução de respostas de questões efetuadas por usuários.

Para Nice Figueiredo, as pesquisas demonstram que o processo de referência é importante para o diálogo entre as fontes de informações, bibliotecário e usuário, e que podem existir falhas tanto da parte do bibliotecário como do usuário, o que a fez priorizar um conjunto de recomendações aos bibliotecários.

Nesse sentido, a autora contribuiu para o avanço do serviço de referência com ações remediadoras para as seis fases do processo de referência, em que aponta os problemas da interação usuário-bibliotecário causados, em alguns momentos, por parte do bibliotecário ou da falta de conhecimento do usuário na busca da informação. Para tanto, Nice Figueiredo criou metodologias para o bibliotecário desempenhar de maneira correta o serviço de referência. Recomendou também para as escolas de Biblioteconomia no país, “a preparação do aluno, de maneira adequada, ensinando-lhes não somente as fontes e os recursos de informação, e os problemas do processo de referência, mas principalmente inculcando nos alunos a noção de dever e responsabilidade com que devem desempenhar as suas atividades profissionais”¹.

Em sua obra “Serviços de Referência & Informação” publicada pela Editora Polis em 1992, Nice reuniu uma coletânea de textos, dispersos em artigos de periódicos nacionais especializados e Anais de congressos, apresentando o campo da referência/ informação com o objetivo de contribuir para

1 Texto retirado do livro FIGUEIREDO, Nice Menezes de. *Serviços de referência & informação*. São Paulo: Polis, 1992. p. 91.

melhorias para a comunidade biblioteconômica e poder “demonstrar o valor do bibliotecário nesta sociedade de informação”. Tal obra demonstra a sua preocupação com o profissional brasileiro da informação que deve manter-se atualizado com os avanços da área.

Nesse mesmo livro, Nice Figueiredo ascende à questão dos sistemas computadorizados, que teve grande repercussão nas bibliotecas especializadas em 1980, fato que permitiu um avanço no atendimento das necessidades de informação dos seus usuários, pois a literatura científica na década de 1980 já apontava a existência de computadores na recuperação da informação e nos serviços de referência. Também alertou sobre: a necessidade de treinamentos para os bibliotecários para utilização de base de dados; a preparação de guia para o uso do sistema por parte do bibliotecário e dos usuários; bem como sobre o custo do serviço e do papel do bibliotecário como administrador, mediador, treinador e tecnólogo. Atentou também para o futuro das bibliotecas no Brasil, apontando a importância das fontes impressas, das fontes online, e da viabilidade econômica no mercado já apresentado na literatura internacional e que, atualmente, são temas debatidos nos eventos da área da Ciência da Informação e nas publicações científicas brasileiras.

Com relação ao tema Desenvolvimento de Coleções, Nice Figueiredo o descreve como uma das atividades básicas do bibliotecário e nos remete a autores como: Shera (1976), que retrata a importância da coleção como contribuição para o crescimento intelectual dos usuários, Spiller (1971 apud FIGUEIREDO, 1993, p.10), que declarou na sua obra sobre seleção de livros que “a seleção de livros representa a esfera da biblioteconomia que distingue a profissão de muitas outras ocupações administrativas”; Broadus (1973 apud FIGUEIREDO, 1993, p. 10) reafirma que a seleção não se prende apenas a livros e que “desenvolver e modelar a coleção de uma biblioteca é o coração da biblioteconomia, envolvendo

a filosofia essencial da profissão”; Helen Haines em sua obra *Living with books* (1950, p.32) aponta que a “Biblioteconomia é a única profissão que se devota a colocar livros na vida de todo o público do mundo. Os materiais com que os bibliotecários trabalham são os materiais que fornecem o entendimento, conhecimento e a razão, que podem informar a mente e dirigir a vontade para enfrentar os desafios do tempo, para nos adaptarmos às suas compulsões, para discernir e guiar as forças que moldam o futuro”.

Dessa forma, Nice Figueiredo alertou para aspectos importantes relacionados ao desenvolvimento de coleções, fornecendo subsídios para avaliar e comparar a seleção de materiais para a biblioteca; criou também princípios gerais para o desenvolvimento de coleções e de tipologias que podem subdividir a coleção. Para ela, a “leitura pessoal constante deve acompanhar e suplementar o estudo e a prática de seleção de livros. Mas o teste de valores dos livros não depende do julgamento pessoal dos livros. Nenhum cérebro humano pode entender e avaliar o conteúdo total da literatura. Ampla gama de conhecimento de livros e poder sólido de julgamento crítico intuitivo devem ser estabelecidos, em primeiro lugar” (FIGUEIREDO, 1993, p. 23). Para tanto, a autora acredita que, qualquer que sejam os tipos ou níveis de coleções, devem servir para atender as necessidades dos usuários.

Com relação aos usuários, Nice Figueiredo esclarece que qualquer indivíduo tem necessidade de informação para alguma utilidade e uso, que classificou em três níveis: a) o prático: para a solução de problemas imediatos na vida e nas atividades diárias; b) o profissional: para avançar na educação continuada, para uma pesquisa retrospectiva sobre determinado tema e atualização ou revisão de um assunto; e c) o intelectual: para avançar a compreensão das artes, humanidades e ciência, para enriquecimento (FIGUEREDO, 1999). Essas questões são necessárias para o bibliotecário definir prioridades na gestão da biblioteca e para avaliar seus produtos e serviços. Nice

Figueiredo aponta ainda alguns fatores que podem influenciar ou propiciar a necessidade de implantação do estudo de usuário.

O estudo de usuário para a autora “são investigações que se fazem para saber o que os indivíduos precisam em matéria de informação... através destes estudos verifica-se porque, como, e para quais fins os indivíduos usam informação, e quais os fatores que afetam tal uso... estes estudos são, assim, canais de comunicação que se abrem entre a biblioteca e a comunidade a qual ela serve” (FIGUEIREDO, 1991, p. 24). Nice Figueiredo apontou os primeiros estudos de usuário, cuja expansão pode ser notada no período 1945 a 1968, no sentido de tentar descobrir o uso da informação pelos cientistas e engenheiros, e também se aprofundou em estudos pesquisados na década 1970.

Como contribuição para a área de Biblioteconomia no tema relacionado ao estudo de usuário, a autora identificou métodos e metodologias para aplicação nas bibliotecas e centros de informação, no sentido de valorizar a integração da Biblioteconomia com a Ciência da Informação e o aperfeiçoamento das técnicas bibliotecárias. Aperfeiçoou os estudos de usuário nas diferentes tipologias de biblioteca, ou seja, distinguiu os estudos de usuário realizados nas bibliotecas públicas das acadêmicas e dos centros de informação. Introduziu também pesquisadores internacionais na academia brasileira. Esses pesquisadores, por sua vez, apontaram que os estudos de usuário podem ser diferenciados pela necessidade, desejo, demandas, uso e requisito do próprio usuário ou da unidade da informação, e que de alguma maneira os estudos de usuário direcionam o bibliotecário para o planejamento nos sistemas de informação, assim como na elaboração dos produtos e serviços de informação.

Na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação – BRAPCI encontramos 28 referências de artigos publicados por Nice Figueiredo, de 1977 até 1996. A partir desse levantamento, elaboramos um compêndio dos artigos inseridos na BRAPCI. O primeiro artigo publicado em 1977 trata do serviço de referência e da possibilidade de erro

em seu processo. Na mesma década, Nice Figueiredo apresentou textos sobre serviços de referência e informação nas bibliotecas universitárias e especializadas.

Na década de 1980, foram publicados artigos com ênfase no serviço de referência, com aprofundamento em estudos de usuário, avaliação de serviços, de sistemas de informação e particularmente na questão do desenvolvimento de coleções, com proposta de metodologia na avaliação das coleções de referência nas bibliotecas brasileiras.

Na década de 1990, houve uma continuidade de suas pesquisas nas áreas de estudo de usuário e serviço de referência, inserindo as cinco leis de Ranganathan como “elemento essencial para o processo de planejamento e avaliação de serviços e sistemas de informação”. Complementado com reflexões em torno da educação continuada do bibliotecário, e da inclusão das tecnologias de comunicação na área da informação e quais as causas no processo de aquisição e organização da informação.

Para finalizar, apontamos uma pesquisa apresentada pelos autores João Guedes Cabral Júnior, Luciana Ferreira da Costa e Francisca Arruda Ramalho, no XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação – Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social, em 2011, em Maceió, que identificaram os autores mais citados entre 2005 e 2010, sobre a temática “estudos de usuários”, no periódico científico *Biblionline*. Os autores levantaram apenas nove artigos que se referiam diretamente ao tema. A pesquisa apontou a autora brasileira Nice Figueiredo, aparecendo com quatorze citações, constituindo-se como a autora mais citada. Dessa forma, as suas pesquisas continuam guiando os pesquisadores na era da sociedade da informação em pleno século XXI.

Pretendemos apresentar nessas entrelinhas a importância da pesquisadora e professora Dra. Nice Menezes de Figueiredo, sua grande cultura humanística e seus estudos em universidades americanas, autora que nos alertou por meio dos seus textos e em sala de aula sobre a chegada da globalização que estamos

vivenciando no momento e, conseqüentemente, a importância do avanço da biblioteconomia frente à modernização da sociedade. Além disso, Nice Figueiredo salientou os benefícios das tecnologias de informação e comunicação na biblioteconomia e sobrepôs as barreiras socioeconômicas como um fator para a não disseminação da informação. Alertou ainda para que as novas gerações, somente após a virada do século, pudessem conviver com a sociedade sem papel.

Nice Figueiredo expressa em sua produção científica a importância da valorização do profissional bibliotecário e a necessidade do mesmo em se atualizar mediante a evolução da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Destacou a profissão de bibliotecário e a missão da Biblioteconomia, e demonstrou com proeza que é preciso que o profissional bibliotecário conheça o significado e o alcance de seu trabalho, que saiba fazer a interligação dos diferentes tipos de atuação profissional e da sua importância no papel social, cultural e recreativa perante a sociedade. Tendo em vista sua sabedoria como educadora, a autora se preocupou em dialogar, discutir e transmitir informações e conhecimentos, com a intenção de sempre apontar para a modernidade.

REFERÊNCIAS

BROADUS, R. N. **Selecting materials for libraries**. New York: Wilson, 1973.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC: UNESCO, 2006.

FIGUEIREDO, N. M. **Estudos de uso e usuários da informação**. Brasília: IBICT, 1994.

FIGUEIREDO, N. M. **Desenvolvimento e avaliações de coleções**. Rio de Janeiro: Rabiskus, 1993.

FIGUEIREDO, N. M. **Metodologias para a promoção do uso da informação**: técnicas aplicadas particularmente em bibliotecas universitárias e especializadas. São Paulo: Nobel: APB, 1990.

FIGUEIREDO, N. M. **Serviços de Referência & Informação**. São Paulo: Polis: APB, 1992.

FIGUEIREDO, N. M. **Textos avançados em referência & informação**. São Paulo: Polis: APB, 1996.

FIGUEIREDO, N. F. Usuários. In: _____. **Paradigmas modernos da Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 1999, p. 10-54.

HAINES, H. **Living with books**. 2nd. ed. New York: Columbia University Press, 1950.

SHERA, J. H. **Introduction to library science**: basic elements of library service. Littleton: Libraries Unlimited, 1976.

SPILLER, D. **Book selection**: an introduction to principles and practice. Hamden: Linnet Books, 1971.

NEUSA DIAS DE MACEDO EM TRÊS PERSPECTIVAS: PROFISSIONAL, ACADÊMICA E PESSOAL

*Sueli Mara Soares Pinto Ferreira*¹

A história de vida de uma pessoa pública é, por extensão, a história de uma instituição, de um lugar, de um tempo determinado. ... Poucas pessoas conseguiram interligar, de forma harmoniosa e produtiva, vida privada e vida pública como ela [Neusa Dias de Macedo]. Impossível separar a bibliotecária, a professora universitária, a pesquisadora de ciência da informação com sua individualidade. (Antonio Miranda, 2005, p. 13)

INTRODUÇÃO

Escrever sobre uma pessoa que marcou tão intensamente sua vida não é tarefa fácil e tampouco permite o isolamento do tema com objetividade e impessoalidade. Ademais reveste em uma tarefa tanto prazerosa como saudosa. Por entre sabores e cores, retrocedo no tempo, navego em documentos e revivo memórias visando a construção de um texto que possa estar a altura da expressiva contribuição de Neusa Dias de Macedo; minha orientadora de mestrado e doutorado; às áreas de biblioteconomia e ciência da informação brasileira.

1 Professora Titular na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo em Ribeirão Preto. Email: smferrei@usp.br

A Prof^a Neusa é conhecida no Brasil e no exterior quer por sua atuação como profissional bibliotecária, quer como docente e pesquisadora junto ao Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, quer como ser humano, cidadã batalhadora em prol do desenvolvimento individual de todos a sua volta. Pincelar sinteticamente suas ações nessas três perspectivas é a meta deste capítulo. Para tanto, vale completar essa introdução com uma apresentação de seus primeiros passos até galgar a carreira profissional e acadêmica na área foco desse relato.

Conforme entrevista concedida à jornalista e bibliotecária Ana Célia de Moura (MOURA, 2006), Neusa inicia sua carreira atuando como professora-substituta de Grupo Escolar onde vem a criar uma pequena biblioteca no salão do subsolo da escola, após participar de um curso intensivo com Lenyra Fraccaroli na Biblioteca Infantil. Ela registra o fato em “um artigo sobre a biblioteca, incluindo fotos das meninas (de avental branco e com tope grande na cabeça) que deram volta ao quarteirão no dia da inauguração” (p. 5) para o jornalzinho da escola, iniciando uma atividade que vai acompanhá-la em toda sua trajetória, qual seja registrar a história e preservar a memória dos fatos por meio de relatórios, resenhas e revisões bibliográficas.

Essa iniciativa da biblioteca no grupo escolar, somada ao gosto pela leitura e pelos livros desenvolvido pelo seu pai desde menina, remete-a ao curso de Biblioteconomia da Fundação Escola de Sociologia e Política, onde conhece diversos professores, dentre eles nomes marcantes como Maria Luisa Monteiro da Cunha e Noemia Lentino.

Já graduada em biblioteconomia, inicia sua carreira nas Bibliotecas das Faculdades de Farmácia e de Odontologia da Universidade de São Paulo. Após um breve período de afastamento do cargo ocorrido durante a gestão de Janio Quadros como Governador do Estado por problemas políticos, reintegra-se a USP junto a Biblioteca da Faculdade de Filosofia do Instituto de

Estudos Portugueses (IEP), local onde vislumbra novos horizontes para aprofundar seus estudos obtendo Licenciatura em Letras em 1964.

Com tal currículo, apoio da Universidade de Brasília e da Fundação Ford, consegue uma bolsa de estudos e viaja aos Estados Unidos, onde conclui o mestrado em 1967 junto a Catholic University of America, CUA. De volta ao Brasil, comissionada à Universidade de Brasília por seis anos, passa a atuar como Chefe do Serviço de Referência da Biblioteca, além de se tornar responsável pela disciplina de Bibliografia e Referência do Curso de Biblioteconomia, convivendo com outros ilustres nomes da biblioteconomia brasileira como Rubens Borba de Moraes, Etelvina Lima e Edson Nery da Fonseca.

Seu novo retorno a São Paulo é revestido de três grandes ocorrências – o ingresso no doutorado sob orientação do Prof. Segismundo Spina, a aprovação no concurso para o Serviço de Referência e Bibliografia da Universidade e a possibilidade de ingressar na carreira docente junto ao Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da USP. Aqui se inicia o relato de suas contribuições à área sob as perspectivas profissional, acadêmica e pessoal.

DA PERSPECTIVA PROFISSIONAL

Com as experiências e vivências acumuladas ao longo das atividades mencionadas anteriormente, duas preocupações criaram corpo e acabaram por estabelecer um *modus operandi* peculiar. De um lado, surge uma crescente preocupação com o papel educacional da biblioteca e sua necessária interface com os usuários da informação de modo a fomentar a apropriação de conhecimentos; e de outro lado, a necessidade de formação de trabalho em equipe, integrado, visando o maior desenvolvimento da biblioteconomia, ao mesmo tempo que o amadurecimento e fortalecimento de massa crítica da classe.

A frase abaixo, de autoria da própria professora Neusa, explicita esse perfil profundamente associativo de sua personalidade...

“Um forte segmento da área biblioteconômica são as associações, cuja congregação se fez em virtude de um país grande e controvertido como o Brasil necessitar de um porta-voz federativo que agisse como memória e órgão de defesa e comunicação da classe” (MACEDO, 1989).

Com tal pensamento em pauta, Neusa Macedo sempre esteve vinculada aos movimentos associativos da área, atuando em paralelo com suas atividades de ensino e pesquisa, mesmo aposentada. Seu intenso envolvimento inicia-se junto à Associação Paulista de Bibliotecários (APB), seguindo aos Conselhos Regionais de Biblioteca (CRB), Federação Brasileira de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB) e mesmo instituições internacionais como a Internacional Federation of Library Association (IFLA). Em todos eles, seu papel (independente se exercendo cargo de vice-diretoria ou em assessorias diversas) sempre foi focado na produção de material bibliográfico, revisão e editoração científica.

É com base nessas atividades que constrói enorme legado e contribui sobremaneira desde os Boletins da APB e, por muitos anos, com a Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, onde produziu reformas importantes em distintos momentos – 1978 a 1980, 1987 a 1989, 1999 a 2001.

Nessas atuações, e respaldando-se em sua enorme capacidade analítica, normativa, de síntese, de organização de ideias e somadas ao excelente domínio de técnicas de redação, produziu dezenas de relatórios analíticos e críticos de eventos, traduções de documentos internacionais teóricos conceituais e resenhou muitos trabalhos importantes, em especial as teses defendidas na USP, junto ao programa de pós graduação onde era docente e orientadora. Neusa se dedicava a revisão de literatura no tempo em que ainda não existiam bases de dados como agora, portanto, onde a identificação,

seleção e acesso à informação exigiam muito mais empenho e dedicação.

Participou e registrou os mais importantes eventos de consolidação da biblioteconomia brasileira. Como exemplo de relatórios desses eventos tem-se o texto base “Diretrizes para o planejamento e avaliação de bibliotecas públicas (VI Simpósio de Biblioteca e Desenvolvimento Cultural de FEBAB em 1992), relatórios do I Fórum Paulista de Bibliotecas Públicas, novamente do II Fórum Paulista de Bibliotecas Públicas e Biblioteca pública/Biblioteca escolar, sendo esse último pautado em um extenso estudo sobre o Manifesto da UNESCO desenvolvido em parceria com a professora Idméa Semeghini-Siqueira da Faculdade de Educação da USP (MACEDO e SEMEGHINI-SIQUEIRA, 2000).

Sempre preocupada em transferir ao profissional brasileiro o que de mais sistematizado encontrasse nas associações internacionais, produziu várias traduções livres e comentadas de distintos documentos normativos da ALA, IFLA, UNESCO sobre diretrizes e caracterizações das bibliotecas públicas e escolares.

Certamente, seu papel como editora em distintos canais de divulgação da área e diversificados períodos da história biblioteconômica brasileira lhe propiciava o espaço que, de maneira muito apropriada, foi bem aproveitado por ela. Conforme identificado por Miranda (2005), “Nada, absolutamente nada do que acontecia com a nossa profissão – que ela [Neusa Dias de Macedo] viu florescer e semeou para lhe dar continuidade e consequência – passou ao largo de sua diuturna atuação ou percepção” (p. 14).

Como pôde ser observado, em todos esses anos, o tema da biblioteca pública e escolar sempre esteve latente em suas ações, sendo retomado após sua aposentadoria e afastamento definitivo da USP em 2002.

Nesse mesmo ano, com base no recém publicado Manifesto Unesco/IFLA para Biblioteca Escolar, inicia o planejamento da pesquisa que denominou de Fórum “A Biblioteca Escolar Brasileira em Debate”, congregando um grupo multidisciplinar

de pesquisadores para resgatar, atualizar e debater o tema. As discussões aconteceram no ano de 2003, 2004 foi dedicado inteiramente a consolidação dos conhecimentos gerados e, em 2005, o resultado dessa pesquisa é publicado pela editora SENAC no livro “Biblioteca Escolar Brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual” (MACEDO, 2005). Livro esse que, conforme Vergueiro (2005) “permite um entendimento mais amplo de nossa realidade, abrindo-nos um amplo panorama da área, há muito tempo necessário no país”.

Além da contribuição expressiva para a área das bibliotecas escolares, o referido livro ainda resgata as memórias da própria Neusa com um capítulo dedicado ao relato de sua trajetória e contribuições. Lá, se pode recuperar os detalhes a dedicação de toda uma vida para a profissão e para o profissional bibliotecário em geral.

DA PERSPECTIVA ACADÊMICA E CIENTÍFICA

Conforme já mencionado, retornando a São Paulo, mais propriamente à USP, Neusa é contratada para lecionar Bibliografia Geral e Bibliografia Especializada na ECA, mas seguindo seu viés e foco no estudante de maneira geral e nas atividades de pesquisa, logo propõe a disciplina Orientação Bibliográfica, oferecendo-a de 1969 a 1972. No ano seguinte, é aprovada no concurso para professora da disciplina de Referência.

Conforme menciona em uma palestra durante o 2o. Encontro Nacional de Ensino de Biblioteconomia e Ciência da informação, promovido pela ABEBD, em Brasília, de 19 a 20 de junho de 1989, “o acúmulo de observações de todo o tipo na ministração dos cursos de Orientação Bibliográfica para alunos de diferentes áreas, incentivou-nos a pesquisar o problema da “falta de instrumentalização à pesquisa de alunos de ensino superior”, e foi o tópico de nossa tese de doutorado (1975-80)” (MACEDO, 1989, p. 129). Doutorado esse concluído em 1980 com a tese “Biblioteca universitária: o estudante e o trabalho de pesquisa”, cuja

intensa pesquisa lhe vai garantir a formação descritiva, normativa e analítica que a marcarão para o resto de sua vida, conforme já mencionado anteriormente.

Sua tese de doutorado foi a primeira na área de biblioteconomia defendida na Universidade de São Paulo, levando-a a tomar a si a responsabilidade de empreender esforços para iniciar a introdução da área no meio universitário uspiano. Conforme seu relato “era preciso não só criar linhas de estudos e pesquisas, especificamente para Biblioteconomia, como atender demandas de interessados brasileiros na pós-graduação strictu sensu, na USP” (MACEDO, 1989, p.130). Assim, logo em 1981, aprofundando aspectos críticos, teóricos e conceituais à experiência advinda de sua disciplina na graduação e a recém defendida tese de doutorado, propõe a disciplina “Bibliotecas Universitárias e os Serviços aos Usuários” para o curso de pós graduação da ECA/USP.

A palestra acima mencionada foi transformada em matéria documental intitulada “Experiência vivida com a ministração da disciplina “Referencia”(1968-1988)” e publicado na RBBB da FEBAB em 1989, descrevendo tanto a sua experiência e reflexões sobre o então intitulado Serviço de Referência e Informação, como também apresenta experiências de disciplinas similares ministradas em outras universidades brasileiras.

O resultado de anos de docência na área somado à sua produção científica abrangendo traduções de livros especializados na área de Referência, bibliografias analíticas, manuais e normas para referência bibliográfica, orientação bibliográfica e normalização levou-a a ser reconhecida, juntamente com a Prof^a Nice Figueiredo, como uma pesquisadora chave no tema do Serviço de Referência e informação (SRI) no país.

Isso se fortalece especialmente no ano de 1984, quando parte para o aprofundamento teórico, a sistematização e o mapeamento do SRI e publica seu texto mais emblemático e citado “Em busca de diretrizes para o serviço de referência e informação para bibliotecas brasileiras” também na Revista RBBB da FEBAB (MACEDO, 1984).

Nesse documento, partindo da análise crítica das “Diretrizes Básicas para o Serviço de Referência e Informação” (ALA, 1984)², Macedo apresenta a discussão sobre a dificuldade de adoção do conceito “referência” – adaptado do termo americano – que se vinculava ao atendimento específico (disponíveis já há muito tempo nas bibliotecas daquele país) de questões fatuais respondidas por meio de obras de referência como enciclopédias, dicionários, almanaque, diretórios etc. E, paulatinamente, migrando de distintas formas de assistência comum e disponíveis nas bibliotecas americanas (como localização de materiais, auxílio no uso do catálogo ou de obras de referência, levantamento bibliográfico etc...) para chegar ao “conceito moderno de Referência, relacionado com a realidade presente, se alarga para um tipo de serviço mais aberto utilizando-se de vários meios de materiais, não se confinando a fontes internas” (MACEDO, 1984, p. 65) e continua descrevendo a evolução dos serviços americanos à época e levando a reflexão da necessária adequação ao contexto brasileiro.

E naquele momento, Macedo (1984) determina que ao SRI comportaria quatro linhas de atuação, a saber:

(1) a referência propriamente dita, que corresponderia a tradicional função intitulada ready reference – neste ponto o bibliotecário, aguardando ser procurado pelo usuário, responde as questões de referência e assiste o mesmo nas suas dificuldades de localização e obtenção de informação, bem como o encaminha a outras instituições quando não existe, no recinto, a informação (Referrals);

(2) orientação formal ao usuário – quando o Setor programa, de forma sistemática, visitas orientadas, cursos etc. para

2 Publicado pela American Library Association em 1979 e traduzido por Inês Imperatriz com sua revisão em 1984. ALA.Diretrizes para o estabelecimento dos serviços de referência e informação. Trad. Inês Imperatriz, rev. Neusa Dias de Macedo. Em Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, 17(3/4), São Paulo, jul./dez. 1984.

instruir o usuário no manejo da biblioteca, na prática da pesquisa bibliográfica, etc.

(3) disseminação da informação – que se preocupa em antecipar a busca de informação pelo usuário, preparando boletins bibliográficos e informáticos, instrumentos de alerta e disseminação seletiva, corrente, da informação, não obrigando a vir amiúde a biblioteca.

(4) divulgação e interpretação da biblioteca – por meios vários: impressos, comunicação visual, audiovisual ... a fim de mostrar ao usuário o que existe e como funciona o sistema de informação. (p. 65)

Seguindo essa sua diretriz, passa a encaminhar seus orientandos de mestrado e doutorado nos diversos temas que compõem as etapas anteriormente mencionadas. E esse vai ser um outro grande legado à biblioteconomia brasileira: a abertura e ampliação de distintas frentes de pesquisas no âmbito do SRI abraçando temas ainda não explorados no país. O ineditismo dos temas dos mestrados e doutorados que orientou, aliados a excelência de sua orientação e, também certamente, ao perfil dos orientandos por ela selecionados merecem destaque e análise mais aprimorada. Mesmo porque muitos deles já ocupavam, ou viriam a ocupar posteriormente, cargos de destaque em instituições da área, o que comprova também sua imensa capacidade de liderança, sua orientação precisa e exigente, levando-os ao aprendizado constante e a incorporação do método científico útil para todo o auto desenvolvimento futuro.

O primeiro de seus orientandos foi Antonio Miranda, professor da UnB, que em 1988 defende a tese de doutorado intitulada “Acesso ao documento primário, um estudo comparado dos modelos centralizados semidescentralizados e descentralizados de sistemas e serviços interbibliotecarios”. Tal tese

levanta a problemática do crescimento da demanda, do monopólio da informação pelos

provedores estrangeiros, as restrições ao uso dos serviços internacionais, a relação causal com a disseminação seletiva da informação, a implicação dos direitos autorais e a questão da dos acervos (MIRANDA, 1988, p. 126).

Interessante como essa descrição da problemática de sua tese ainda é tão atual, podendo ser encontrada no contexto das discussões atuais sobre o acesso aberto à produção científica internacional. Mas à época, o que estava em foco eram os sistemas de comutação e suprimentos de documentos, a exemplo das iniciativas do BLDS (antigo BLLD da Grã-Bretanha), o OCLC (dos Estados Unidos) e o sistema alemão, representando, respectivamente, os modelos centralizados, descentralizados e o semicentralizado. O IBICT, sob coordenação do próprio Antonio Miranda, estava implementando o Sistema Nacional COMUT e essa tese propiciou arcabouço teórico e rigor científico para uma avaliação classificada e objetiva. Esse trabalho, além do impacto científico, teve imenso impacto social e reforçou a linha do SRI relativa a disseminação de serviços aos usuários.

O ano de 1989 trouxe a conclusão de mais cinco pesquisas, sendo três de doutorado e duas de mestrado. Amélia Silveira, então professora na Universidade Federal de Santa Catarina e hoje na UNINOVE em São Paulo, finaliza seu doutorado pesquisando sobre “Marketing em bibliotecas universitárias: evolução, transferência de princípios e estudo da aplicação no sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo”, sendo uma das primeiras pesquisadoras brasileiras na década de 1980 a se debruçar sobre tal tema (SILVEIRA, 1989). Cecília Alves Oberhofer, então no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia no Rio de Janeiro, também conclui o doutorado “Uso da informação científica: obsolescência do objeto vs. obsolescência do conteúdo”, onde discutiu os sempre atuais temas da bibliometria, comunicação científica e documentação

científica, parte integrante da quinta etapa do SRI conforme Macedo (OBERHOFER, 1989). O terceiro doutorado daquele ano foi de Graça Maria Simões Luz, biblioteca do Centro de Perguntas Técnicas do TECPAR, que se voltou para o tema das avaliações, concluindo a tese intitulada “Bibliotecas universitárias: um modelo de avaliação de desempenho” (LUZ, 1989).

As pesquisas de mestrado de 1989 ficaram por conta de Sueli Mara Soares Pinto Ferreira e Regina Célia Belluzzo. A primeira, bibliotecária da Fundação de Tecnologia Industrial do MCT à época e hoje professora da USP, centraliza a atenção nos serviços de encaminhamento, conhecidos nos Estados Unidos e Europa como “referral centers” ou “information and referral services – I&R”, contribuindo com extensão e inédita no país bibliografia analítica sobre o tema e densa revisão de literatura chegando a identificação de distintos modelos, com a dissertação intitulada “Serviço referencial: caracterização e conceituação” (FERREIRA, 1989). E a segunda, bibliotecária na Faculdade de Odontologia da USP de Bauru e hoje professora da UNESP, desenvolveu o tema da “Educação de usuários de bibliotecas universitárias : da conceituação e sistematização ao estabelecimento de diretrizes” enfocando distintos aspectos da pesquisa bibliográfica e orientação a pesquisa (BELLUZZO, 1989).

Passadas tais experiências, uma nova revisão de seu modelo do SRI é formalizada na publicação “Princípios e reflexões sobre o serviço de referência e informação” em 1990, onde define o Serviço de Referência com dois níveis de atuação: uma restrita onde atua direta e exclusivamente com o usuário de maneira pessoal e presencial, e outra em sentido amplo, onde entende o SRI “como um recorte do todo da biblioteca com pessoal, arquivo, equipamento, metodologia própria para melhor canalizar o fluxo final da informação e otimizar seu uso, por meio de linhas de atividades” (MACEDO, 1990, p. 12). Nesse novo contexto, revisa e amplia as já mencionadas etapas do SRI, as quais passam a ser intituladas como:

- (1) Serviço de Referência propriamente dito, mantendo sua denominação e conteúdo;
- (2) Educação do usuário, alterando sua denominação de modo a contemplar de maneira mais abrangente todas as atividades educativas desenvolvidas nas bibliotecas, seja formal ou informalmente sempre visando a autonomia do usuário;
- (3) Alerta e Disseminação da Informação, agora abraçando os novos serviços oriundos da evolução tecnológica, preocupando-se com a transposição dos muros físicos da biblioteca para levar aos usuários informações atualizadas e/ou notificá-los sobre novos conhecimentos;
- (4) Comunicação Visual / Divulgação da Biblioteca, incorporando definitivamente a preocupação com aspectos comunicacionais da interação com os usuários, de modo a facilitar sua inserção no ambiente físico da biblioteca, minimizando problemas de comunicação, dificuldades de localização, investindo na criação de um ambiente o mais acolhedor e próximo possível de sua expectativa.
- (5) Administração / Supervisão do Setor de Referência, etapa incluída nesse momento em que passa a visualizar o referido setor como uma atividade fim da biblioteca, abarcando diversas frentes de ação e pessoal como mencionado anteriormente. Nesse sentido, se faz necessário observar a necessidade das atividades de avaliação e gestão tanto da equipe especializada como, principalmente planejamento da estrutura do setor, estudos de usuários para detecção das necessidades e interesses da comunidade e/ou público alvo, estudos relativos a bibliometria e comunicação científica dentre outros.

Após esse período de incubação das ideias, novas pesquisas surgem nas suas interações com a pós graduação, e em 1993 tem-se a defesa de doutorado de Mirian Rejowski, professora da própria USP, intitulada “Pesquisa acadêmica em turismo no Brasil (1975-

1992): configuração e sistematização documental” que emprega análise documental e bibliométrica para mapear e construir um panorama da área do Turismo no Brasil a partir da produção das teses defendidas no período em questão (REJOWSKI, 1993). Maria Matilde Kronka Dias, bibliotecária, utiliza um instrumento de pesquisa desenvolvido com apoio de análise documental, visitas e entrevistas com docentes, estudantes e funcionários da biblioteca da Faculdade de Odontologia da USP para compor e defender a dissertação de mestrado intitulada “Biblioteca universitária: protótipo e experimento para a caracterização e avaliação” (DIAS, 1994). Ainda em 1994, Irati Antonio finaliza sua pesquisa de mestrado “Informação e música no Brasil: memória, história e poder”, na qual verifica em que medida e através de quais mecanismos a informação influencia a produção de conhecimento na área de música no Brasil (ANTONIO, 1994).

O ano de 1995 é a finalização de doutorado de Regina Célia Belluzzo e Sueli Mara Soares Ferreira, mestrandas do ano de 1989 e participantes da primeira fase do SRI proposto pela Macedo. Já nessa fase redimensionada do SRI, Belluzzo vai se focar específica e detidamente na questão da gestão da qualidade e Ferreira vai abraçar a literatura referente aos estudos de usuários. Assim, com a tese “Da capacitação de recursos humanos a gestão da qualidade em bibliotecas universitárias: paradigma teórico-prático para ambiente de serviço de referência e informação”, Belluzzo (1995) aprofunda a questão da gestão da qualidade em serviços de informação e revela resultados importantes a partir de um diagnóstico situacional sobre formação em serviço em bibliotecas universitárias brasileiras, na área odontológica. Já Ferreira (1995), defende a tese de doutorado intitulada “Redes eletrônicas e necessidades de informação: abordagem do sense-making para estudo de comportamento de usuarios do Instituto de Física da USP”, introduzindo dois novos temas à literatura brasileira, a abordagem do Sense-Making desenvolvida por Brenda Dervin e a questão da busca e uso de informação em

redes eletrônicas descortinando a possibilidade da rede internet ser vista como relevante objeto de estudo principalmente para a área de informação.

Biblioteca escolar é o tema da tese de doutorado de Regina Keiko Obata defendida em 1998, “Biblioteca interativa: concepção e construção de um serviço de informação em ambiente escolar”, que retoma não somente a questão do desenvolvimento de novos serviços, como principalmente a biblioteca escolar com o foco na interatividade, maior participação e envolvimento dos estudantes e docentes.

Já aposentada, Neusa Macedo ainda orienta dois alunos, Cybelle de Assumpção Fontes e José Fernando Modesto da Silva. Cybelle Fontes, bibliotecária da Faculdade de Odontologia da USP de Bauru, defende a dissertação “Usos e efeitos da Internet na prática bibliotecária: estudo exploratório junto ao Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo (SIBi/ USP)” analisando os impactos que as tecnologias (especialmente a internet) estavam trazendo ao desenvolvimento das atividades, serviços e produtos das bibliotecas universitárias, analisando o modelo da própria USP (FONTES, 2001). E, em 2002, Fernando Modesto finaliza seu doutorado com a tese “Internet – Biblioteca – Comunidade Acadêmica: conhecimentos, usos e impactos; pesquisa com três universidades paulistas (UNESP, UNICAMP e USP)”, onde vai perscrutar o ambiente acadêmico paulista quanto às mudanças geradas pelo uso da Internet e, conseqüentemente, influência no comportamento e desempenho de bibliotecários e docentes/pesquisadores (MODESTO, 2002).

Durante a pesquisa com Fernando Modesto, ocorre a terceira revisão do SRI principalmente em decorrência da enorme evolução causada pela rede internet, do serviços de referencia virtual, registrada em dois textos publicados na Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação: “Equivalências: do serviço de referência convencional a novos ambientes de redes digitais em bibliotecas, parte I - do serviço de referência convencional” (MACEDO; SILVA, 1999a) e “Equivalências: do serviço de referência convencional a novos ambientes de redes

digitais em bibliotecas, parte II - de novos ambientes informacionais mediados por redes digitais em bibliotecas” (MACEDO; SILVA, 1999b). Com esses trabalhos, tem-se a última atualização de autoria da própria Neusa Macedo em relação ao SRI, tema que trabalhou por várias décadas, sempre na perspectiva de ampliar e aprofundar seus diversos sub-temas.

Com tais relatos, observa-se que sua contribuição se fortalece com seus projetos, teorias e publicações na área do SRI, mas também se enraíza nos diversos frutos plantados com as pesquisas desenvolvidas juntamente com seus orientandos do programa de pós-graduação em ciência da informação da ECA/USP.

DA PERSPECTIVA PESSOAL

Neusa Macedo teve duas grandes paixões e envolvimento em sua vida. De um lado, existiam os gatos, seus companheiros, e de outros seus orientandos, intitulados como seus “pupilos” ou “pupilinhas”, com muito carinho.

Aos gatos, dedicou um livro especial, plantava gramas no apartamento para propiciar-lhes mais conforto e os tratava com esmero. Completamente conscientes de seu papel na vida da mestra, os felinos (primeiro o Titico e depois o Titiquinho) controlavam o ambiente com severidade, buscando paulatinamente ganhar mais e mais espaço na mesa da sala de visita quando ocupada pelos orientandos munidos de maços de papel almaço e muitos lápis primorosamente apontados. Mais de dois ou três de seus orientandos tiveram suas malas e roupas “batizadas” pelos felinos ciumentos e raivosos pelo tempo e atenção que estava lhes sendo usurpado.

A maioria de seus orientandos vinha de outras cidades para o mestrado e/ou doutorado em São Paulo, portanto, por vezes eram acolhidos em sua própria casa. Tal feito era um privilégio sem tamanho, pois isso significa muito mais do que apenas um teto, mas horas de redação (manuscritas nas tais folhas de almaço!), revisão, discussão e imersão profunda nos temas de pesquisas. Reescrevendo nas bordas e alterando continuamente os textos,

a exigente professora não os deixava descansar enquanto não obtivesse um resultado de muita qualidade mas, principalmente, muito rigor e método.

Tal forma de interagir com seus orientandos gerou um envolvimento inclusive com suas respectivas famílias, levando-a a ser parte de muitas delas. Tal fato resultou em viagens de férias, feriados e datas festivas como Natal e Reveillon com muitos deles. Principalmente, fortaleceu laços profundos também entre seus orientandos, verdadeira network, muitos dos quais mantêm amizade até hoje, comunicando-se com certa frequência, recorrendo um ao outro quando em necessidades e, principalmente, sempre ajudando mutuamente.

Isso novamente ocorreu agora com a preparação desse texto, onde pude receber sugestões e memórias de Antonio Miranda, Fernando Modesto e a esposa Célia Regina e, especialmente, de Amélia Silveira que a chamava carinhosamente de Neusa Mais Cedo, devido a hora em que nos acordava para “trabalhar”.

FINALIZANDO

Sua personalidade inclusiva e acolhedora certamente foi forte exemplo para todos seus orientandos, influenciando na formação de suas personalidades na docência e pesquisa.

A intensa contribuição ao curso de graduação em Biblioteconomia e ao programa de pós-graduação em Ciência da Informação na USP lhe renderam uma homenagem quando da inauguração de um Laboratório de Informática no Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes, o qual hoje leva seu nome.

Sua produção científica referente ao SRI ainda hoje sustenta diversos cursos e disciplinas na graduação da área, bem como ainda encabeça a lista da bibliografia básica dos principais concursos profissionalizantes no país.

Sem sombra de dúvida, Neusa Dias de Macedo é exemplo a ser seguido.

REFERENCIAS

ALA. Diretrizes para o estabelecimento dos serviços de referência e informação. Trad. Inês Imperatriz, rev. Neusa Dias de Macedo. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, n. 3/4, jul./dez. 1984. Orientadora: Dra. Neusa Dias de Macedo

ANTONIO, I. **Informação e música no Brasil: memória, história e poder**. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1994. Orientadora: Dra. Neusa Dias de Macedo

BELLUZZO, R. C. B. **Educação de Usuários de Bibliotecas Universitárias: da conceituação e sistematização ao estabelecimento de diretrizes**. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1989.

BELLUZZO, R. C. B. **Da capacitação de recursos humanos a gestão da qualidade em bibliotecas universitárias: paradigma teórico-prático para ambiente de serviço de referência e informação**. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1995. Orientadora: Dra. Neusa Dias de Macedo.

DIAS, M. M. K. **Biblioteca universitária: protótipo e experimento para caracterização e avaliação**. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1994. Orientadora: Dra. Neusa Dias de Macedo.

FERREIRA, S. M. S. P. **Redes eletrônicas e necessidades de informação: abordagem do Sense-Making para estudo de comportamento de usuários do Instituto de Física da USP**. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1995. Orientadora: Dra. Neusa Dias de Macedo .

FERREIRA, S. M. S. P. **Serviço referencial: caracterização e conceituação**. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1989. Orientadora: Dra. Neusa Dias de Macedo.

FONTES. C. A. Usos e efeitos da internet na prática

bibliotecária: estudo exploratório junto ao Sistema Integrado de Bibliotecas da USP. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2001.

Orientadora: Dra. Neusa Dias de Macedo.

LUZ, G.M.S. Bibliotecas universitárias: um modelo de avaliação de desempenho. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1989. Orientadora: Dra. Neusa Dias de Macedo

MACEDO, N. D. de. Diretrizes para o estabelecimento dos serviços de referência e informação. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, v. 17, p. 71-89, jul./dez. 1984.

MACEDO, N. D. de. Princípios e Reflexões sobre o Serviço de Referência e Informação (contínua). Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, v. 23, n.1/4, p. 04-37, jan./dez. 1990.

MACEDO, N. D. de. (Org.). Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Conselho regional de Biblioteconomia, 2005.

MACEDO, N. D.; SILVA, J. F. M. Equivalências: do serviço de referência convencional a novos ambientes de redes digitais em bibliotecas: Parte I – do serviço de referência convencional. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (Impresso), São Paulo, v. 1, n. 1, p. 38-54, 1999a.

MACEDO, N. D. . SILVA, J. F. M. Equivalências: do serviço de referência convencional a novos ambientes de redes digitais em bibliotecas: Parte II - de novos ambientes informacionais mediados por redes digitais em bibliotecas. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (Impresso), São Paulo, v. 1, n. 1, p. 55-72, 1999b.

MACEDO, N. D. Experiência vivida com a ministração da disciplina “Referencia” (1968-1988). Revista Brasileira de

Biblioteconomia e Documentação, v. 22, n. 3/4, p. 121-157, jul/dez.1989. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2011/09/pdf_d4569f4c48_0018701.pdf. Acesso em: 10 set. 2014.

MACEDO, N. D.; SEMEGHINI-SIQUEIRA, I. **Biblioteca pública/ biblioteca escolar de país em desenvolvimento**: diálogo entre bibliotecária e professora para a reconstrução de significados com base no “Manifesto da Unesco”. São Paulo: FE-USP/CRB-8, 2000.

MIRANDA, A. Apresentação. In: MACEDO, N. D. (org). **Biblioteca Escolar Brasileira em Debate**: da memória profissional a um fórum virtual. São Paulo: SENAC e CRB8, 2005.

MIRANDA, A. **Acesso ao documento primário, um estudo comparado dos modelos centralizados, semidescentralizados e descentralizados de sistemas e serviços interbibliotecários**. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1988. Orientadora: Dra. Neusa Dias de Macedo

MODESTO, F. **Internet – biblioteca – comunidade acadêmica**: conhecimentos, usos e impactos: pesquisa com três universidades paulistas (USP, UNESP e UNICAMP). Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2002. Orientadora: Dra. Neusa Dias de Macedo.

MOURA, A.C. Neusa Dias de Macedo: uma vida de desafios e realizações. Entrevista para o **Boletim Informativo CRB 8a**. em dezembro de 2006. página 5 , v. 13, n. 2, 2006. Disponível em: http://repositorio.cfb.org.br/bitstream/123456789/254/1/BoletimCRB8_n02-2006.pdf. Acesso em: 20 set.2014.

OBATA, R. K. **Biblioteca interativa**: concepção e construção de um serviço de informação em ambientes escolares. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1998. Orientadora: Dra. Neusa Dias de Macedo.

OBERHOFER, C. M. A. **Uso da informação científica**: obsolescência do objeto vs. obsolescência do conteúdo. Tese

(Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1989. Orientadora: Dra. Neusa Dias de Macedo.

REJOWSKI, M. **Pesquisa acadêmica em turismo no Brasil (1975-1992)**: configuração e sistematização documental. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1993. Orientadora: Dra. Neusa Dias de Macedo.

SILVEIRA, A. **Marketing em bibliotecas universitárias**: evolução, transferência de princípios e estudo da aplicação no sistema integrado de bibliotecas da Universidade de São Paulo. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1989. Orientadora: Dra. Neusa Dias de Macedo. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/75583>.

VERGUEIRO, W. Notas de contracapa. In: MACEDO, N. D. (org). **Biblioteca Escolar Brasileira em Debate**: da memória profissional a um fórum virtual. São Paulo: SENAC e CRB8, 2005.

BRIQUET DE LEMOS: UM HUMANISTA DO NOSSO TEMPO

Eliane Serrão Alves Mey

“O sertanejo é, antes de tudo, um forte.” Assim Euclides da Cunha inicia a o terceiro capítulo da segunda parte de “Os Sertões”. Assim, caracteriza-se o sertanejo-carioca, naturalizado brasiliense, Antônio Agenor Briquet de Lemos. Sua longa e profícua história na Biblioteconomia brasileira começa no Piauí, onde nasceu, filho de tipógrafo, em numerosa família, a escrever com tipos móveis antes de aprender a escrita cursiva.

Cabe aqui um interregno pleno da ironia característica de Briquet: se verdade ou lenda, de qualquer modo é um bom achado. Disse ele certa feita que seu nome Briquet se deve à homenagem prestada ao médico Raul Briquet, autor de célebre livro sobre obstetrícia. Motivo da homenagem: em se tratando da primeira cesariana do Piauí... os médicos que atenderam sua mãe no parto a realizavam seguindo as instruções do livro de Raul Briquet.

Aos onze anos, com a família, chega ao Rio de Janeiro, onde permanece, estuda Biblioteconomia nos Cursos da Biblioteca Nacional (atual Curso de Biblioteconomia da UNIRIO) e cria seu próprio núcleo familiar ao desposar a grande bibliotecária Maria Lúcia Villar de Lemos, com quem tem três filhos. A Brasília chega em 1968, para lecionar no Curso de Biblioteconomia da UnB.

Primeiramente, cabe falar sobre o professor, o sempre mestre. Há docentes que cumprem muito bem seu papel de transmitir conhecimentos aos alunos – possuem lugar na formação, mas se tornam substituíveis. Existem aqueles mestres que abrem a cabeça dos alunos, seus horizontes, obrigam-nos à reflexão, a enxergar um mundo diferente, a pensar por si e crescer. Briquet

foi e sempre será um mestre, não um mero professor. Fui sua aluna ao final da década de 1970 na Unb, porém continuo sua aluna até hoje, aprendendo em todos os nossos contatos algo diferente e absolutamente inovador. Quantas ideias “briquetianas” me foram inculcadas e se mostraram sobremaneira úteis ao longo de minha vida profissional e acadêmica! Lembro-me bem da exclusão do ridículo plural majestático que “usávamos” nos textos, eficazmente substituído pelo uso do pronome apassivador! Outros exemplos: a classificação da literatura por gênero, a inutilidade da notação B823, entre muitos. Por isso, antes de mais nada, reverenciemos o mestre. Um de seus curricula sumários relata-nos que lecionou também na Colômbia e no México.

Sua dissertação de Mestrado, defendida na Universidade de Loughborough, Inglaterra, foi publicada pela Universidade de Illinois, Estados Unidos da América do Norte.

Ainda na UnB, como dirigente da Editora da Universidade, revelou-se um dos únicos editores universitários que conseguem gerir sem déficits e com best-sellers.

Porém, sua atuação como bibliotecário marcou todos os percursos profissionais: no Ministério da Saúde, à frente do IBICT, na criação e direção/editoração da Revista de Biblioteconomia de Brasília, à frente do Conselho Federal de Biblioteconomia. Ao longo de toda vida profissional, por seu profundo conhecimento dos idiomas português e inglês, traduziu obras importantíssimas à Biblioteconomia.

Na aposentadoria, tornou-se fundador e editor da Briquet de Lemos/Livros e da Livraria de Arte, juntamente com sua esposa Lúcia Lemos. Estaria a realizar assim o sonho antigo, do filho do tipógrafo, do amante do livro belo por si? Ou, nas palavras do próprio Briquet:

Por que uma livraria de arte?

Pelo prazer que os livros de arte proporcionam a quem convive com eles. Pela satisfação de estar atendendo a uma necessidade sentida em

Brasília há muito tempo por todos os que estudam, ensinam, fazem ou apreciam as artes visuais. E, porque, afinal, estar em contato com as artes e os artistas pode ser, como disse Argan, um modo mais lúcido de estar no mundo.

Certamente o mestre notou as lacunas editoriais para a graduação de Biblioteconomia, o que se cumpriu pelo editor: inúmeros títulos, todos eles de importância capital aos cursos de Biblioteconomia, outro legado ímpar em carreira tão profícua.

Porém, Briquet não parou aqui. Nestes dois anos, juntamente com Luiz Augusto Milanesi, após vasta consulta à comunidade, promoveu e criou a ABRAINFO – Associação Brasileira de Profissionais da Informação, uma instituição voltada ao desenvolvimento de nossa área.

Encontraram-se cerca de duas dezenas de publicações do autor e sobre o mesmo, o que seria de se esperar em personalidade tão carismática. De maneira bem subjetiva e personalista, selecionei aquelas que me parecem melhor compreender o pensamento do autor. Outros utilizariam recursos diferentes: questão de ótica, pela qual me considero a única culpada.

Há um aspecto particular que os longos anos de convivência me permitem afirmar e ressaltar sobre o ser humano: sua ética e sua integridade, ímpares; uma inigualável e indiscutível honestidade profissional e pessoal, sobre a qual não me alongo e não aceito discussões.

No caso de Briquet de Lemos, a obra reflete o homem e o homem reflete-se em sua obra, indissociáveis. Vale enfatizar seu não alinhamento explícito a teorias ou filósofos, como demonstram outros autores. Não há certo ou errado, não há carência de estudo, não há crítica a quem o faz. O que escreve é o que pratica, o que pratica é aquilo que se encontra escrito; em síntese, ninguém como ele para aliar teoria e práxis. De grande leitura e cultura, uma linha de pensamento, de preocupações, permeia seus textos, desde os

mais antigos aos mais atuais, identificada pelo mote “observação das realidades em países em desenvolvimento”.

Seu primeiro texto disponível, de 1968, revela a erudição ao autor, quando narra os primórdios do periódico científico e contextualiza seu aparecimento à conta de fatores sócio-político-econômico-culturais, assim como relata sua evolução e projeta alguns aspectos futuros. Não se trata, apenas, de uma pequena história do periódico científico, mas do porquê de seu surgimento e das circunstâncias que o tornaram possível, ou seja, uma característica do autor que vai além do óbvio detectável.

Um trabalho encomendado pela Unesco, em equipe de quatro consultores internacionais (e apenas ele dentre os terceiro-mundistas), traz em seu bojo a preocupação com as características próprias aos países subdesenvolvidos, plenos de carências e dificuldades. Trata-se de relatório técnico e proposta de modelos sobre empréstimo entre bibliotecas. Já em 1978 previa a chegada de novos recursos tecnológicos e alertava sobre as diferenças entre os países para adoção de modelos.

Em conferência proferida também em 1978, relativa a bibliotecas públicas, expõe de maneira límpida seu pensamento sobre as questões do subdesenvolvimento:

A propósito, creio que nós, bibliotecários, temos o direito e o dever de pôr em questão a tipologia de bibliotecas que para cá transplantamos de outros países.

[...]

Em outra oportunidade, examinamos a questão da responsabilidade de tempo livre para utilização da leitura como forma de lazer principalmente entre a população ativa do país [Brasil]. Vimos, então, que são bastante limitadas as possibilidades de a leitura transformar-se numa atividade generalizada para ocupação do tempo livre enquanto persistirem as atuais

condições de trabalho da maioria da população ativa, que são bastante limitativas, pois, de fato, é reduzidíssimo o tempo livre de que se dispõe, uma vez cumpridas as obrigações sociais e econômicas necessárias à sobrevivência dos indivíduos.

[...]

Parece-nos que existe uma concepção, equivocada em nosso entender, e que decorre do suposto universalismo, ainda que nominal, das técnicas bibliotecárias, segundo a qual a biblioteca como instituição pode ser transplantada de um país para outro sem que seja preciso passar por adaptações e modificações. Ora, isso é um contrasenso e uma ingenuidade. Não se pode fazer caso omissivo de que a biblioteca, da mesma forma que outras organizações sociais, é o resultado de pressões e demandas que a forjam dentro de uma sociedade específica constituída de indivíduos que diferem, por sua formação educacional, tradições, necessidades e aspirações, dos de outras sociedades. A biblioteca como instituição e as técnicas que fazer funcionar devem coadunar-se com a realidade social de um determinado país e não com formas ideais, que a sociedade desse país pode vir a rejeitar. Se o resultado desse processo de compatibilização for uma biblioteca, com as correspondentes técnicas, que se aproxime daquilo que se considera o padrão internacional, não teremos porque nos queixar. Mas isso terá ocorrido dentro de um processo natural que se nutre da realidade objetiva e não como um mecanismo artificial imposto de fora para dentro e de cima para baixo.

Resolver a questão bibliotecária não é simplesmente abrir bibliotecas a esmo sem que antes se tenha definido, ao nível político e cultural, a função que essas bibliotecas desempenharão no processo histórico de desenvolvimento, que rompa a situação de dependência, e na luta pela superação da consciência ingênua, fruto dessa mesma dependência.

Os trechos acima retratam os elementos-chave do pensamento briquetiano: países de economia e cultura dependentes, a importação de técnicas e processos sem a indispensável avaliação e ponderação, as questões culturais aliadas às questões sociais e econômicas, as diferenças de classe reproduzidas em nossas bibliotecas.

Um de seus textos emblemáticos, atual mesmo após décadas, apresentou no 1º Congresso Latino-Americano de Biblioteconomia e Documentação, em 1980: A transferência de informação entre o Norte e o Sul. Arrola várias questões fundamentais à disseminação da informação técnico-científica, ou mesmo artística. Em síntese, podem-se elencar os seguintes aspectos:

- a) por si só, a informação não é um “elixir maravilhoso que poderá curar todos nossos males”;
- b) ao invés de servir como instrumento passível de “acionar as mudanças sociais, econômicas e políticas”, tem perpetuado “os mecanismos de dependência e desagregação social e cultural dos países subdesenvolvidos”;
- c) mesmo os produtos tecnológicos ou científicos gerados pelos países subdesenvolvidos, com financiamento público governamental destes países (por exemplo: CAPES, CNPq, fundações de amparo à pesquisa, entre outras instituições), à conta de nossa dependência cultural, primeiramente divulgam-se

no exterior, em periódicos ou congressos internacionalmente reconhecidos e depois conseguem chegar aos países de origem, quando chegam;

- d) os países ditos centrais sediam os grandes bancos de dados internacionais (e também os satélites), controlando o fluxo de informações, sob diversos pontos de vista: desde o atendimento a questões geopolíticas, até o controle do que pode ou não ser disseminado a um país periférico. Cabe aqui uma observação: mesmo que hoje se considere, com a internet, que o fluxo é livre, trata-se de falácia dos vendedores de informações (os sítios de busca, por exemplo): nunca a informação foi tão controlada – os que fogem das regras pré-impostas tornam-se fugitivos de fato, caçados como terroristas ou criminosos, sujeitos às maiores penas nos países centrais;
- e) nem sempre as pesquisas realizadas nos países subdesenvolvidos voltam-se aos interesses da qualidade de vida da maioria de seus cidadãos (há exceções, evidentemente), porque importante é aquilo que se estuda e pesquisa nos países desenvolvidos: uma característica da dependência cultural;
- f) por fim, sendo a informação considerada um “bem”, ou um “produto” (commodity), logicamente precisa ser vendida, por mais que discursos oriundos de diferentes instituições, de maneira utópica e retórica, preconizem sua livre disseminação.

Citam-se abaixo trechos do próprio autor, que melhor descrevem suas posições quanto ao tema:

É nesse quadro de predominância numérica do subdesenvolvimento, compartilhado, em diferentes graus, por uma centena de países, e de

controle efetivo das trocas internacionais e da produção de conhecimentos científicos e tecnológicos por parte de uma minoria inferior a 40 países, que se deve examinar a questão da transferência da informação. Uma das características da organização científica da maioria dos países industrializados e pós-industriais é que a informação científica é tratada como uma mercadoria sujeita às leis do mercado, sendo considerada à semelhança de qualquer produto industrial. Borko, de certa maneira, tinha razão, ao dizer que a informação contribui para aumentar o produto interno bruto de um país. Porém, até agora, ela só tem aumentado o PIB dos países desenvolvidos.

[...]

Outra questão interessante é que as informações transferidas dos países desenvolvidos sob a forma de documentos não podem ter aqui, devido ao nosso próprio nível de desenvolvimento, o mesmo valor de uso que têm nas sociedades de origem.

[...]

Mas, pode-se perguntar por que as informações disponíveis não são utilizadas. Estaria a resposta, como muitos pretendem, simplesmente na falta da chamada educação dos usuários potenciais? Ou estaria no fato de que os contextos em que as informações são produzidas diferem dos contextos encontrados no Terceiro Mundo? Ou estaria a resposta implícita no próprio modelo de desenvolvimento que despreza o saber local, ou que dele prescinde pela importação de pacotes tecnológicos? Ou seria a soma de tudo isso e algo mais?

[...]

Os profissionais da informação dos países em desenvolvimento devem assumir um papel crítico em face da questão da transferência da informação. Não se trata, em absoluto, de fechar as fronteiras a essa transferência. Trata-se de adotar critérios de seletividade na determinação daquelas informações que venham a ter vigência social em nosso contexto, que, ao lado de assegurar o progresso da ciência e da transmissão de conhecimentos, realmente contribuam para a solução de nossos problemas. Trata-se de ser seletivo na importação da informação, de montar esquemas efetivos de utilização compartilhada da informação, de criar sistemas eficazes e participantes de disseminação e difusão de informações.

[...]

Os profissionais da informação devem participar no esforço global das sociedades subdesenvolvidas em prol da adoção de modelos de desenvolvimento que não destruam sua individualidade como nações, que não abastardem sua identidade cultural, que não aprofundem ainda mais os desníveis sociais, que não contribuam para tornar este mundo inóspito para nossos descendentes.

Em 2006, volta ao tema, abordando outros aspectos, em outra conferência iv, desta vez em Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, na mesma Salvador de 1980. Considerava poucas as mudanças necessárias ao texto primevo – com o que se concorda integralmente.

Assim, procurarei concentrar-me em alguns pressupostos, fatores ou elementos básicos no processo de produção e distribuição da informação. O primeiro ponto a considerar é que a informação é produzida por seres humanos, como resultado de um trabalho voltado para a busca de conhecimentos. Esse trabalho pressupõe: 1) as pessoas passaram por um longo processo de formação intelectual, durante o qual nelas foram investidos recursos públicos e privados; 2) na etapa da formação profissional, principalmente na preparação de quadros proficientes em pesquisa, os investimentos são feitos de modo dominante pelo Estado, mediante recursos captados pelo pagamento de impostos por parte da sociedade como um todo. [...] O Estado também mantém mecanismos diversos de fomento à pesquisa e desenvolvimento, que alocam recursos a fundo perdido para pesquisadores de diferentes áreas. O primeiro resultado visível do trabalho de pesquisa é a redação de um texto, normalmente um artigo científico.

Há vários outros pontos a considerar neste texto, porém em essência foca a mudança dos textos impressos para os textos eletrônicos, embora os provedores de “informação” continuem ganhando, mesmo com pesquisas financiadas pelos governos. Em trecho especialmente significativo, o autor afirma: “Não vou me estender sobre minúcias e exemplos do livre acesso. Nem mesmo para chamar a atenção de que não se trate de acesso “gratuito”. Afinal, nada existe de gratuito no mundo”. Basilar demonstra-se sua diferenciação entre o que é pesquisa de fato, a buscar avanços e melhorias na sociedade, e a questão acadêmica da produção (a meu ver particular, fordiana) dita técnico-científica. Transcreve-se abaixo:

Deixarei, no entanto, um comentário, que, mesmo que haja sido lembrado, precisa ser repisado, enfatizado, sublinhado, salientado e repetido à exaustão. E esse comentário refere-se à estratégia a ser adotada para que o movimento de livre acesso tenha condições de se impor como o modelo canônico de comunicação dos resultados de pesquisas. Essa estratégia deverá incluir a luta para que se modifiquem os atuais critérios de avaliação da competência científica. Na realidade, esses critérios avaliam muito mais a produção e publicação de textos do que a competência ou proficiência de alguém em seu respectivo campo de atuação. Como foi lembrado por alguns autores, são muito mais “indicadores de desempenho”, que pouco avaliam em matéria de qualidade.

Outro trecho, em conclusão à conferência, revela tanto suas preocupações como suas esperanças:

Em nossos países também têm ganho impulso o movimento pela criação de repositórios institucionais, arquivos abertos e bibliotecas eletrônicas agregadoras de conteúdos de periódicos eletrônicos. Isso é auspicioso e deve ser estimulado de todas as formas. No entanto, no caso do Brasil, convém lembrar que nossa produção científica talvez não corresponda a 3% da produção científica mundial. E é preciso irmos buscar os mais de 90% que faltam para completar o pleno acesso à produção científica internacional. Esses 90% encontram-se disponíveis, em sua maioria, em provedores que não são de livre acesso, principalmente por parte das grandes empresas fornecedoras de periódicos eletrônicos.

Temos a impressão de que estamos a reboque dos interesses dessas empresas, quando examinamos a maneira como é feita a comercialização de seus serviços. Comportamo-nos como compradores acríticos, sem conhecer todas as informações relevantes ao processo de negociação e sem deter a capacidade de negociar de modo a defender nossos interesses de consumidor. Temos que pensar em soluções alternativas, que incluam até mesmo a montagem e operação de serviços de informação de valor agregado em que ponhamos à disposição de nossos usuários, de forma menos rapace, aqueles títulos de periódicos eletrônicos internacionais que sejam de maior demanda local. Há 26 anos pensávamos que haveria mudanças, e que elas trariam a concretização de nossas melhores esperanças. Talvez a realidade não tenha sido aquela com que sonhávamos. Isso, porém, não nos impede de continuar sonhando. Não nos impede de continuarmos engajados nessa aventura por um mundo onde todos possam ter livre acesso aos conhecimentos científicos.

De todos os trabalhos lidos, aquele que atinge particularmente o leitor, que muda cabeças e ideias, ou que melhor caracteriza a personalidade e o pensamento briquetianos repousa na publicação elaborada pela Universidade de Illinois (1981), como já dito anteriormente, baseada em sua dissertação de Mestrado: *A portrait of librarianship in developing societies* [Um retrato da Biblioteconomia em sociedades em desenvolvimento]. O autor inicia por uma belíssima compreensão e definição do que seja “país subdesenvolvido” – apenas este capítulo já valeria por todo o livro. Cabe ressaltar que o original encontra-se em inglês e as traduções são de autoria particular desta discípula; por outro lado,

buscou-se resumir trechos diversos, muitas vezes sem citações literais do autor.

Antes de transcrever a caracterização que o autor faz para subdesenvolvimento, cabe esta citação: “O etnocentrismo da opinião pública em países avançados obscurece o fato de que a herança cultural de alguns países em desenvolvimento está longe de ser negligenciável” (p. 9). Quanto ao processo de subdesenvolvimento, considera como características mais importantes (p. 8):

Subdesenvolvimento não é um acidente, mas um fato historicamente explicável.

1. O subdesenvolvimento pode ser apenas totalmente compreendido como processo histórico quando ambas as categorias de desenvolvimento e subdesenvolvimento ajustem-se como formas parasitárias de organização econômica, no quadro de um modo capitalista de produção.
2. Economias em desenvolvimento são basicamente de um tipo dualístico, onde formas arcaicas coexistem com formas modernas de organização econômica.
3. A dependência das economias em relação aos países desenvolvidos é uma limitação para o completo desenvolvimento dos recursos naturais de países subdesenvolvidos, que almejam melhoria geral das condições de vida. A dependência permeia a vida nacional dos países em desenvolvimento a tal ponto que a mera preservação da identidade nacional e dos valores culturais pode vincular-se a uma cultura exógena. (Isto pode ser mais intenso em países recém-independentes do que em países em desenvolvimento mais antigos, porque nos primeiros os elos vinculantes às ex-metrópoles colonialistas são ainda relativamente poderosos.)
4. Dentro de um país em desenvolvimento, os sintomas de dependência de uma região sobre outra podem ser encontrados quando uma área mais

desenvolvida drena os recursos e a mão-de-obra de uma área menos industrializada em benefício próprio. (outro nível de associação parasítica).

As soluções muitas vezes experimentadas, dentro da estrutura do modo capitalista de produção, não preencheram as expectativas de que as experiências dos países desenvolvidos poderiam ser duplicadas nos países em desenvolvimento. De fato, um crescimento (que se diferencia de desenvolvimento) econômico teve lugar em quase todos os países em desenvolvimento, às vezes a ritmos desconcertantes. Tal crescimento não foi claramente acompanhado pela ruptura das relações de dependência nas relações internacionais e por uma reforma profunda daquelas estruturas internas arcaicas, que também retardam um processo independente de desenvolvimento.

O autor explicita, ainda, os países subdesenvolvidos, que à época abrigavam 3,25 bilhões de habitantes, em relação aos 1,2 bilhões de habitantes das áreas ditas desenvolvidas, ou seja, a grande maioria do mundo. Tais países subdesenvolvidos possuíam – e possuem – características históricas, sociais, econômicas e culturais que “só podem ser compreendidas se analisadas sem viés cultural nem preconceitos históricos” (p. 6).

Estabelecidas as principais características do subdesenvolvimento, Briquet de Lemos passa a identificar os problemas resultantes no campo das bibliotecas e da Biblioteconomia. Primeiramente, cabe citar: “Civilização e desenvolvimento como entendidos em uma sociedade tecnológica estão intimamente ligados às capacidades de leitura e escrita” (p. 10). No entanto, sabe-se já o letramento por si só não é um “tipo de panacéia” e que a relação entre “letramento e o desenvolvimento de bibliotecas não é assim tão simplista” (p. 10).

Dividiu o capítulo nas seguintes seções: a) publicação de livros e leitura; b) o sistema educacional e o uso de livros; c) a não seleção e a quase-aquisição de materiais; d) o tormento da catalogação e da classificação; e) livros para uso versus livros para a posteridade; f) cooperação: um apelo à discórdia; g) os ricos e os despossuídos.

Em cada seção, levanta problemas de toda ordem encontrados nos países subdesenvolvidos: a questão do analfabetismo; a publicação em línguas quase inacessíveis em escala mundial (como o português); a carência na distribuição dos materiais publicados; a carência de autores nacionais; o autoritarismo educacional, onde o livro se torna secundário face ao professor dono da verdade; a repetição infinita da catalogação e da classificação, por falta de cooperação e, ao mesmo tempo, uma quantidade infinita de materiais à espera de catalogação e classificação; a quase inexistência do descarte, aliada à preservação que vigora sobre o uso dos materiais; o uso limitado de recursos, em geral voltados às bibliotecas especializadas, em contraste com a absoluta pobreza das bibliotecas públicas e escolares. Em consequência, diante de todas as dificuldades enfrentadas pelas bibliotecas, cito de modo literal: “Claramente os ‘serviços’ bibliotecários almejam proteger o livro do usuário e não para o usuário” (p. 27). A citação, infelizmente, permanece hodierna.

Outra característica levantada e facilmente perceptível é a dependência cultural que os países periféricos têm em relação aos países considerados desenvolvidos. Textualmente:

Sob o verniz superficial da independência política, o país permanece ligado aos interesses estrangeiros e transnacionais, que têm uma influência profunda e vasta sobre as sociedades em desenvolvimento” (p. 37).

Quanto às conclusões do livro, deixa-se a palavra a Briquet de Lemos.

Estes relatos e opiniões [de consultores estrangeiros] estão na maioria dos casos ao nível de descrições impressionistas. As comparações raramente envolvem metodologia e freqüentemente tem implícito um julgamento de valor. Os modelos refletem as sociedades industrializadas. A maioria dos relatos sugere “choque cultural” e preconceitos individuais sobre o mundo. As generalizações são características e alguns autores extrapolam sua experiência pessoal limitada a um país, ou um grupo de países, a todo o Terceiro Mundo. O resultado é ilusório, na medida em que existem variações entre esses países. As premissas podem ser verdadeiras, mas a conclusão é falsa. É comum descobrir-se que as conclusões podem ser verdadeiras, porém as premissas são falsas, ou dadas como certas. Mostra-se um conjunto de conclusões ao leitor, que deve nele acreditar pelo mero prestígio da palavra impressa ou da preeminência do autor. (p. 38)

[...]

Nas bibliotecas, deve-se considerar uma complicação adicional. Especialistas estrangeiros não estão sempre apenas a descrever ou interpretar uma dada realidade. Podem estar tentando mudar esta realidade por meio de recomendações e sugestões que freqüentemente são imitações submissas aos modelos que eles conhecem; e se o modelo falha, culpa-se o contexto. Bibliotecários de um país em desenvolvimento devem estudar as distorções e obstáculos aos desenvolvimento bibliotecário causados pela importação de modelos estrangeiros e técnicas recomendadas pelos especialistas visitan-

tes. E, de fato, vários consultores estrangeiros e bibliotecários expatriados, com experiência e familiaridade com novas técnicas e métodos de pesquisa, ajudaram a estabelecer serviços bibliotecários sob imensas dificuldades. A opinião de um especialista estrangeiro muitas vezes tem um impacto político maior do que a de um bibliotecário local.

[...]

Não há uma coincidência homogênea de opiniões na literatura sobre países em desenvolvimento, especialmente em trabalhos recentes que mostram uma certa preocupação com o estudo de causas e um tipo de autocrítica do papel representado por especialistas estrangeiros. Não é incomum ler trabalhos que questionam o denominado “imperialismo cultural” na Biblioteconomia, [assim como] o crescente reconhecimento de que alguns bibliotecários de países em desenvolvimento contribuíram positivamente para o desenvolvimento bibliotecário em seus países e para o conhecimento universal comum da Biblioteconomia. (p. 39)

[...]

Não importa o quanto tais questões sejam vistas pelo observador exógeno, permanece dever exclusivo da comunidade de usuários dos países em desenvolvimento determinar os serviços dos quais necessitam. Somente bibliotecários do mundo em desenvolvimento podem fazer o melhor uso de suas habilidades e conhecimentos para chegar a um acordo com as necessidades dos usuários, dentro das limitações,

restrições e potencialidades de suas respectivas sociedades. (p. 40)

Em síntese, cabe a nós todos, bibliotecários dos países subdesenvolvidos, ou “países emergentes” como gostam de nos chamar agora, estudar e detectar nossas carências e nossas soluções, sempre visando ao bem comum. Uma biblioteca, assim como a leitura, não muda o mundo, mas pode ajudar bastante.

Seu último texto disponível, de maio de 2014, relata um brevíssimo porém inovador histórico da Biblioteconomia no Brasil, das dicotomias (ou como diz o próprio: “bipolaridade”) entre Biblioteconomia e Documentação, agora questão de Informação, ou das múltiplas questões da Informação, e para concluir, como não podia deixar de fazê-lo o Mestre, o Editor e o Livreiro, sobre o ensino da Biblioteconomia, ou das Biblioteconomias, como talvez devêssemos pensar.

Antônio Agenor Briquet de Lemos: um Mestre, um Humanista, um Sertanejo, um Forte.

REFERÊNCIAS

LEMOS, Antônio Agenor Briquet de. **Por que uma livraria de arte?** [2009?]. Disponível em: <<http://www.briquetdelemos.com.br/sobre-nos>>

LEMOS, Antônio Agenor Briquet de. **Presente e futuro do periódico científico.** 1968. Disponível em: <<http://www.briquetdelemos.com.br>>. Originalmente publicado: Correio Braziliense, Caderno Cultural, 13 jul. 1968, p. 3.

LINE, Maurice B; LEMOS, Antônio A. Briquet de; VICKERS, Stephen C. J.; SMITH, E. Sidney. **National interlending systems.** Preliminary version. Paris: Unesco, 1978.

LEMOS, Antônio Agenor Briquet de. **A biblioteca pública em face da demanda social brasileira.** 1978. Disponível em: <<http://>>

morenobarros.com/2013/01/a-biblioteca-publica-em-face-da-demanda-social-brasileira-briquet-lemos/>

LEMOS, Antônio Agenor Briquet de. A transferência de informação entre o Norte e o Sul: utopia ou realidade? In: **Congresso Latino-Americano de Biblioteconomia e Documentação**, 1., 1980, Salvador. [Anais]. Disponível em: <<http://www.briquetdelemos.com.br/artigo08>>

LEMOS, Antônio Agenor Briquet de. O livre acesso à informação: uma nova utopia? In: **SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS**, 14., 2006, Salvador. [Anais]. Disponível em: <<http://www.briquetdelemos.com.br/artigo09>>

LEMOS, Antônio Agenor Briquet de. **A portrait of librarianship in developing societies**. Urbana-Champaign: University of Illinois, Graduate School of Library and Information Science, 1981. (Occasional papers ; no. 148).

LEMOS, Antônio Agenor Briquet de. **Em busca dos temas perdidos**. 2014. Conferência proferida no fórum Formação do Profissional da Informação, São Paulo, USP/ECA, 26 de maio de 2014. Texto cedido pelo autor.

UM OLHAR SOBRE O PERCURSO ACADÊMICO DA PROF^a HAGAR ESPANHA GOMES

Maria Luiza de Almeida Campos

Ludmila dos S. Guimarães

APRESENTAÇÃO

Traçar uma linha discursiva sobre a produção intelectual de um pesquisador como a Prof^a Hagar Espanha Gomes é uma tarefa que requer uma certa acuidade do olhar. Acuidade esta que se pretende atenta para detalhes que ultrapassam valores meramente acadêmicos. Neste sentido é que desejamos conduzir nossa linha discursiva, atenta aos detalhes que conduzem um pesquisador a manter a criatividade, ou ainda, a curiosidade sempre aberta ao novo, mas indiscutivelmente assentadas em um conhecimento sólido e reflexivo sobre o seu fazer.

Podemos afirmar que a Prof^a Hagar inaugura no campo da Ciência da Informação no Brasil, fundamentalmente nas atividades relacionadas à Organização e Representação da Informação e do Conhecimento, uma forma de trabalhar a modelagem de domínio que privilegia uma abordagem onomasiológica. Mas para além desta importante contribuição, que fez Escola e que pode ser identificada através da literatura, em seus escritos e de seus estudiosos, a Prof^a Hagar é uma pesquisadora que teve um importante protagonismo no que hoje denominamos como área de conhecimento dos estudos científicos de informação no Brasil.

Assim, coube-nos a tarefa de revisitar a vasta obra acadêmica da Prof^a Hagar Espanha Gomes, um dos grandes

elos entre a Biblioteconomia e a Ciência da Informação, e um pouco de suas atividades enquanto técnica no Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) e, também, pesquisadora, professora e em alguns momentos executiva no conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e o Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia (IBICT). Além disso, é preciso considerar a extrema dificuldade de avaliar junto com o autor a sua obra, classificá-la quando ainda se encontra aberta, bem como sintetizá-la em um capítulo de livro. Enfim, estamos certas de que trataremos de uma perspectiva da obra da autora, àquela que mais nos afeta, e que, portanto, consideramos mais representativa do conjunto, sem contudo desconsiderar a importância das demais facetas que podem instigar outras leituras e pesquisas no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

A escolha da abordagem e a organização de nosso texto seguiram o consenso de que a participação da entrevistada no processo era fundamental. A Prof^a Hagar foi convidada e envolvida nas definições e desenho das etapas do trabalho¹.

Para o desenvolvimento do trabalho realizamos dois encontros na cidade de Niterói – Rio de Janeiro, onde discutimos e selecionamos a abordagem a seguir, bem como estabelecemos um roteiro e metodologia para a entrevista. Acrescenta-se a isto o compromisso de todas as participantes em todas as etapas do trabalho, seja como observadora, leitora, entrevistadora, entrevistada, pesquisadora, escrevente etc. A entrevista com a Prof^a Hagar foi realizada em 17 de abril de 2014 com a participação das quatro professoras e teve duração de aproximadamente quatro horas. Dessa forma, o trabalho é fruto do olhar de quatro gerações distintas. Esperamos que essa diversidade contribua para uma cartografia preliminar das origens da Ciência da Informação enquanto um movimento, e registro da contribuição metodológica

1 Também participou como interlocutora em nossas reuniões, onde entrevistamos a Prof^a Hagar, a Prof^a Vera Regina Costa Abreu, licenciada em Letras.

e acadêmica da Prof^a Hagar Espanha Gomes para seu estatuto científico.

O capítulo que vamos apresentar se dividirá assim em dois momentos que consideramos fundamentais da contribuição da Prof^a Hagar, ou seja, o primeiro onde relatamos a sua participação como protagonista do surgimento do que hoje denominamos como campo da Ciência da Informação no Brasil e o segundo relacionado aos estudos terminológicos no campo de especialidade do tratamento e recuperação de informações, no que tange a elaboração de instrumentos semânticos de base classificatória.

EM BUSCA DE UM MARCO DA CI NO BRASIL: A MUDANÇA DE PARADIGMA – 1968/69

As décadas de 1950 e 1960 foram marcantes e férteis tanto para o desenvolvimento da Ciência no mundo quanto para o nascimento da Ciência da Informação, bastando recuperar as discussões conceituais sobre documentação, informática e informação. Em 1952 nasce o Classification Research Group², cuja contribuição foi fundamental para a pesquisa e teoria da classificação no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação. No âmbito mundial, em 1962, Thomas Kuhn lança a obra *Estrutura das Revoluções Científicas* e no mesmo ano ocorre uma discussão no Geórgia Institute of Technology onde se afirma o conceito de Ciência da Informação em detrimento de Documentação. A despeito de todas as mudanças e da efervescência nas diversas ciências naquele tempo, destacamos o desenvolvimento de um novo campo que afetará não somente as relações e o desenvolvimento do campo científico, mas também as dinâmicas de toda a sociedade – a tecnologia: a informática, a

2 Seus principais membros fundadores foram Derek Austin, Eric Coates, Jason Farradane, Robert Fairthorne, Douglas Foskett, Barbara Kyle, Derek Langridge, Jack Mills, Bernard Palmer, Jack Weels e Brian Campbell Vickery. O grupo funcionou até 1968.

cibernética. Podemos destacar, por exemplo, no final da década de 1960, as contribuições de Norbert Wiener³ no campo da cibernetica, que tentará compreender tanto a comunicação e o controle de máquinas, seres vivos e grupos sociais quanto estudará o tratamento da informação no interior dos processos de codificação e decodificação, retroação e retroalimentação (feedback), aprendizagem. Do ponto de vista social, as novas dinâmicas e os movimentos provocados pelo desenvolvimento da tecnologia promoverão um tipo de pensamento que terá como foco a análise da sociedade, seus usos e necessidades a partir de uma perspectiva mais integrada, sistêmica, onde as funções, os processos, mas, também, as atitudes, os valores e comportamentos terão seus significados culturais alterados pelas concepções funcionais que a tecnologia irá impor. O surgimento de uma gama de objetos tecnológicos mudará tanto a forma de fazer ciência quanto o pensamento acerca da ciência. E essa mudança provocará também o surgimento de novas áreas na Ciência, dentre elas a Ciência da Informação. Basta lembrar que a ideia de serviços de informação ou serviços de recuperação da informação tem sua formulação principal, a partir deste momento, na informática, tal como podemos remeter à preocupação de Jesse Shera na década de 1950, que liderava o desenvolvimento de tecnologias de recuperação de informação.

Portanto, o que podemos apreender a partir do advento da tecnologia são dinâmicas e movimentos das ciências em direção a um pensamento mais alinhado às preocupações com a “realidade”; que valoriza mais as coisas, práticas, utilidade, precisão, organicidade, sistematicidade, seriedade, relatividade e a factualidade, em oposição ao paradigma anterior, onde se valorizava o saber e as ações humanas no desenvolvimento dos valores morais.

3 Segundo Wiener (1968), do ponto de vista da transmissão da informação, a distinção entre máquinas e seres vivos, humanos ou não, é mera questão de semântica.

De fato, a Ciência da Informação no Brasil parece surgir do exercício de um conjunto de atividades de tratamento automático da informação por parte dos profissionais do IBBD, e não propriamente a partir de uma escola de pensamento. Ao ser perguntada sobre o estabelecimento de um marco para a CI no Brasil, a Prof^ª Hagar Espanha o caracteriza como um movimento, e aponta como seu precursor o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), sob a liderança inicial de Lydia de Queiroz Sambaquy⁴ e mais tarde de Célia Ribeiro Zaher⁵, respectivamente empreendedoras e visionárias, cujas gestões foram decisivas para o papel e atuação relevantes do Instituto, bem como para promover a mudança de paradigma e/ou passagem do documento à informação, fornecendo as futuras bases para o desenvolvimento dos serviços de recuperação de informação e o surgimento da CI. Nas suas palavras, “no IBBD nunca falamos em bibliotecas”. Objetivamente, ela se refere às Bibliografias Brasileiras que eram a compilação de informações de

4 Diretora da Biblioteca do DASP na década de 1940. Bibliotecária que idealizou o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) e o presidiu entre 1954 e 1965. Foi Vice-presidente da Federação Internacional de Documentação (FID) entre 1959 e 1962 (ODDONE, 2006).

5 Professora titular de documentação da Universidade Federal Fluminense, de 1964 a 1991.

Em 1960, ocupou o cargo de docente em documentação no Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação e, de 1968 a 1972, desempenhou as funções de diretora de pesquisa no Conselho Nacional de Pesquisas, presidente do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação e presidente da Comissão Latino-Americana da Federação Internacional de Documentação.

Em 1972 vinculou-se à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em Paris, como diretora da Divisão para o Desenvolvimento da Documentação de Bibliotecas e Arquivos. A partir de 1976 desenvolveu relevante carreira internacional.

Na década de 1990, ocupou o cargo de diretora do Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme), em São Paulo, Brasil. Recentemente exerceu o cargo de Chefe do Departamento de Ensino e Pesquisa do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). (SOUZA, 1995)

pesquisa por área específica de conhecimento. O grande legado das bibliografias para o aprendizado da Ciência da Informação seria o conhecimento e domínio do ciclo completo de produção de bibliografia, bem como o descolamento da organização física do documento para o tratamento e recuperação de seu conteúdo.

De forma complementar cabe destacar que no panorama mundial as forças das novas tecnologias se faziam também presentes na comunicação da pesquisa. Em novembro de 1968, o IBBD promovia o Seminário *INFORMÁTICA*.⁶ Cabe destacar ainda três aspectos importantes desse evento, nas palavras de sua principal organizadora, Célia Zaher (1969), no prefácio de *Informática*⁷: 1) a finalidade de esclarecer os bibliotecários, documentalistas e usuários da informação sobre a aplicação da informática; 2) a distribuição da primeira bibliografia elaborada por meio de computador eletrônico na América Latina – a *Bibliografia Brasileira de Física (1961-1967)*, e preparada pelo IBBD; e 3) o primeiro seminário a se dedicar ao assunto, congregando professores, estudiosos, conferencistas teóricos, representantes de instituições técnicas e científicas, e demais interessados nos problemas de coleta, análise, registro e divulgação da informação.

A bibliografia brasileira de Física representou o primeiro serviço de informação gerado por computador e também o primeiro produto de comunicação da pesquisa brasileira, ainda que não fosse além de uma mera compilação de informação ou de iniciativa rudimentar de tratamento eletrônico da informação. Do ponto de vista institucional era uma iniciativa da comunidade de técnicos do IBBD, que enfrentava o desafio de se colocar na vanguarda dos acontecimentos. Ao ser perguntada sobre quais

6 Esse evento histórico ocorrido no Rio de Janeiro de 19 a 21 de novembro de 1968 pode ser considerado a origem da bibliografia brasileira.

7 Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação. *INFORMÁTICA: trabalhos apresentados ao Seminário sobre Informática*. Rio de Janeiro: IBBD, 1969. Prefácio de Célia Ribeiro Zaher.

eram as grandes influências teóricas, nacionais e estrangeiras da comunicação de pesquisa e quais seriam os problemas e desafios da pesquisa nacional e estrangeira naquele contexto, ou ainda, o que é que a comunicação científica fazia às pessoas, à sociedade, e o que as pessoas faziam com a comunicação científica, a Prof^a Hagar disse que os desconhecia, pois não havia sequer uma política científica brasileira ou diretriz nessa direção. E que à época o órgão que cuidava da pesquisa no país era o CNPq e os grandes articuladores das inovações no país eram os físicos; os físicos demandavam equipamentos, serviços ... [a Física era interessante!] Para a Prof^a Hagar o CNPq nunca privilegiou a Ciência da Informação no país, sendo mérito de Célia Ribeiro Zaher ter conseguido que a área fosse contemplada no âmbito da pesquisa científica e passasse a receber recursos de pesquisa. Relembrou ainda que, quando de sua mudança do Rio de Janeiro para Brasília, o CNPq simplesmente ‘despachou’ sua coleção para o IBBD, retomando vários anos depois.

AS BIBLIOGRAFIAS BRASILEIRAS E O DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL: OS PRIMEIROS PASSOS

Neste sentido podemos compreender que a ‘geração’ das bibliografias não tinha uma finalidade científica nacional, no sentido de uma demanda ou necessidade da comunidade científica brasileira, e como apontado depois pela Prof^a Hagar tratava-se de uma estratégia e condição da UNESCO à época (década de 1970) para que os países em desenvolvimento recebessem recursos e colaborassem para a sua edição.

O fato é que as bibliografias se estenderam para além da Física, indo para os campos de Medicina, Odontologia, Química, Agricultura etc e perduraram por um bom tempo, com destaque para a Bibliografia na área de Odontologia. Ela destacou ainda

que as iniciativas de bibliografias que tiveram maior consistência e duração no tempo foram aquelas que nasceram compatíveis com a vocação e natureza do órgão a que se subordinavam, pois foram incorporadas ao seu fazer cotidiano como um recurso de trabalho.

Do ponto de vista instrumental-metodológico, então, não se pode detectar um fluxo informativo da comunicação e da pesquisa no contexto das bibliografias, que eram produzidas segundo uma operação centralizada no IBBD e não em função de um modelo de comunicação da pesquisa. O IBBD caracterizava-se mais pela realização de um conjunto de atividades e movimentos que respondiam à expectativa de serviços com uso de tecnologia, tal como uma escola de atividades, do que por adotar ou seguir uma política documental ou informacional.

A tríade Tecnologia, Ciência da Informação e Comunicação da Pesquisa designariam a vertente originária da modernização da Biblioteconomia e Documentação, mas delas se afastaria estabelecendo fronteiras e interseções com outros campos da ciência. A embrionária Ciência da Informação guardaria distância da emergente Informática, já que esta ameaçava subsumir a essência do seu fazer nos novos aparatos tecnológicos, e a Ciência da Informação investiria na construção de novas abordagens teóricas e metodológicas, sobretudo no campo da organização, tratamento e recuperação de conteúdo. Destacamos aqui a relevância do desenvolvimento do método ou abordagem onomasiológica para a CI e que se estabeleceu a partir de contribuições de Ranganathan (1967), Wüster (1981) e Dahlberg (1978 a, 1978b), dentre os principais e sobre o qual discorreremos a seguir.

Um passo inicial para o desenvolvimento futuro da CI foi a promoção dos cursos de especialização promovidos pelo IBBD a partir de 1962, os quais tiveram uma longa duração, e mais tarde a criação do curso de mestrado em Ciência da Informação em 1970 pelo IBICT. Uma característica distintiva do curso de mestrado foi contar inicialmente com professores

convidados de Universidades estrangeiras para ministrá-lo, uma vez que o Brasil não contava com massa crítica para tal. Após a conclusão dos cursos retornavam para seu país levando seus orientandos para os cursos de doutorado. Esses professores foram posteriormente orientadores de uma das primeiras gerações de doutores em Ciência da Informação no país. Alguns desses doutores ainda permanecem nas Universidades formando novas gerações de professores e pesquisadores.

Seguindo na tentativa de elaborar uma cartografia preliminar da Ciência da Informação no Brasil, bem como de estabelecer um marco cronológico de sua origem, podemos pensá-la como um movimento gerado a partir do conjunto de atividades realizadas pelo IBBD em 1968/ 1969. Suas dinâmicas se alinhavam às tendências ou perspectivas da ciência internacional, decorrentes dos efeitos da tecnologia na ciência (informática e cibernética) e, mais especificamente, do seu impacto na comunicação da pesquisa como, por exemplo, bem atesta a história das bibliografias brasileiras.

UM NOVO OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS INFORMACIONAIS: A ABORDAGEM ONOMASIOLOGICA

Se for possível fazer uma síntese sobre a experiência acadêmica e profissional da Prof^a Hagar, pode-se afirmar que o entendimento da amplitude do conceito “Classificação” possibilitou uma forma de olhar o campo da Organização da Informação e do Conhecimento de maneira especial. Esta forma especial de apreender esta dimensão conceitual considera que a linguagem é um instrumento de construção de uma dada realidade e que é na língua em uso e referendada por um grupo de especialidade que se instaura, sustenta e altera os processos sociais. Esta forma de abordagem é denominada de onomasiológica e encontra alguns de seus elementos na

“Lexicologia Construcionista” (LIMA, W, 2007). Assim a Prof^a Hagar propõe uma forma metodológica que vai ao encontro do conceito, para permitir uma base segura a fim de nomear o assunto do documento.

Essa concepção baseia-se no postulado da funcionalidade construtivista da linguagem. De acordo com este postulado, a linguagem desempenha, ao lado das outras funções (comunicativa, interacional, etc), a tarefa fundamental de “construir” o referente do discurso. Estas construções refletem uma concepção consensual da realidade sobre um objeto social, que caracteriza a “abordagem onomasiológica”. Desta forma, tais estruturas de expressões refletem a forma como o referente é conceitualmente construído, vale dizer pela seleção, realce e iluminação de alguns aspectos do ser e, por conseguinte, atenuação, ou mesmo ocultamento de outros aspectos. Em outras palavras, ao iluminar uma faceta do ser, a abordagem onomasiológica produz uma “versão” do referente que constitui o modo como determinado grupo de falantes interagem socialmente com ele. E isto está na base das atividades informacionais que pretendem atender a necessidade dos usuários de informação (DAHLBERG, I. 1978b; RIGGS, F. W. 1979, 1989 a e b, 1996).

O “olhar” da Prof^a Hagar parte assim de dentro das atividades informacionais, com uma preocupação com a organização, representação e recuperação da informação, onde é fundamental a precisão “consciente e explícita” do discurso que se quer comunicar, visando atender aos processos informatizados. Na verdade, o que deve ser dito é que toda a escolha de princípios e metodologias adotadas é voltada para a obtenção de uma boa representação e recuperação de informação em meio automatizado.

Mas também como foi uma das primeiras pesquisadoras aqui no Brasil a introduzir Ranganathan através de sua Teoria da Classificação (RANGANATHAN, S. R., 1967) e fiel a seus princípios nos diria, após todo este discurso teórico: “Isto atendeu aos meus propósitos!!!”.

Ela nos apresentou Ranganathan através de seu princípio de Categorização. A Categorização permite identificar os conjuntos de maior abrangência dentro da temática escolhida. Na verdade, aplicar a categorização é analisar uma área a partir de recortes conceituais que permitem identificar os conceitos que fazem parte deste domínio.

Nesta etapa, a categorização auxilia no processo de pensar o domínio, não gerando qualquer registro e serve para orientar os profissionais no levantamento dos termos. Ela consiste em identificar as possíveis classes gerais (categorias) de conceitos que uma área de conhecimento comporta. O exercício de categorização torna claro o domínio temático de uma área de assunto/atividade e, como consequência, estabelece as bases para seleção dos termos, nas fontes de onde eles serão retirados.

Conta-nos a Prof^ª Hagar que o momento instaurador, apesar de ter sido a Classificação e todo o trabalho com a Bibliografia Brasileira no IBBD, onde pode perceber a nítida separação entre a organização do documento e a organização da informação e as consequências na recuperação, foi o ensino de indexação. Ele possibilitou identificar a questão do “termo” e daí, aqui afirmamos nós, construir todo uma linha teórica que a identifica como uma fundadora de uma escola de pensamento que utiliza uma nova abordagem para lidar com questões que envolvem a elaboração de linguagens documentárias, ou seja, a abordagem onomasiológica.

Na década de 1960, a Prof^ª Hagar foi a fundadora do Curso de Biblioteconomia e Documentação na Universidade Federal Fluminense. Além de exercer o cargo de Coordenadora do Curso, lecionava a disciplina Indexação, na qual logo percebeu que uma das grandes dificuldades do indexador, na etapa de tradução do conteúdo temático do documento, para um termo de indexação, era de se ter a segurança de como nomear o termo, ou seja, se o termo seria constituído por somente uma unidade léxica ou se este poderia ser formado por mais de uma unidade léxica, ou em suas palavras, “se juntamos

ou separamos as palavras que formam o enunciado sobre o conteúdo temático de um documento”. Com as novas tecnologias de informação, no âmbito das atividades informacionais, o tesouro entra em cena, e era então necessário encontrar princípios que permitissem ter segurança no momento de nomear o assunto do documento.

Essa necessidade trouxe para discussão a questão do conceito que Ela vai encontrar bases na Teoria Geral da Terminologia de E. Wuster (WUSTER, E. 1981) e na Teoria do Conceito de Dahlberg (DAHLBERG, I., 1978a, 1978b), além da já citada Teoria da Classificação de Ranganathan (RANGANATHAN, S. R., 1967). As duas primeiras estão apoiadas em princípios que permitem entender o conceito de forma sistemática, mas é a Teoria da Classificação Facetada que fornece as bases para a organização do domínio no seu todo, como um sistema. É importante ainda ressaltar que a escolha destas bases teóricas se deu à posteriori de um fazer consciente e sempre tentando responder “Quais seriam as bases teóricas e metodológicas que permitiriam um caminho para a obtenção de uma boa representação e recuperação de informação em meio informatizado?”

A Teoria da Terminologia deu bases teóricas importantes para o entendimento do objeto como um referente em um sistema de conceitos, ou seja, o entendimento que os elementos de um sistema conceito estão em relações uns com os outros, através de relações lógicas e ônticas (GOMES, H. E., 1994; GOMES, H. E.; CAMPOS, M. L. A., 1996).

A Teoria do Conceito porque coloca o foco no conteúdo conceitual dos termos, apresentando o papel da definição (DAHLBERG, I., 1983) não somente como produto da fala de um grupo de falantes, mas fundamentalmente como uma construção conceitual de um acordo firmado por este grupo, a qual permite a produção de um sistema de conceitos, trazendo como elemento agregador deste sistema as categorias/facetadas. (CAMPOS, M. L. A., 2010).

A definição possibilita, além da fixação do conceito, seu posicionamento no próprio sistema de conceitos. No âmbito do projeto Committee on Conceptual and Terminological Analysis, Cocta, da Unesco, Dahlberg [1978 a] demonstra detalhadamente a adequação de sua Teoria do Conceito às Ciências Sociais. Riggs, que coordenava o projeto, propõe, seguindo sua Teoria, uma forma alternativa de apresentação de terminologia com sua Onomântica (RIGGS, F. W., 1989 a; 1989 b; 1996) e um dicionário Ana-semântico, tendo em vista as peculiaridades do termo nestas áreas. A classificação está presente em seu estudo, ao propor uma notação para determinar um arranjo sistemático para as definições/termos. A perspectiva onomântica, sublinha o autor, é crucial para o desenvolvimento da organização do conhecimento, porque se apóia na sistematização dos conceitos (e não em sua listagem); ela depende de e contribui para a classificação como base fundamental para a organização do conhecimento. Outro motivo para a ênfase na Onomântica é sua perspectiva temporal: “a Lexicografia (*a semântica*) é essencialmente retrospectiva: seu foco está nas palavras (*lexemas*) que já estão em uso, principalmente em contextos da linguagem comum. A Lexicografia especializada, continua ele, se interessa também e principalmente por termos que já fazem parte de vocabulários de especialistas em um campo. A Ana-semântica é voltada para o futuro: seu foco está nos campos emergentes do conhecimento em que novos conceitos estão lutando para serem reconhecidos.” (GOMES, H. E. et al, 2010)

Além disto, a Prof^a Hagar nos fala sobre o CRG – Grupo de Classificação da Inglaterra e de seus componentes que possibilitaram a ampliação das investigações sobre classificação, linguagens e representação temática. (WILSON, T. D., 1972) Onde Aitchison (AITCHISON, J. 1970) teve um importante papel com seu Thesaurofacet. Os pesquisadores que faziam parte do CRG, principalmente Aitchison (1970), mostraram que os princípios de classificação subjazem a um tesouro, tal como já ressaltou o Prof. Astério Campos (CAMPOS, A., 1986). Sendo através destes princípios, apresentados por Ranganathan para a elaboração de uma estrutura classificatória, que foi possível inaugurar uma metodologia para elaboração de tesouros, que parte da ordenação dos conceitos de forma sistemática para depois estabelecer as demais relações ônticas e de equivalência.

Entretanto, não havia estudos que embasassem o critério para a representação das unidades de conhecimento: a influência da linguagem natural era – e, até certo ponto, ainda é – muito grande; algumas explicações conflitantes eram fornecidas para o uso de uma palavra simples ou para o emprego de um grupo de palavras para representar uma ideia. Um olhar pelas normas internacionais e nacionais de elaboração de tesouros monolíngues comprovam esta afirmativa. Estas normas evidenciam a ausência de princípios teóricos para a elaboração de tesouros: são omissos quanto à noção de ‘conceito’, não evidenciam o caráter sistêmico dos conceitos de um domínio, não propugnam a presença de uma definição que fixe o conteúdo de cada conceito.

Dahlberg, como citado anteriormente, com sua Teoria do Conceito voltada para o Referente (DAHLBERG, I., 1978a), propõe os princípios para representação dos conceitos e evidencia o caráter sistemático desta atividade. Até certo ponto, a Teoria Geral da Terminologia de Wüster se harmoniza com sua Teoria⁸. Mas

8 Entretanto, deve-se ressaltar que no que se refere ao conceito de “conceito” Dahlberg tem uma posição teórica diferente de Wüster.

Dahlberg conseguiu fazer a ponte com a Teoria da Classificação Facetada e tem demonstrado a propriedade de sua Teoria nas atividades de informação.

Assim, em seu percurso, a Prof^a Hagar toma também conhecimento das normas internacionais de Terminologia e investiga este campo na perspectiva de responder a seguinte indagação: Qual terminologia pode ser útil à atividade informacional? E responde em um de seus artigos:

Em primeiro lugar, precisamos decidir onde estamos e onde queremos chegar. Assim, não podemos perder de vista que a Lexicografia visa auxiliar leitores a interpretar textos, enquanto a Terminologia visa auxiliar autores e produzirem textos (RIGGS, F. W., 1989a) e os documentalistas visam a organização/recuperação/das informações contidas nos textos e demais meios de informação semântica em especial ... Riggs considera terminologia e lexicografia como áreas complementares (RIGGS, F. W., 1979; 1989a) e acredita que cada campo pode se beneficiar do outro. Reconhece, no entanto, que os terminólogos têm familiaridade e usam a lexicografia, enquanto o inverso não é verdadeiro. O ruído existente para o entendimento das atividades nas duas áreas parece provir do fato que tanto uma área como outra usam por vezes o mesmo termo para designar o produto de suas atividades: terminologia, glossário e até mesmo dicionário. Seria mais interessante, propõe o autor, que os lexicógrafos nomeassem seu produto '*glossário léxico*', uma vez que a ênfase recai nas palavras, enquanto a designação '*glossários conceituais*' seria adotada pelos terminólogos porque têm o foco em conceitos definidos aos quais os termos são atribuídos...

Enquanto o produto dos lexicógrafos privilegia a ordem alfabética, na terminologia prefere-se a estrutura sistemática. Esta apresentação vai ao encontro dos *classificacionistas* cujo produto de sua atividade (*tabelas de classificação, tesouros, taxonomias*) tem seu uso pelos indexadores/buscadores facilitado ainda por apresentação alfabética, complementar. A ordenação sistemática permite que usuários encontrem termos - inclusive novos - mesmo que não saibam, de início, nomeá-los. Esta observação é importante tanto para autores, em seu processo de escrita, como para indexadores/buscadores em serviços de recuperação de informação. (GOMES, H. E. et al, 2010)

Na década de 90 exerce um importante papel na coordenação dos trabalhos realizados na ABNT para a tradução e adaptação da Norma Internacional de Terminologia para o português. Apesar da norma traduzida não ter sido editada, permitiu uma vasta abertura para esta literatura que possibilitou consolidar ainda mais os estudos voltados para a classificação e organização do conhecimento e a construção de linguagens documentárias.

CONCLUSÃO

“Tudo tem histórias, histórias com conceitos ... Não se pode ter uma ideia geral⁹. Em função das técnicas que se conhece pode-

9 QU'EST ce que l'acte de création? Direção: Foundation Européene des Métiers de l'Image et du son et Arts cahiers multi-média du Ministère de la Culture et de la Communication présentent. France: Conférence donée dans le cadre des mardis de la Fondation, 1987. Vídeo (48 min 25 seg). Entrevista O que é o ato de criação legendada em português com Gilles Deleuze.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=VNKo53tUKb4>>. Acesso em: 30 maio 2014.

se ter uma ideia em tal ou tal domínio”, nos diz Deleuze. Portanto, todo percurso teórico tem seu próprio conteúdo, movimentos e fazeres criativos, os quais não existem prontos ou acabados. A ocorrência de uma Ideia em um domínio é um acontecimento raro, nasce empenhada em um modo de expressão determinado e predestina-se a um espaço-tempo. Poderíamos falar da Filosofia sendo criada em outro local e tempo diferente da Grécia Antiga?

Um percurso, todo percurso consiste em criar ou inventar caminhos, ou ainda, fabricá-los a partir de uma necessidade, de um intenso trabalho. Como nos diz Deleuze, “um criador não é um ser que trabalha pelo prazer. Um criador só faz aquilo de que tem absoluta necessidade”.

A necessidade cria funções, noções, estabelece correspondências, conexões e operações de uma parte a outra do e entre os espaços.

Assim, resta-nos por fim dizer que a Ciência da Informação foi inventada, criada tal como as outras ciências, também como as artes, a partir da relação entre os conjuntos de atividades, necessidades, movimentos e tentativas de operar efetivamente em um espaço-tempo.

REFERÊNCIAS

- AITCHISON , Jean. The Thesurofacet: multipurpose retrieval language tool. **Journal of Documentation**, London, n. 26, n. 3, p. 187-203, Sept. 1970. 1
- CAMPOS, M. L. A. O papel das definições na pesquisa em ontologia. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, p. 220-238, 2010.
- CAMPOS, A. Linguagens documentárias. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 14, n. 1. p. 85-88. jan/jun 1986.
- DAHLBERG, I. A Referent-oriented analytical concept theory for Interconcept. **International Classification**, v. 5, n. 3, p. 142-150. 1978a

DAHLBERG, I. **Ontical structures and universal classification**. Bangalore: Sarada Ranganathan Endowment. 1978b.

DAHLBERG, I. Terminological definitions. In: **Problèmes de la définition et de la synonymie en terminologie**. Québec: GIRSTERM, p. 13-51. 1983.

GOMES, H. E.; CAMPOS, M. L. A. Systematic aspects of terminology. **Meta (Montréal)**, Montreal, v. 41, n. 2, p. 247-254, 1996.

GOMES, H. E. Estudo científico da terminologia: tendências. **Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia da Usp**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 97-106, 1994.

GOMES, Hagar Espanha, CAMPOS, Maria Luiza de Almeida, GUIMARÃES, Ludmila dos Santos. Organização da informação e terminologia: abordagem onomasiológica. **DataGramZero Revista Ciência da Informação**, v. 11, n. 5, out. 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO. **Informática**: trabalhos apresentados ao Seminário sobre Informática. Rio de Janeiro: IBBD, 1969.

LIMA, Wagner Ferreira. A “Lexicologia Construcionista” uma proposta alternativa de estudo do léxico na linguagem em uso. In: ISQUERDO, Aparecida Maria; ALVES, Ieda Maria (org). **As Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. São Paulo, Ed. Humanites, 2007. p. 125-136.

ODDONE, Nanci. O IBBD e a informação científica: uma perspectiva histórica para a ciência da informação no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 1, 2006.

QU'EST ce que l'acte de création? Direção: Foundation Européene des Métiers de l'Image et du son et Arts cahiers multi-média du Ministère de la Culture et de la Communication présentent. France: Conférence donnée dans le cadre des mardis de la Foundation, 1987. Vídeo (48 min 25 seg). Entrevista O que é o ato de criação legendada em português com Gilles Deleuze. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=VNko53tUKb4>>. Acesso em: 30 maio 2014.

RANGANATHAN, S. R. **Prolegomena to library classification**. 3rd ed. Bombay, Asia publ., 1967.

RIGGS, Fred W. Terminology for the Social Sciences. In: Theoretical and methodological problems or terminology. **Proceedings of an international symposium Moscow**, nov. 27-30, p. 591-606. 1979.

RIGGS, Fred W. Information Science and Social Science: the need for onomastics. **International Forum for Information and Documentation**, v. 14, n. 1, p. 12-21. 1989a.

RIGGS, Fred W. Terminology and lexicography: their complementarity. **International Journal of Lexicography**, v. 2 n. 2 p. 90-110. 1989b

RIGGS, Fred W. **Onomastics and terminology**. Knowledge organization 23: p. 25-3. 1996

SOUZA, Rosali Fernandez de. Entrevista: Célia Ribeiro Zaher. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, 1995.

WILSON, T.D. The work of the British Classification Research Group. In: WELLISCH, H. (Ed.). **Subject retrieval is the seventies**. Westport: Greeword Publishing, 1972. p. 62-71.

WÜSTER, E.(1981) L'Etude scientifique générale de la Terminologie, zone frontalière entre la Linguistique, la Logique, l'Ontologie, l'Informatique et les Sciences des Choses. In: RONDEAU, G. & FELBER, H. (org.) **Textes choisis de Terminologie**. I. Fondements théoriques de la terminologie. Québec, GIRSTERM, p. 57-114.



Jaime Robredo (1927-2011)

Robredo
74

JAIME ROBREDO: UM DESBRAVADOR DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Lena Vania Ribeiro Pinheiro, IBICT

UMA VIDA MARCADA PELO PIONEIRISMO E CRIATIVIDADE

Ao lembrar Jaime Robredo, nascido em Madrid, em 28/01/1927, e falecido em Brasília, no dia 04 de outubro de 2011, o que primeiro vem à nossa mente? Ainda que cada um de nós tenha dentro de si uma imagem ou qualidade especial sua, em geral o mais marcante de um ser humano, de um mestre, estará presente para sempre na memória daqueles que com ele conviveram ou dos que leram suas obras, assistiram as suas aulas ou conferências.

Escrevi a resenha do livro de Jaime Robredo, “Documentação de hoje e de amanhã: uma abordagem revisitada e contemporânea da ciência da informação e de suas aplicações biblioteconômicas, documentárias, arquivísticas e museológicas”, na quarta edição, de 2005. Foi por ele escolhida e na ocasião assim resumi sua trajetória: “Foi um dos pioneiros desse campo, em nosso país, especialmente em tecnologias da informação e bibliometria/informetria, tendo formado muitos discípulos, ao longo dos anos, na sua fecunda trajetória como mestre e pesquisador” (PINHEIRO, 2005).

Recordo, no professor Jaime Robredo o seu pensamento sempre atual, jamais anacrônico, basta lembrar a coletânea organizada juntamente com Marisa Brascher, em formato eletrônico, sua última obra. Nessa publicação, outras marcas de sua personalidade estão presentes, além da discussão de questões

contemporâneas, como o Google, por exemplo – o espírito aberto ao novo e ao não convencional, por exemplo, o próprio título da coletânea, sugerido a ele e prontamente aceito: “Passeios pelo bosque da Ciência da Informação: estudo sobre representação e organização da informação e do conhecimento”.

Sobre o seu pioneirismo, partamos do significado da palavra pioneiro, tal como explicado no site Significado.com.br: “Pioneiro é um substantivo masculino proveniente do termo em francês *pionnier*, significa alguém que é o primeiro a abrir caminho através de uma região mal conhecida. Também pode ser um termo que designa um precursor, um desbravador ou descobridor”. Esta descrição no site toma como fonte a obra “Pioneiros & empreendedores: a saga do desenvolvimento do Brasil”, do professor Jacques Marcovitch (2007), da USP – Universidade de São Paulo. Ao estudar o empresariado nacional, focado em alguns nomes de brasileiros que, na sua concepção, merecem ser como tal considerados, o autor selecionou especialmente empresários de diferentes setores e regiões brasileiras. Para explicar e justificar a atribuição dessa qualidade às personalidades que integram seu livro, Marcovitch (2007, p. 15-16) perpassa algumas denominações equivalentes com seus opostos, como as de Nietzsche (dionisíacos e apolíneos), de Umberto Eco (apocalípticos e integrados) e de Sergio Buarque de Hollanda (aventureiros e trabalhadores), as quais retomaremos no final deste texto.

Quanto à criatividade, geralmente mais relacionada às Artes e artistas, pode e deve se estender à ciência, o que foi estudado por Rosa Werneck (2001), em tese de doutorado em Ciência da Informação: Componentes lógicos e intuitivos no processo criativo da arte e da ciência: um estudo comparativo entre arte e ciência sob a ótica da Ciência da Informação. Werneck (2001, p. 96) ressalta que, comumente, o que mais distinguia Ciência e Arte seriam a lógica e a intuição, preconceito hoje superado pelos estudos de criação: “nem a Ciência é considerada apenas lógica e racional, nem a Arte apenas emocional e intuitiva”. Há

estudiosos que reconhecem na arte um tipo de racionalidade que “constitui junto com o intelecto, as duas ramificações fundamentais e indispensáveis do conhecimento em geral”. (WERNECK, 2001, p. 104).

Jaime Robredo reunia essas qualidades, manifestadas ao longo de sua carreira como cientista e, na vida privada, em pinturas¹, geralmente paisagens e nus femininos, além de entalhes em madeira, projetos de móveis e até da arquitetura de sua casa.

Passemos para a sua formação acadêmica, no seu percurso até a Ciência da Informação, esmiuçado no próximo tópico.

A FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR COMO SEMENTE PARA AFLORAR A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO²

Na Ciência da Informação, como sabemos, é comum a presença de pesquisadores dos mais diversos campos do conhecimento, inclusive das Ciências Exatas e Naturais, origem acadêmica de Jaime Robredo, uma vez que sua graduação foi em Ciências, pela Faculdade de Ciências de Madrid, em 1959, curso iniciado em 1945, quando era um jovem de 18 anos.

Ainda na década de 1950, seus interesses acadêmicos continuavam nessa área, tanto que fez uma especialização em Princípios de Radioatividade, no Consejo Superior de Investigaciones Científicas, principal órgão de pesquisas da Espanha.

O doutorado pela Universidad de Madrid (1950-1954), com tese sobre “Estudio Mineralógico y Tecnico de Algunas Tierras de Moldeo Españolas” segue na direção da Química Inorgânica, bem como o pós-doutorado, no Instituto Politécnico (1951-1954).

1 Informações de seu filho, o jornalista Rodrigo Chastinet Robredo.

2 A maioria das informações sobre as atividades de ensino e pesquisa de Jaime Robredo foram extraídas de seu próprio currículo Lattes.

A sua aproximação teórica e prática com a Ciência da Informação foi iniciada pela interseção das tecnologias da informação, com base em cursos na Ciência da Computação, área reconhecidamente interdisciplinar à Ciência da Informação. Esta fase pode ser considerada preparatória para as primeiras atividades profissionais em Documentação, que assinalam, definitivamente, a passagem de Jaime Robredo para a pesquisa e ensino em Ciência da Informação.

O primeiro passo foi em 1972, 20 anos após sua primeira especialização, quando cursou outra especialização, dessa vez em “Les ordinateurs et l’Informatique”, no Institut National Supérieur e, em 1978, um curso intitulado Computerized Documentation System Cds ISIS, na UNESCO. Assim, a década de 1970 foi decisiva para sua passagem do território epistêmico da Química para o da Ciência da Informação, impulsionado pelas tecnologias de informação. A formação tecnológica é fortalecida com um pós-doutorado em Ciência da Computação, na Universidade de Saarbruecken, na Alemanha, em 1989, na grande área de Ciências Exatas e da Terra, especificamente em sistemas de computação e software básico. A próxima fase de sua vida é a dedicada à documentação, iniciada no Instituto do Vidro (Institut du Verre, IV), em Paris.

CONFLUÊNCIAS INTERDISCIPLINARES NA PASSAGEM PARA DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Jaime Robredo foi um legítimo continuador da linhagem de documentalistas do quilate de Paul Otlet, por duas fortes razões: a primeira, por sua atuação na Documentação, tal como entendida por Otlet e, segundo, pela amplitude do seu pensamento em relação a documentos. O professor Robredo não estabelecia fronteiras e limites entre os documentos de bibliotecas, arquivos e museus, conforme estudados no livro mencionado no início deste trabalho, cujo título reflete a vastidão de seu pensamento.

Durante 13 anos (1960-1973), Jaime Robredo exerceu a função de Chefe do Serviço de Informação no Instituto do Vidro e, simultaneamente, pesquisa e desenvolvimento sobre resistência química do vidro e refratários para a indústria do vidro, além de professor da pós-graduação em Técnicas de Documentação, ministrando a disciplina Documentação especializada. Foi nesse período, como mencionado anteriormente, que ele fez o seu primeiro curso em Informática.

Podemos considerar que a sua vinda para o Brasil, em 1974, marca a sua opção e inserção na Ciência da informação, abordada no próximo tópico.

UM MERGULHO DECISIVO E DEFINITIVO NO ENSINO E PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Jaime Robredo viveu no Brasil de 1974 até sua morte, em 2011, completamente dedicado à Ciência da Informação, na pesquisa e no ensino, afastando-se de nosso País somente por razões de convites profissionais nacionais e internacionais. A sua longa e produtiva trajetória é relatada a seguir, primeiramente como pesquisador e depois na qualidade de professor, embora as duas atividades tenham sido sempre interligadas e iniciadas no seu país natal.

JAIME ROBREDO – O PESQUISADOR

A sua primeira atividade formal como pesquisador foi ainda na Espanha, no Consejo Superior de Investigaciones Científicas, durante quase dez anos (1951-1959), dedicado à pesquisa aplicada a silicatos, na área de Química. A partir daí, quanto mais se afastou da Química, mais se aproximou da Ciência da Informação, área que, como já ressaltado, abraçou definitivamente em nosso país.

Aqui, em território nacional, as linhas de pesquisa mais fortes seguiam três direções: bibliometria e informetria, indexação

automática de textos e automação de sistemas de informação documentária.

A primeira linha de pesquisa, bibliometria, posteriormente denominada também de Informetria, foi uma constante na vida do pesquisador, desde o começo em pesquisa na Ciência da informação, até praticamente o final de sua vida. As técnicas bibliométricas foram utilizadas na identificação automática de “clusters” temáticos, cujos resultados poderiam ter aplicação imediata na construção de léxicos e tesouros setoriais ou mapas de tópicos, hoje importantes para Web semântica e ontologias. Na mesma linha de pesquisa, o Professor Jaime Robredo desenvolveu um projeto de “Técnicas informétricas como ponto de partida da organização e gestão do conhecimento com base em ontologias”, iniciado em 2006 e em andamento no ano de seu falecimento (2011)

A linha de pesquisa de indexação automática de textos tinha por objetivo a seleção e criação de descritores, termos e palavras-chave, além de critérios de busca para recuperação de conteúdos de documentos, informação. Entre os resultados constam uma base de dados referencial, relativa à produção científica, técnica e artística da UnB (1994-2003).

A linha de pesquisa Automação de sistemas de informação documentária, segundo o próprio pesquisador (Curriculum Lattes), transcendia as demais e tinha por objetivo produzir um banco de conhecimento, continuamente atualizado e usado pelo Grupo de Pesquisa que liderava, tendo como vice-líder Marisa Brascher: “Representação e Gestão da informação e do conhecimento, e Arquitetura da Informação”. Embora fortemente marcada pelas tecnologias da comunicação e informação, abrangia aspectos conceituais, portanto, epistemológicos. Este foi o último projeto de pesquisa que o Professor Robredo, bolsista do CNPq de produtividades de pesquisa 1A, estava desenvolvendo desde 2006, até o ano de sua morte, conforme destacado.

Os projetos de pesquisa nas linhas mencionadas foram realizados no Programa de Pós-Graduação em Ciência da

Informação da Universidade de Brasília, vinculados a Grupos de Pesquisa, especialmente aquele em que era líder, já citado, alguns com o apoio do CNPq ou do Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação da UnB.

A presença de Jaime Robredo em eventos da Ciência da Informação foi frequente e aqui é ressaltada a no ENANCIB- Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da informação, desde a década de 1990, no qual apresentou comunicação oral sobre Indexação automática de textos, no primeiro Encontro, em 1994, realizado em Belo Horizonte.

Interessante observar que nas diversas participações nos ENANCIBs, Jaime Robredo dá provas do profundo e vasto conhecimento de Ciência da Informação, por submeter trabalhos a diferentes Grupos de Trabalho-GTs, entre os quais o GT-2 e o GT-1.

Sua última participação nesse evento foi com um trabalho no GT-1 no ENANCIB XI (2010), escolhido o melhor do Grupo e como tal publicado na LIINC em Revista, em 2011. O título é emblemático do seu pensamento, por representar tanto a contemporaneidade de suas ideias quanto o seu espírito crítico, aguçado e perscrutador: *Do documento impresso à informação nas nuvens: reflexões*. A frase final do resumo traduz essas qualidades:

Essa evolução está marcada pelo surgimento de novos paradigmas, num ritmo continuamente acelerado, que nos encaminham a novos e extraordinários horizontes inimagináveis previamente, com perigos também imprevisíveis (ROBREDO, 2011).

Não por acaso, este ano o ENANCIB tem como tema “Além das nuvens: expandindo as fronteiras da Ciência da Informação.”

EXTENSÃO DA PESQUISA ALÉM DAS FRONTEIRAS INSTITUCIONAIS E NACIONAIS

Sua experiência e excelência na qualidade de atuação em pesquisa chamaram a atenção de outros países e ultrapassaram as fronteiras da Espanha e do Brasil, tanto é que foi convidado para exercer diversas missões e consultorias no exterior e internacionais, entre as quais:

- nas Nações Unidas –ONU, na Suíça, no International Development Research Centre, em 1950, e na Venezuela, de 1989 a 1990;
- pelo International Labor Office, em São Paulo, no ano de 1964;
- na Organização dos Estados Americanos-OEA, em diferentes países como Argentina (1968), Colômbia (1980 e 1985) e Brasil (1980-1988);
- pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência, e Cultura -UNESCO, na Argentina em dois períodos, 1964 e 1965, e em 1996; no Marrocos, no ano de 1968; na Colômbia, em 1970; no Chile, em 1984; e na Venezuela, no ano de 1985;
- na Food and Agriculture Organization of the United Nations-FAO, no Brasil (1973, 1974-1979 e 1994); Angola (1981); Roma (1982); Moçambique (1985); Equador (1985); e
- pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento-PNUD, no Brasil, de 1987 a 1988.

Pode-se observar que a atividade de consultoria internacional permeou sua vida profissional, num longo período de cerca de 40 anos, que se inicia antes de sua chegada ao Brasil, em 1950, e se encerra em 1990, o que proporcionou a Jaime Robredo as mais diferentes experiências pelo mundo e conhecer, estudar e viver múltiplos cenários de informação científica e tecnológica, especialmente na América Latina, além de passagens pela África e Europa.

Merece ser ressaltada a consultoria pela FAO, não somente por marcar o início de sua atuação no Brasil, mas por representar uma importante contribuição para a infraestrutura e desenvolvimento da informação em Agricultura, em nosso país. Na condição de Diretor de Projeto Internacional, esteve à frente da implantação do Sistema Nacional de Informação e Documentação de Agricultura e da Biblioteca Nacional de Agricultura BINAGRI, atualmente Centro de Informação Agrícola, além da incorporação do Brasil ao Sistema Internacional de Informação Agrícola (AGRIS). Durante o exercício de atividades como Diretor, produziu inúmeros artigos e documentos e foi responsável não somente pela criação do Serviço de Difusão Seletiva da Informação para pesquisadores de Ciências Agrárias, bem como pela elaboração de bibliografias especializadas e treinamento de pessoal. Essas iniciativas contribuíram, decisivamente, para os avanços da informação da área de Agricultura, em território nacional.

Finalizando a sua atuação como consultor, não podem ser esquecidas as missões nacionais, entre as quais na Embrapa, em 1983; no Ministério das Relações Exteriores, no ano de 1983; na ANEEL, em 1988 e 1999-2000; no Ministério do Meio Ambiente (2000-2002 e 2005) e, em 2006, no Ministério de Ciência e Tecnologia (2006), hoje Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação.

Simultaneamente às suas atividades em pesquisa, missões e consultorias, parcela significativa de sua vida profissional foi dedicada ao ensino, em especial na pós-graduação em Ciência da informação, na UNB.

JAIME ROBREDO – O GRANDE MESTRE

As atividades de pesquisa de Jaime Robredo, como pôde ser observado no tópico anterior, foram desenvolvidas em diversos países e instituições. Diferentemente, como professor concentrou a sua atuação na Universidade de Brasília (UNB), na

graduação (em Biblioteconomia) e sobretudo na pós-graduação em Ciência da Informação, desde 1979 até o ano de sua morte, 2011, totalizando mais de 30 anos, os últimos como pesquisador associado sênior, já aposentado. Nos primeiros anos (1979-1981), o seu vínculo com a UnB foi mantido como professor visitante. A predominância da UnB não significa o seu único exercício de docência pois, ocasionalmente, ministrou aulas em outras universidades, inclusive no exterior.

Entre as disciplinas ministradas destacamos, em uma primeira fase, Informática documentária, Mecanização e automação, Análise da informação, Organização de bibliotecas e centros de informação e Técnicas de editoração.

Posteriormente continuou com as mesmas disciplinas já ministradas, mas em constante atualização, manifestada na mudança de denominação para Análise temática da informação, Planejamento e gerência de sistemas de informação e Descrições bibliográficas.

Além das já mencionadas, o Professor Jaime Robredo ficou à frente de Tópicos especiais em Ciência da Informação e Seminário avançado em Ciência da Informação.

Na sua abordagem, enfocava a Ciência da Informação como ciência pós-moderna, inspirado em Wersig e na sua “visão sistêmica das etapas que constituem o ciclo documentário”, conforme explicitado em seu livro (ROBREDO, 2005, p. viii).

As orientações foram numerosas, tanto de dissertações de mestrado (29 ao todo) quanto de doutorado, nove e, em menor número, monografias de graduação e de especialização. Quando faleceu, estavam em andamento, sob a sua orientação quatro (4) teses de doutorado.

Em análise geral de suas orientações, predominam os enfoques tecnológicos, como formatos, sistemas de informação, sistemas de hipertextos e de videotextos, indexação automática, sistemas especialistas e competência em informação, entre outros. Estão presentes também os temas relacionados à organização do conhecimento e da informação, recuperação de informação, além

dos voltados à informação estratégica, no âmbito da Inteligência competitiva e os relacionados à Agricultura, como bibliotecas de Agricultura. Embora dedicado essencialmente à informação em C&T, Jaime Robredo orientou dissertações de mestrado em informação para cidadania e até livros raros.

O professor, por sua atuação também na graduação e especialização, orientou trabalhos de conclusão de graduação e de cursos de especialização, embora em número bem menor do que na pós-graduação.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Ainda que no decorrer deste texto tenham sido citadas algumas das publicações de Jaime Robredo, aqui é enfocada a sua produção científica em geral, especificamente aquelas ainda não mencionadas.

Como ressaltamos no início, Jaime Robredo teve uma produção quantitativa e qualitativamente significativa, tanto como autor único, como em colaboração.

Publicou muitos artigos de periódicos, num total de 43, desde o início de sua vida profissional, nesse período tendo como tema vidros, o primeiro em 1956. Em alguns desses artigos já aplicava metodologia de Ciência da informação, como a bibliometria, inclusive em temáticas relativas a vidro, e em vários idiomas, como espanhol, inglês, francês e, naturalmente, português. Diversos artigos foram publicados em países da América Latina e da Europa, por exemplo, na Holanda.

Os temas predominantes são os mesmos de suas pesquisas, refletindo coerência e continuidade: bases de dados, indexação automática, bibliometria e tecnologias de informação em geral. Por outro lado, como foi destacado nas orientações, a temática também é diversificada.

A sua produção de artigos foi encerrada em 2006 e, a partir daí, dedicou-se mais à publicação de livros, capítulos de livros e organização de coletâneas. Merece análise o conteúdo

de sua última obra, já citada, produto do Grupo de Pesquisa EROIC, liderado por Jaime Robredo e Marisa Brascher (2010), em comemoração aos seus 10 anos de atividades. A coletânea, editada eletronicamente, enfoca os principais temas da Ciência da informação, distribuídos em seis (6) capítulos, a saber: I Estudos históricos e epistemológicos da informação; II Representação e organização da informação; III Sistemas de organização do conhecimento; IV Estudos métricos da informação; V Aplicações e desdobramentos da representação e organização da informação e do conhecimento; e VI Outros temas e atividades.

O fôlego intelectual de Jaime Robredo está demonstrado nos dois textos de sua autoria integrantes da coletânea: Ciência da informação e Web semântica e, o segundo, Estudos métricos da informação: história e tendências, que escreveu juntamente com Jayme Leiro Vilan Filho. Pela visão abrangente das metrias, da sua origem, desenvolvimento e evolução até os dias de hoje, pode ser considerada uma pesquisa das mais completas e relevantes em bibliometria, informetria, cientometria e webmetria.

Alguns desses livros tiveram mais de uma edição, como Documentação de hoje e amanhã e Produção científica e artística da UNB, editada nos anos de 1994, 95, 96, 97 e 1999-2001. É oportuno ressaltar que a sua literatura não é somente científica, mas também artística, o que mais uma vez demonstra o interesse de Jaime Robredo pelas Artes.

A mais numerosa produção é a relativa a eventos, de comunicações completas, totalizando 49, direcionadas aos temas apontados nas demais publicações. Outros tipos de produção são as traduções e programas de computador não registrados, entre outros.

O QUE É ETERNO NA HERANÇA DE JAIME ROBREDO

Entre as ideias inovadoras de Jaime Robredo, podemos incluir a Ciência da Informação com “aplicações biblioteconômicas,

documentárias, arquivísticas e museológicas”, tal como consta no subtítulo do livro mencionado inicialmente.

Este é um aspecto interessante na discussão que permeia a Ciência da Informação sobre a sua relação com essas três áreas, na qual predomina a corrente dos que as compreendem como de natureza interdisciplinar, como Saracevic (1993, 19099), para citar apenas um grande nome da Ciência da Informação, com o qual concordo. No entanto, há pesquisadores que consideram Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia como subáreas da Ciência da Informação e chegam até a recorrer à classificação de áreas do CNPq, que não corresponde a uma visão epistemológica, e sim para fins de planejamento e gestão governamental. Há, ainda, no exterior e mesmo no Brasil, aqueles que preferem adotar a terminologia no plural, Ciências da Informação, para designar as áreas que lidam com informação, o que não seria adequado, pela existência da mesma denominação, no singular, para um determinado campo – a Ciência da Informação.

Ao adotar o subtítulo “aplicações biblioteconômicas, documentárias, arquivísticas e museológicas” na Ciência da Informação, Jaime Robredo abre uma quarta linha de pensamento, ainda não discutida suficientemente. Embora seja um termo muito utilizado nos Estados Unidos não identifiquei, nas minhas pesquisas, uma definição para “aplicações”³. Esta preocupação com as aplicações foi motivada pela falta de clareza conceitual entre interdisciplinaridade e aplicações, por mim constatada em artigo de minha autoria⁴ e percebida por Jaime Robredo, o que

3 Pelas leituras e estudos feitos, cheguei à minha própria definição: “[...]as aplicações (contextos, áreas, setores e organismos) isto é, a informação científica, tecnológica, industrial ou artística, ou a aplicação em campos do conhecimento, como na Medicina (informação em Medicina), se mesclam com a interdisciplinaridade propriamente dita” (PINHEIRO, 1998).

4 Nesse artigo constava uma ilustração de interdisciplinaridade, sob a forma de mandala, traçada em 1995 (PINHEIRO, LOUREIRO, 1995) que continha o equívoco de confundir aplicações com interdisciplinaridade, o que foi percebido por Jaime Robredo.. Em artigo posterior reconheci esse erro, daí ter buscado estabelecer as distinções entre ambas (PINHEIRO, 1998).

me levou a aprofundar a questão, corrigir o erro e reconhecê-lo em artigo posterior.

Este fato é aqui relatado para mais uma vez ressaltar o espírito perscrutador do verdadeiro pesquisador, que movia Jaime Robredo, daí os seus questionamentos e capacidade de percepção.

No início deste capítulo sobre Jaime Robredo, abordei os conceitos de pioneiro e de criatividade. No primeiro citei um livro de Marcovitch (2007), conforme consta na introdução, no qual o autor cita duas expressões para discutir em torno da qualidade de pioneirismo: aventureiros e trabalhadores.

Embora aparentemente paradoxais ou opostos, esses termos podem marcar pessoas que, como Jaime Robredo, trazem dentro de si, tanto o espírito aventureiro, de navegar em mares nunca dantes navegados, como o árduo trabalho da construção de uma vida intelectual densa e rica de ideias.

Jaime Robredo é uma mescla das expressões aventureiros e trabalhadores, daí a dimensão de sua herança intelectual, cujas marcas e marcos representam uma verdadeira aventura venturosa na Ciência da Informação.

REFERÊNCIAS

Marcovitch, Jacques. **Pioneiros & empreendedores**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Editora Saraiva, 2007. 344p. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=69xqD_hfRGE&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Campo interdisciplinar da Ciência da Informação: fronteiras remotas e recentes. **Investigación Bibliotecológica**, México, v. 12, n. 25, p. 132-163, 1998. Disponível em: <<http://biblioteca.ibict.br/phl8/anexos/Mexicolena.pdf>>. Publicado também no Brasil em coletânea do IBICT.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro, LOUREIRO, José Mauro Matheus. Traçados e limites da Ciência da Informação. **Ciência da**

Informação, Brasília: v.24, n.1, p.42-53, jan./jul.1995. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cienciadainformacao>

ROBREDO, Jaime. **Currículo do Sistema de Currículos Lattes**, CNPq. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4783264E5>

ROBREDO, Jaime. **Documentação de hoje e de amanhã: uma abordagem revisitada e contemporânea da ciência da informação e de suas aplicações biblioteconômicas, documentárias, arquivísticas e museológicas**. 4ed. revista e ampliada. Brasília, DF: Edição de autor, 2005. 409p.

ROBREDO, Jaime. Documentação de hoje e de amanhã: uma abordagem revisitada e contemporânea da ciência da informação e de suas aplicações biblioteconômicas, documentárias, arquivísticas e museológicas. 4. ed. rev. e ampl. Brasília, DF: Edição de autor, 2005. 409 p. Recensão de: PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 35, n. 1, jul. 2006. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/836/685>

ROBREDO, Jaime. Do documento impresso à informação nas nuvens: reflexões. **LIINC em Revista**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p.19-42, 2011. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/401/261>

ROBREDO, Jaime. Indexação automática de textos. In: **1. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIENCIA DA INFORMACAO E BIBLIOTECONOMIA.**, 1994, Belo Horizonte MG. Anais do 1. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciencia da Informacao e Biblioteconomia. Belo Horizonte MG: ANCIB, 1994. p. 30-30.

ROBREDO, Jaime; BRASCHER, Marisa. **Passeios pelo bosque da Ciência da Informação: estudo sobre representação e organização da informação e do conhecimento**. Brasília: IBICT, 2010. 334p. (Edição comemorativa dos 10 anos do Grupo de Pesquisa EROIC). Disponível em: <http://www.ibict.br/publicacoes/eroic.pdf>

ROBREDO, Jaime, Vilan Filho, Jayme Leiro. Estudos métricos da informação: história e tendências. In: ROBREDO, Jaime, BRASSCHER, Marisa. **Passeios pelo bosque da Ciência da Informação**: estudo sobre representação e organização da informação e do conhecimento. Brasília: IBICT, 2010, p. 184-258 (Edição comemorativa dos 10 anos do Grupo de Pesquisa EROIC). Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/7950/6/CAPITULO_MetriasInformacaoHistoria.pdf

Significado.com.br . Disponível em: <http://www.significados.com.br/pioneiro/>

WERNECK, Rosa Maria Lelis. **Componentes lógicos e intuitivos no processo criativo da arte e da ciência**: um estudo comparativo entre arte e ciência sob a ótica da ciência da informação. Rio de Janeiro: UFRJ – ECO-IBICT. Doutorado em Ciência da Informação. 2001. Orientadoras: Lena Vania Ribeiro Pinheiro e Maria Nélide González de Gomes. 179p.

JOHANNA WILHELMINA SMIT

José Augusto Chaves Guimarães

Discorrer sobre Johanna Smit significa, antes de mais nada, abordar uma das mais significativas trajetórias da Ciência da Informação brasileira nos últimos quarenta anos.

Como espirituosamente declara em sua obra *O que é documentação* (SMIT, 1986), “apesar do sotaque, é nascida e criada em São Paulo”, onde cursou Biblioteconomia na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, graduando-se em 1970. Logo após sua graduação, Johanna mudou-se para Paris, onde residiu por cerca de uma década. Na ocasião, ingressou no mestrado em Documentação da École Pratique des Hautes Études onde, sob a orientação de Jean Meyriat, um dos mais significativos referentes teóricos da Ciência da Informação francófona, defendeu a dissertação intitulada “Les langages documentaires comme métalangages du discours scientifique”, em 1973.

Nessa mesma seara, Johanna realizou seu doutorado em Análise do Discurso na Université de Paris onde, sob a orientação de Jean Calude Gardin, defendeu, em 1977, a tese de doutorado intitulada “De l’analyse documentaire à l’analyse poétique: à propos des Chats de Beaudelaire”.

Dessa forma, teve início o estreito contato de Johanna Smit com a análise documentária (o que pautaria sua trajetória acadêmica, transformando indubitavelmente no maior referencial teórico dessa temática no Brasil) que, notadamente a partir dos anos 60, floresceu na França, mais voltada para o desenvolvimento de referenciais teórico-metodológicos para os procedimentos envolvidos, no intuito de refutar uma concepção até então dominante de que o desenvolvimento de tais procedimentos pautava-se em meras “operações empíricas de bom senso dos

bibliotecários”(CUNHA, 1989, p. 40), com critérios diversificados e de natureza subjetiva carecendo, pois, de parâmetros que lhes conferissem alguma cientificidade, por meio da explicitação dos procedimentos ou mecanismos envolvidos.

Da mesma forma, por essa época teve lugar seu estreito contato com a documentação audiovisual, que, décadas mais tarde, seria o mote para a configuração de um profícuo ponto de encontro entre a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia, áreas que a autora cunharia com a feliz metáfora de “As três Marias”(SMIT, 1993). Nesse contexto, a pesquisadora teve suas primeiras experiências docentes, nomeadamente no Institut Natinal de l’Audiovisuel, entre 1977 e 1981, onde atuou na Coordenação de cursos de formação de documentalistas audiovisuais para as estações de Rádio e TV africanas e programação da formação continuada para cinematecários da ORTF, em temáticas ligadas a documentação audiovisual, documentação cinematográfica, documentação escrita, documentação iconográfica e documentação sonora, e na Université de Paris 8 Vincennes – Saint Denis onde, entre 1979 e 1981, atuou como professora colaboradora ministrando a disciplina “A função documentária” para estudantes de pedagogia.

Refletindo a rica experiência desse período vivido na França, destacam-se, mais especialmente, os artigos da autora acerca da relação entre análise semântica e análise documentária (SMIT, 1974), entre a relação enmtre a teoria e o texto (SMIT, 1977) e, em especial, da relação entre Documentação e Linguística (SMIT, 1978) quando a autora, de foram pioneira, introduz no Brasil as ideias de Jean-Claude Gardin, os conceitos de linguagem e de análise documentária e alerta para a importância dos procedimentos lógico-linguísticos envolvidos nessa análise, o que permeará toda a construção de uma verdadeira escola de pensamento na Ciência da Informação brasileira.

Regressando ao Brasil em 1980, Johanna Smit leva, para o ambiente empresarial, sua rica experiência francesa com a documentação audiovisual, trabalhando, entre 1981 e 1984,

na Rhodia do Brasil S/A, onde, na condição de Assessora de documentação, trabalhou diretamente na implantação de um centro de documentação em medicina veterinária e posteriormente participação no serviço de acompanhamento, pesquisa e alerta relacionada a patentes depositadas por empresas concorrentes.

Mas é na condição de docente da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, função que ocupa desde 1981, que Johanna Smit teve seu mais destacado papel: o de formadora de profissionais bibliotecários, arquivistas e docentes para o ensino superior na área de Ciência da Informação. Nesse contexto, destaca-se sua atuação na docência e orientação na graduação e na pós-graduação, na chefia do de Biblioteconomia e Documentação por 3 gestões, na coordenação da Pós-graduação, na coordenação, por 24 anos, do curso de especialização em Organização de Arquivos, na elaboração vocabulário controlado único para o Sistema de Arquivos da USP, na Diretoria Técnica de Divisão relativa ao Arquivo Geral da USP, e na Comissão de Patrimônio Cultural da USP.

Especificamente no que tange ao ensino e à pesquisa em graduação e pós-graduação, sua atuação encontra-se diretamente ligada às linhas de pesquisa: vocabulário controlado em arquivos, terminologia de ciência da informação, documentação audiovisual, organização da informação, em disciplinas mais diretamente ligadas à documentação audiovisual, indexação e resumo, introdução à organização de arquivos e organização de arquivos fotográficos, entre outras.

Especial destaque merece sua contribuição para a formação de docentes para o ensino superior da área de Ciência da Informação, em que se tem um conjunto de nada menos dezoito orientações de mestrado e doze de doutorado, muitas das quais de docentes e pesquisadores que, em nossos dias, integram a liderança acadêmica da área, no país e no exterior, como Marilda Lara (USP), Asa Fujino (USP), Regina Obata (USP), Nair Kobashi (USP), Clarissa Schmidt (UFF), Fábio Mascarenhas e Silva (UFPE), Edberto Ferneda

(UNESP), Marta Valentim (UNESP), e Miriam Manini (UnB), Isabel Cunha (Universidade de Coimbra), entre outros.

Um efetivo marco na pesquisa brasileira em Ciência da Informação deve-se a Johanna Smit quando, no início dos anos 80, criou o Grupo TEMMA, da Escola de Comunicações e Artes da USP, que desde então vem desenvolvendo uma significativa trajetória de construção teórico-metodológica de AD no Brasil.

Como descrito em sua apresentação no Diretório de Grupos de Pesquisas do CNPq, o grupo TEMMA “concentrou seus esforços nas reflexões teóricas e práticas da Análise Documentária, enfatizando os procedimentos que subjazem à atividade da representação do conteúdo”. Nesse sentido, três eixos de ação puderam se desenvolver. Assim, historicamente, teve-se a abordagem do processo de AD, seguida da função comunicacional dos produtos por ela gerados para que se pudesse se chegar à construção de linguagens de organização e transferência de informação. Hoje, o Grupo TEMMA vem diversificando seu espectro investigativo, investindo particularmente nos estudos de terminologia aplicada à organização e transferência da informação; nos processos de leitura em AD e na linguagem de especialidade da Ciência da Informação.

A vista disso, e considerando a tradição brasileira na área de AD observam-se, de uma perspectiva geral da literatura produzida pelo grupo TEMMA, as seguintes vertentes temáticas: a) bases epistemológicas da AD, no sentido de se resgatar os aspectos históricos que levaram à construção da disciplina bem como à constituição de seus marcos teóricos, b) processos em AD, aqui englobando a leitura a condensação e a representação documental; c) instrumentos de AD, notadamente as linguagens documentais; d) relações interdisciplinares da AD com a Linguística, a Terminologia, a Lógica e a Diplomática; e) AD em universos específicos: em Arquivos, Museus, AD da imagen e de documentos jurídicos e f) aspectos humanos e sociais da AD: Ética em AD; Ensino e pesquisa em AD e Políticas de AD.

Como tônica comum percebe-se, nessa literatura, a preocupação em explicitar os procedimentos da AD e as bases teórico-metodológicas que neles subjazem, assim como as peculiaridades que os mesmos podem assumir em distintas áreas de especialidade ou tipologias documentais. Com base em tais aspectos é que se torna possível, então, proceder à construção e/ou à utilização dos instrumentos para a geração dos produtos.

É de se observar que, no decorrer de suas quase três décadas de atuação, o Grupo TEMMA teve e continua tendo significativa influência na construção teórica da área de T. T. I., no Brasil, tendo contribuído para a formação de docentes e investigadores na área.

Um aspecto-marco na atuação do Grupo TEMMA ocorreu em 1989, quando Johanna Smit trouxe ao Brasil para ministrar uma disciplina de pós-graduação na ECA-USP, assim como realizar reuniões de trabalho com os integrantes do grupo, o Prof. Dr. Jean-Claude Gardin que, na condição de um dos grandes idealizadores da linha teórica de análise documental no âmbito da organização da informação, exerceu direta influência na configuração epistemológica dessa áreas de estudos, como destaca Guimarães (2008, 2009) mais especialmente no Brasil, a partir da atuação do Grupo TEMMA, e na Espanha, fruto de uma interlocução com o Grupo TEMMA, a partir das estadias de Antonio Garcia Gutierrez e de José Antonio Moreiro González na ECA-USP em 1989, PINTO MOLINA, 1992, 1993; RUIZ PÉREZ, 1992; MOREIRO GONZÁLEZ, 1993). Essa configuração investigativa teve seu marco no livro “Análise documentária: a análise da síntese” (SMIT, 1987), publicado pelo IBICT (e republicado em 1989), quando se lançaram as bases da pesquisa em análise documentária que naquele momento germinavam no país.

No âmbito específico da pós-graduação na área de Ciência da Informação, merece especial destaque a profícua atuação de Johanna Smit na condição de representante da sub-área de Ciência da Informação no Comitê de Ciências Sociais Aplicadas I da CAPES, até 2007, quando trabalhou incansavelmente para a

maior visibilidade de área de Ciência da Informação no cenário da pós-graduação no Brasil, contribuindo para o crescimento do número de programas, do aperfeiçoamento desses programas na avaliação Capes, e na qualificação da produção científica dos programas, em especial a partir do Qualis Capes, entre outros aspectos.

No que tange à vasta produção científica de Johanna Smit, algumas frentes temáticas se revelam predominantes: a análise documentária, a configuração epistemológica da Ciência da Informação, a documentação audiovisual, as relações entre arquivologia, biblioteconomia e/ou museologia, e a questão da organização arquivística, como se pode observar na Bibliografia ao final apresentada.

Dois aspectos merecem especial destaque no que se refere à participação de Johanna Smit na consolidação do ambiente acadêmico de Ciência da informação no Brasil: sua atuação como membro fundador e primeira tesoureira da ANCIB (1989-1991) e sua atuação como membro fundador e primeira tesoureira da ISKO-Brasil (2007-2011), o que revela não apenas sua liderança acadêmica como também seu espírito agregador na área.

No âmbito das ideias, deve-se ressaltar a constante preocupação da pesquisadora com a explicitação dos procedimentos de organização da informação, revelando uma indissociabilidade entre os contextos de produção, de organização e de uso da informação, a possibilidade de um mais estreito diálogo entre as áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, desde que, reconhecido o fim comum de tornar a informação disponível e acessível à sociedade, possa identificar-se uma diversidade de procedimentos que, a sua vez, atuam de forma complementar.

No âmbito específico da Arquivística, Smit trouxe à balia uma discussão que, embora urgente, era frequentemente postergada: a necessidade de um controle de vocabulário na representação documental para que, em colaboração com a aplicação dos princípios de proveniência e organicidade,

pudesse ser cada vez mais facilitada a relação entre o produtor e a organização documental e entre esta e o usuário.

Por fim, no que tange à configuração da área de Ciência da Informação como um todo, a pesquisadora destaca a importância do registro – e, por conseguinte, do documento – para que a informação possa ser efetivamente objeto de estudo da área, enquanto um conjunto de

estruturas simbolicamente significantes, codificadas de forma socialmente decodificável, e registradas (para garantir permanência no tempo e portabilidade) e que apresentam a competência de gerar conhecimento para o indivíduo e para o seu meio. Essas estruturas significantes são estocadas em função de um uso futuro, causando a institucionalização da informação (SMIT 7 BARRETO, 2002, p.22)

Quero crer que, nessa definição, esteja a síntese – algo tão peculiar a Johanna Smit – de todo um pensar, que contempla a materialidade socializada da informação para que possa ser objeto da Ciência da Informação, a sua organização como processo mediador e seu uso e apropriação como fim último, considerando, para tanto, a necessidade de espaços formais de estocagem – as denominadas instituições de informação, como arquivos, bibliotecas e museu, que se prestam a um fim social, na medida em que contribuem para a construção de uma memória.

Por fim, e uma vez abordados aspectos acadêmicos que comprovam o pioneirismo, a liderança e, principalmente e excelência teórica de Johanna Smit gostaria, com a honra que me foi dada de haver sido seu orientando de mestrado e de doutorado por cerca de uma década, assim como seu companheiro acadêmico em publicações e em espaços investigativos como a ISKO-Brasil, dar o meu testemunho da coerência, da consistência, do embasamento ético, do espírito agregador e, acima de tudo, da

extrema generosidade de Johanna Smit, que figura e figurará na história da Ciência da informação brasileira sempre como um de seus baluartes, servindo de modelo e de inspiração para os que com ela convivem e os que a sucederem.

REFERÊNCIAS

COYAUD, M. (1966). **Introduction à l'étude des langages documentaires**. Paris: Klincksieck, 1966.

GARDIN, J.-C. Analyse et sélection documentaires sans les sciences humaines. In: Leroy, A. **Enseignement préparatoire aux techniques de la documentation automatique**. Bruxelles, Euratom, 1966a. 137-146.

GARDIN, J.-C. Eléments d'un modèle pour la description des lexiques documentaires. In: **Bulletin des Bibliothèques de France**, v. 11, n. 5. 1966b, p. 171-182.

GARDIN J.-C. Analyse documentaire et théorie linguistique. In: Les analyses de discours. **Neuchatel: Delachaux et Niestlé**, 1974. p. 120-168. (Zèthos).

GARDIN J.-C. Recherches sur l'indexation automatique des documents scientifiques. **Revue d'informatique et de recherche opérationnelle**, 1ere année, 1967, n. 6, p. 27-46.

GARDIN, J.-C. Procédures d'analyse sémantique dans les sciences humaines. In: Pouillon, J., Maranda, P. (Org.) **Échanges et communications: mélanges offerts à Claude Lévi-Strauss à l'occasion de son 60ème anniversaire**. [The Hague]: Mouton, 1970. p. 628-657.

GARDIN, J.-C. Document analysis and linguistic theory. **Journal of Documentation**, v. 29, n. 2, 1973, p. 137-168.

GARDIN, J.-C. et al. **La logique du plausible: essais d'épistémologie pratique**. Paris: Maison des Sciences de l'Homme, 1981.

GUIMARAES, J. A. C. Abordagens teóricas de tratamento temático da informação (TTI): catalogação de assunto, indexação e análise documental. In: GARCÍA MARCO, F. J. **Avances y perspectivas en sistemas de información y documentación**. Ibersid, Zaragoza, 2009, p. 105-117.

GUIMARAES, J. A. C. A dimensão teórica do tratamento temático da informação e suas interlocuções com o universo científico da International Society for Knowledge Organization (ISKO). **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 1, p. 77-99, 2008.

MOREIRO GONZALEZ, J.A. **Aplicacion de las ciencias del texto al resumen documental**. Madrid: Universidad Carlos III de Madrid, 1993

PINTO MOLINA, M. Análisis documental: fundamentos y procedimientos. Madrid: EUDEMA, 1993.

PINTO MOLINA, M. **El resumen documental: principios y métodos**. Madrid; Salamanca: Fundación Germán Sánchez Ruiperez; Madrid: Pirámide, 1992.

RUIZ PEREZ, R. **El analisis documental: bases terminológicas, conceptualización y estructura operativa**. Granada : Ed. Universidad de Granada, 1992.

BIBLIOGRAFIA DE JOHANNA SMIT

ASHTOFFEN, R. ; SMIT, J. W. **Análise crítica do software AntMovieCatalog sob o ponto de vista da organização da documentação audiovisual**. Biblos (Rio Grande), v. 24, p. 43-57, 2010.

BELLOTTO, H. L.; SMIT, J. W.; CAMARGO, A. M. A.; BORGES, E. R.; INOJOSA, R. M. O Sistema de Arquivos da Universidade de São Paulo: uma experiência em arquivos universitários. In: BrankaTanodi. (Org.). **Archivos universitarios: temas archivísticos y actas III Reunion de Archivos Universitarios**. 1ed. Córdoba: Brujas, 2004, v. 1, p. 70-80.

CAMARGO, A. M. A.; BORGES, E. R.; BELLOTTO, H. L.; SMIT, J. W. **Sistema de Arquivos da Universidade de São Paulo:** instrumentos de gestão. 1. ed. São Paulo: USP, 1997. v. 3. 721p.

CANIZAL, E. P. ; BARRETO, A. A. ; SMIT, J. W. Documento de área: Ciências Sociais Aplicadas II: Biblioteconomia. **Infocapes**, Brasília, v. 7, n.1, p. 85-87, 1999.

KOBASHI, Nair Yumiko; SMIT, J. W.; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Constitution of the scientific domain of information science. In: Maria José López-Huertas. (Org.). **Challenges in know ledge representation and organization for the 21st century.** Wurzburg: Ergon, 2002, v. 1, p. 80-85.

LARA, M. L. G. (Org.) ; SMIT, J. W. (Org.). **Temas de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil.** 1. ed. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes / USP, 2010. v. 1. 341p.

LARA, M. L. G.; SMIT, J. W. Os Enancibs e a Ciência da Informação Brasileira: Introdução. In: Marilda L. G. de Lara; Johanna W. Smit. (Org.). **Temas de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil.** 1ed. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes / USP, 2010, v. 1, p. 11-21.

MASCARENHAS, F. ; SMIT, J. W. Organização da informação em sistemas eletrônicos abertos de Informação Científica & Tecnológica: análise da Plataforma Lattes. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 14, p. 77-98, 2009.

MASCARENHAS, F. ; SMIT, J. W. Sistemas nacionais de Informação Científica e Tecnológica: um breve histórico. In: Diego A. Salcedo; Maria Cristina Guimarães Oliveira; Maria Mercedes Dias Ferreira Otero. (Org.). **Construção, práticas e identidades da Ciência da Informação.** 1 ed. Recife: NECTAR, 2008, v. , p. 57-77.

NATALI, J. B.; SMIT, J. W. A agonia da estrutura na crítica literaria francesa. **ESCRITA**, São Paulo, v. 1, n. 6, p. 11-12, 1976.

SMIT, J. W. (Org.). **Análise documentária:** a análise da síntese. 2. ed. Brasília: IBICT, 1989. 135p .

SMIT, J. W. (Org.). **Análise documentária**: a análise da síntese. 1. ed. Brasília: IBICT, 1987. 133p.

SMIT, J. W. (Org.); MACAMBYRA, M. (Org.). **Catálogo de filmes etnológicos**: Encyclopaedia Cinematographica V. 1 - Brasil. SAO PAULO: USP, 1987. 43p.

SMIT, J. W. (Org.); MACAMBYRA, M. (Org.). **Cinema de animação**: catálogo de filmes e bibliografia 1984. 1. ed. São Paulo: USP, 1984. 37p.

SMIT, J. W. A análise da imagem: um primeiro plano. In: Johanna W. Smit. (Org.). **Análise documentária**: a análise da síntese. 2ed. Brasília: IBICT, 1989, p. 101-113.

SMIT, J. W. A análise da imagem: um primeiro plano. In: Johanna W. Smit. (Org.). **Análise documentária**: a análise da síntese. 1ed. Brasília: IBICT, 1987, p. 99-111.

SMIT, J. W. A documentação e suas diferentes abordagens. In: Marcus Granato. (Org.). **Documentação em museus**. 1ed. Rio de Janeiro: MAST – Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2008, v. 1, p. 11-22.

SMIT, J. W. A informação na Ciência da Informação. InCID: **Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 3, p. 84-101, 2012.

SMIT, J. W. **A pesquisa na área da Ciência da Informação. Transinformação**, Campinas, v. 14, n. 1, p. 25-28, 2002.

SMIT, J. W. A política governamental para a pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil. **Informação & Sociedade**. Estudos, João Pessoa, v. 9, n. 2, p. 385-397, 1999.

SMIT, J. W. A recuperação da história. **MEMÓRIA**, SÃO PAULO, v. 6, n. 20, p. 13-20, 1994.

SMIT, J. W. A relação teoria/texto: uma falsa tautologia. **ESCRITA**, São Paulo, v. 2, n. 20, p. 26-27, 1977.

SMIT, J. W. A representação da imagem. **Informare** (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 28-36, 1996.

SMIT, J. W. **Algumas questões sobre os documentos audiovisuais em bibliotecas.** São Paulo: Associação Paulista de Bibliotecários, 1995. v. 1. 13p.

SMIT, J. W. Análise documentária de documentos fotográficos. In: Fabiano Couto Corrêa da Silva; Rodrigo de Sales (Org.). **Cenários da organização do conhecimento: linguagens documentárias em cena.** 1ed. Brasília: Thesaurus, 2011, v. 1, p. 265-286.

SMIT, J. W. Análise semântica e análise documentária. **SIGNIFICACAO**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, p. 168-177, 1974.

SMIT, J. W. .Archivologia, biblioteconomia y museologia: semejanzas y diferencias. **Ciencias de la Información**, Havana, v. 30, n. 3, p. 3-10, 1999.

SMIT, J. W. Arquivologia, biblioteconomia e museologia: o que agrega estas atividades e o que as separa?. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 27-36, 2000.

SMIT, J. W. Arquivologia/biblioteconomia: interfaces das ciências da informação. **Informação & Informação**, v. 8, p. 29, 2003.

SMIT, J. W. Bibliotecário, in memoriam: um canto de morte em feito de psicodrama. **Palavra-Chave**. São Paulo, v. 2, n. 2, p. 2-3, 1982.

SMIT, J. W. Biblioteconomia e Documentação. In: Elza M. Ajzenberg. (Org.). **Comunicações e artes em tempos de mudança:** Brasil, 1966-1991. São Paulo: USP e SESC, 1991, v. 1, p. 89-94.

SMIT, J. W. Documentação audiovisual. In: Johanna W. Smit; Yêdda Dias Lima. (Org.). **Organização de Arquivos.** São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros / USP, 1999, v. 3, p. 36-48.

SMIT, J. W. Documentação e linguística: inter-relação e campos de pesquisa. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 11, n.1, p. 33-42, 1978.

SMIT, J. W. Etudes africaines en Europe: premier inventaire. **RECHERCHE PEDAGOGIE ET CULTURE**, v. 51, n. 51, p. 1-6, 1981.

SMIT, J. W. Eu, bibliotecário, RG xxxx e CPF yyyy, trabalho em arquivo ou museu... algum problema?. **Palavra-Chave**. São Paulo, v. 8, n. 8, p. 12-13, 1994.

SMIT, J. W. Grupo Temma. In: José Augusto Chaves Guimarães; Vera Dodebei. (Org.). **Desafios e perspectivas científicas para a organização e representação do conhecimento na atualidade**. -ed.Marília: ISKO-Brasil, 2012, v. 1, p. 222-226.

SMIT, J. W. Informação. In: Yêdda Dias Lima; Johanna W. Smit. (Org.). **Organização de arquivos**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros / USP, 1999, v. 1, p. 19-31.

SMIT, J. W. Introdução. In: Johanna W. Smit. (Org.). **Análise documentária: a análise da síntese**. 2ed. Brasília: IBICT, 1989, p. 7-12.

SMIT, J. W. Introdução. In: Johanna W. Smit. (Org.). **Análise documentária: a análise da síntese**. 1ed. Brasília: IBICT, 1987, p. 5-10.

SMIT, J. W. Novas abordagens na organização, no acesso e na transferência da informação. In: Helen de Castro Silva; Maria Helena T. C. de Barros. (Org.). **Ciência da Informação: múltiplos diálogos**. 1ed. Marília: Oficina Universitária Unesp, 2010, p. 57-66.

SMIT, J. W. O arquivo de museu e a informação. In: Ana Gonçalves Magalhães. (Org.). **Seminário Internacional Arquivos de Museus e Pesquisa**. São Paulo: MAC USP, 2010, p. 84-92.

SMIT, J. W. O documento audiovisual ou a proximidade entre s 3 Marias. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 26, n. 1/2, p. 81-85, 1993.

SMIT, J. W. O profissional da informação e sua relação com as áreas de biblioteconomia/documentação, arquivologia e museologia. In: Marta P. Valentim. (Org.). **Profissionais da informação: formação, perfil e atuação profissional**. 1ed. São Paulo: Polis, 2000, v. 1, p. 119-134.

SMIT, J. W. **O que é documentação**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. v. 1. 83p.

SMIT, J. W. **O que é documentação**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1. 83p.

SMIT, J. W. O Serviço de Documentação da USP e a produção de fotografias. In: Maria Lúcia Bressan Pinheiro. (Org.). **Registros fotográficos, patrimônio e memória da USP**. 1ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010, v. 1, p. 46-63.

SMIT, J. W. Por Um Código de Defesa do Consumidor da Informação. **Palavra-Chave**, São Paulo, v. -, n. 10, p. 2-2, 1998.

SMIT, J. W. Reprodução ou transformação: reflexões acerca do tripé ensino, pesquisa e extensão em Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 2, p. 97-103, 2003.

SMIT, J. W. Seshat et l'analyse poétique: à propos des critiques des Chats de Baudelaire. In: Jean-Claude Gardin. (Org.). **La logique duplausable**: essais d'épistémologie pratique en sciences humaines. 2ed. Paris: Maison des Science de l'Homme, 1987, p. 103-144.

SMIT, J. W. Seshat et l'anayse poétique: à propos des critiques des Chats de Baudelaire. In: Jean-Claude Gardin. (Org.). **La logique duplausable**: essais d'épistémologie pratique en sciences humaines. 1ed. Paris: Maison des Science de l'Homme, 1981, p. 95-145.

SMIT, J. W. Visite Nossa Cozinha. **Palavra-Chave**, São Paulo, n.10, p. 8-8, 1998.

SMIT, J. W.; BARRETO, A. A. Ciência da Informação: base conceitual para a formação do profissional. In: Marta Lígia P. Valentim. (Org.). **Formação do profissional da informação**. 1ed. São Paulo: Polis, 2002, v. 1, p. 9-23.

SMIT, J. W.; GUIMARAES, J. A. C. Análise documentária. In: Johanna W. Smit; Yêdda Dias Lima. (Org.). **Organização de Arquivos**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros / USP, 1999, v. 3, p. 62-77.

SMIT, J. W.; MACAMBYRA, M. M. **Tratamento de Multimídia**. São Paulo: Associação Paulista de Bibliotecários, 1997. v. 1. 13p.

SMIT, J. W.; E. Wense Dias ; R. F. Souza . Contribuição da Pós-Graduação para a Ciência da Informação no Brasil: uma visão. **Datagramazero** (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 1-11, 2002.

SMIT, J. W.; KOBASHI, Nair Yumiko. **Como elaborar vocabulário controlado para aplicação em arquivos**. 1. ed. São Paulo: Arquivo do Estado; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003. v. 1. 56p.

SMIT, J. W.; KOBASHI, Nair Yumiko; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. A função da terminologia na construção do objeto da Ciência da Informação. **Datagramazero** (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 2, n.2, p. 1-8, 2001.

SMIT, J. W. ; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Ciência da informação: pensamento informacional e integração disciplinar. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 1, p. 33-57, 2007.

SMIT, J. W.; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira . Ciência da Informação: uma ciência moderna ou pós-moderna?. In: LARA, M.L.G. de; FUJINO, A.; NORONHA, D.P. (Org.). **Informação e contemporaneidade**: perspectivas. 1ed. Recife: Nectar, 2007, v. 1, p. 27-45.

SMIT, J. W.; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Documentation: la mémoire et les systèmes de recherche d'information. **Sciences de la Société** (Toulouse), Toulouse, v. 68, n. 68, p. 176-189, 2006.

SMIT, J. W.; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. O pensar dos coordenadores de pós-graduação: USP. **Datagramazero** (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 3, n.5, p. 2-5, 2002.

SMIT, J. W.; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira; KOBASHI, Nair Yumiko. A determinação do campo científico da Ciência da Informação: uma abordagem terminológica.

Datagramazero (Rio de Janeiro), <http://www.dgz.org.br>, v. 5, n. 1, p. 1-8, 2004.

SMIT, J. W.; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira; KOBASHI, Nair Yumiko. Princípios teóricos e metodológicos da elaboração do Dicionário Crítico de Ciência da Informação. In: Margarita Correia. (Org.). **Terminologia e indústrias da língua:** actas do VII Simpósio Ibero-Americano de Terminologia. 1ed. Barcelona: ILTEC, 2003, v. 1, p. 921-931.

TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira ; SMIT, J. W. Ciência da Informação: a transgressão metodológica. In: Virginia Bentes Pinto; Lídia Eugênia Cavalcante; Casemiro Silva Neto. (Org.). **Ciência da Informação:** abordagens transdisciplinares gêneses e aplicações. 1ed. Fortaleza: Edições UFC, 2007, v. 1, p. 23-47.

SOBRE OS AUTORES

Cláudio Marcondes de Castro Filho

Doutor em Ciências da Comunicação (área de Ciências da Informação e Documentação). Professor do Curso de Graduação em Ciências da Informação, Documentação e Biblioteconomia da FFCLRP/ USP.
claudiomarcondes@ffclrp.usp.br

Cristina Dotta Ortega

Doutora em Ciências da Comunicação (área de Ciências da Informação e Documentação) pela Universidade de São Paulo. Professora Adjunta na Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (ECI/UFMG)
ortega@eci.ufmg.br

Deise Maria Antonio Sabbag

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista. Professora do Curso de Graduação em Ciências da Informação, Documentação e Biblioteconomia da FFCLRP/ USP.
deisemarian@gmail.com

Eliane Serrão Alves Mey

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (área de Ciências da Informação e Documentação); Professora aposentada da UFSCAR (SP) e UNIRIO (RJ).
mey.eliane62@gmail.com

José Augusto Chaves Guimarães

Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (área Ciência da Informação e Documentação). Professor Titular do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho em Marília-SP.
guima@marilia.unesp.br

José Eduardo Santarém Segundo (Org.)

Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-UNESP-Marília/SP. Professor do Curso de Graduação em Ciências da Informação, Documentação e Biblioteconomia da FFCLRP/ USP.
santarem@usp.br

Lena Vania Ribeiro Pinheiro

Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informações em Ciência e Tecnologia (IBICT).

lenavania@ibict.br

Ludmila dos S. Guimarães

Doutora em Ciência da Informação-PPGCI/UFRJ. Professor Adjunto da Escola de Biblioteconomia da UNIRIO.

lguimaraes2007@gmail.com

Maria Luiza de Almeida Campos

Doutora em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro em Informação Científica e Tecnológica - IBICT/UFRJ. Professora Associada do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense (UFF).

marialuizalmeida@gmail.com

Maria da Conceição Carvalho

Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (Área Estudos Literários). Professora Adjunto da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

mccarv@eci.ufmg.br

Márcia Regina da Silva (Org.)

Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Professora do Curso de Graduação em Ciências da Informação, Documentação e Biblioteconomia da FFCLRP/ USP.

marciaregina@usp.br

Mariângela Spotti Lopes Fujita

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (área Ciência da Informação e Documentação). Professora Titular do Departamento de Ciência da Informação da UNESP (SP).

fujita@marilia.unesp

Rosali Fernandez de Souza

Doutora pela Polytechnic of North London (Inglaterra). Professora Titular do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT / MCT.

rosali@ibict.br

Solange Puntel Mostafa (Org.)

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora. Livre-Docente do Curso de Graduação em Ciências da Informação, Documentação e Biblioteconomia da FFCLRP/USP.
smostafa@terra.com.br

Sueli Mara Soares Pinto Ferreira

Doutora em Ciência da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Professora Titular do Curso de Graduação em Ciências da Informação, Documentação e Biblioteconomia da FFCLRP/USP.
sueli.ferreira@gmail.com

EU

Este livro foi diagramado pela Editora UFPB em 2015,
utilizando a fonte Cambria.
Impresso em papel Offset 75 g/m²
e capa em papel Supremo 250 g/m².

O livro reúne a experiência pioneira de dez intelectuais brasileiros presentes nas primeiras movimentações da Ciência da Informação no Brasil, a saber: Maria Romano Schreiber, Cordélia Robalinho, Célia Zaher, Jannice Monte-Mór, Nice Figueiredo, Neusa Macedo, Briquet de Lemos, Hagar Espanha Gomes, Jaime Robredo e Johanna Smit.

Mais do que biografias ou reminiscências autobiográficas delineiam-se aqui percursos epistemológicos de nossa história recente das ciências envolvidas com informação. Como organizadores deste livro, queremos louvar os homenageados e agradecer aos comentaristas-autores dos capítulos deste livro ao aceitarem a tarefa com a satisfação e a responsabilidade dos que carregam a tocha olímpica, lançando-a sempre mais a frente.

OS ORGANIZADORES



ISBN 978-85-237-0958-7



9 788523 170958 7